



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

POR UMA ARQUEGENEALOGIA DE MILUNKA SAVIĆ:

Mulher-homem sérvia na Primeira Guerra Mundial

JOVANA SIMANIĆ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Guarapuava, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Gabriel Witzel

**Guarapuava, PR
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

POR UMA ARQUEGENEALOGIA DE MILUNKA SAVIĆ:

Mulher-homem sérvia na Primeira Guerra Mundial

JOVANA SIMANIĆ

**Guarapuava, PR
2016**

JOVANA SIMANIĆ

POR UMA ARQUEGENEALOGIA DE MILUNKA SAVIĆ:

Mulher-homem sérvia na Primeira Guerra Mundial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Guarapuava, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Gabriel Witzel

**Guarapuava, PR
2016**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Denise Gabriel Witzel
Universidade Estadual do Centro-Oeste: UNICENTRO – Presidente

Profª Drª Maria do Rosário de Fátima V. Gregolin
Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho – UNESP/Araraquara

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo
Universidade Estadual do Centro-Oeste: UNICENTRO

Profª Drª Maria Cleci Venturini
Universidade Estadual do Centro-Oeste: UNICENTRO

DEDICATÓRIA

Para os meus pais. *Do neba, kad se nebo probuši i koliko ima neba.*

AGRADECIMENTOS

Por acreditar em mim, continuamente, desde o início do nosso caminho. Por ter me agregado à sua família. Por ter me mostrado as riquezas do Brasil e da AD. Pelo investimento do seu interesse, apoio, amor e tanto mais, agradeço a minha *profa*, Denise Gabriel Witzel.

À UNICENTRO em Guarapuava e à UNESP em Araraquara, por possibilitarem a realização do meu desejo de ter uma identidade em língua portuguesa e de, um dia, ser professora daquilo que é, na minha opinião, a língua mais linda do mundo.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da UNICENTRO, que possibilitou minha participação do mestrado nessa universidade.

Aos professores e aos colegas do mestrado, por me ensinarem um modo diferente de pensar e por mudarem o meu pré-conceito do que/como é conhecimento.

À banca, pela confiança, pelas recomendações de leitura e pelas sugestões que enriqueceram o presente trabalho.

Agradeço à minha família brasileira, os Witzel, principalmente à Denise, à Dona Maria, ao mestre Julien, à Fernanda e à Carolina, que fizeram com que me sinta como uma deles.

À minha família em Zrenjanin e Lazarevo que me deixaram ir, já contando os dias até a minha volta.

Aos meus amigos sérvios, àqueles que disponibilizaram para mim o material em sérvio usado para a escrita desta dissertação e a todos aqueles que não deixaram de estar presentes na minha vida estrangeira.

Aos meus amigos brasileiros, que enxergaram em mim uma melhor eu, liberando-me. Agora que nos conhecemos, vocês vão comigo para onde quer que eu vá.

Ao grupo LEDUNI, pelas SIEPEs, SEDANs e outros estudos e desafios que enfrentamos e dominamos juntos.

Às palavras que, tão arbitrariamente ligadas às coisas conseguem, (in)convencionalmente, formar e transformar o mundo.

A nossa vontade é mostrar que as coisas não são aquilo que parecem ser. Pedimos ao leitor que ele esteja disposto a despir o seu olhar sobre o mundo vestido de **aeternae veritas** e revesti-lo múltiplas vezes, experimentando verdades outras, para assim ver o sujeito mulher viril como um sujeito tão normal ”como o sol não acende a água do rio Urucúia...”¹ (ROSA, 2006, p.599)...

¹ “Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia...” A citação foi tirada do romance roseano *Grande Sertão: Veredas*, cuja personagem principal, Diadorim, é um dos exemplos do sujeito-objeto do presente trabalho. No momento em que foram enunciadas as palavras citadas descobre-se, com choque, que Diadorim, durante a obra inteira um soldado-homem, era na verdade – um soldado-mulher.

APRESENTAÇÃO

Rompemos as regras de formatação das dissertações de mestrado ao incluirmos aqui como apresentação, o texto que esperaríamos encontrar nas páginas introdutórias de livros. Fizemos assim, porque achamos relevante situar a produção deste trabalho, antes do que ele mesmo falasse sobre os seus autores.

Até o final do ano de 2013, a Sérvia era a Sérvia e o Brasil era o Brasil. Depois, os dois começaram a se misturar em um país só, o encontro resultando nas páginas que seguem, de um verdadeiro projeto de felicidade.

Em 2013, eu (a mestranda Jovana Simanić), naquela época estudante do quarto ano de inglês na Faculdade de Filologia, Universidade de Belgrado, Sérvia, estava assistindo aulas de português (minha língua optativa, porque o meu grande sonho era ter uma identidade materializada naquilo que ainda acho ser a língua mais linda do mundo). Foi aí que conheci a professora Denise Gabriel Witzel, da UNICENTRO.

A ida da professora Denise para a Sérvia fez parte de um projeto de trabalho com o ensino de língua portuguesa no exterior, sob a organização do professor Valdir Heitor Barzotto da USP, São Paulo. De fato, a visita à Sérvia nunca fez parte do plano inicial do projeto, mas, uma vez participando de alguns seminários na Bulgária e na Croácia, só foi natural a professora aceitar o convite do leitorado do país vizinho. Os três meses em que a professora ministrou as aulas de português na Faculdade em Belgrado foram o suficiente para que todos nós se apaixonássemos pelos brasileiros, por um lado, e por outro, para que os estudantes sérvios descobrissem, por meio das apresentações sobre a tese de doutorado da professora, a Análise do Discurso e Michel Foucault, desconhecidos para os estudantes em formação nessa faculdade.

O desconhecido e o intrigante (a AD), o desejado (a língua portuguesa) e o inesperado (a presença vibrante de uma professora brasileira em um país tão distante e pequeno que muitos mal sabem que existe, a Sérvia); a coexistência acidental desses três transformou-se no meu possível futuro feliz.

Depois do primeiro café que tomamos juntas, no centro de Belgrado, a professora Denise partiu para casa, no Brasil, e aí começou um ano dos encontros com o grupo de estudos foucaultianos LEDUNI, pelo *skype*, e as primeiras leituras e os primeiros resumos dos textos de Foucault.

Agora, depois de um ano e meio no programa de mestrado na UNICENTRO, juntas de novo, estamos apresentando a nossa dissertação.

RESUMO

O tema no qual se assenta esta dissertação é a participação excepcional da mulher sérvia Milunka Savić na Primeira Guerra Mundial. Olhamos para esse sujeito duplo, mulher-homem, sob a ótica da Análise do Discurso dita foucaultiana, investigando a função do discurso midiático, religioso e político, entre outros, na constituição dos efeitos de verdades e de subjetividades de Milunka, que, conforme as condições sócio-históricas distintas, ora a deixa no esquecimento, ora a resgata e transforma em heroína. Partimos do princípio de que a linguagem, tanto verbal quanto imagética, sendo o lugar de materialização do discurso e imersa nas relações de poder normalizador, produz e/ou reproduz os efeitos sujeito. Para examinarmos a movência dos efeitos de verdade em volta de Milunka, selecionamos quatro materialidades que consituem o nosso *corpus*: (i) o livro *Mulheres de Tessalônica falam*, de autoria sérvia, que traz vozes de nove mulheres as que participaram das guerras nesse país, entre 1912 e 1918. Ecoando a realidade da Sérvia no início do século XX, ainda fortemente patriarcal, os enunciados desse livro reatualizam verdades sobre o corpo feminino cuja utilidade está voltada ao bem-estar da família e dos homens, produzindo o efeito mulher submissa e obediente, (ii) uma iconografia de Milunka Savić, composta de imagens que circulam nos jornais nacionais *online* na atualidade, cujos elementos subjetivizam Milunka ora como uma mulher e mãe, ora como um/a guerreiro/a (iii) dois pronunciamentos, um, do presidente e do patriarca sérvios, produzidos em 2013, na cerimônia ritualizada do segundo sepultamento de Milunka, quando os seus restos póstumos foram transportados para a Ala dos grandes de um cemitério em Belgrado, a capital. Um olhar arquegenealógico tanto para a materialidade dos pronunciamentos, quanto para as condições de sua produção – o ritual e o lugar do enterro e os sujeitos que falam, revelam o processo de heroinização de Milunka, agora uma grande mulher e, finalmente, (iv) a capa do livro sérvio *Mulher guerreira: Milunka Savić*, de 2014, cujo verso revela, entre outros, o enunciado *Joana d’Arc sérvia*, apontando, interdiscursivamente, para o ponto de encontro de duas heroínas, porque mulheres guerreiras. Conclui-se que, mesmo que seja constatável a articulação dos enunciados atuais sobre Milunka com o campo de memória sobre a mulher inferior, hoje sendo reconhecida como heroína, ela ocupa a posição sujeito igualmente importante como os homens ilustres.

Palavras-chave: mulher guerreira, corpo duplo, heroína nacional

ABSTRACT

The central theme of this dissertation is the exceptional participation of a Serbian woman, Milunka Savić, in the First World War. We look at this dual subject, a woman-man, through the lense of so called Foucault's Discourse Analysis, by investigating the role of mediatic, religious and political discourse, among others, in the constitution of truth and subjectivity effects about Milunka, which, depending on different socio-historical conditions, leave her to oblivion or rescue her from it, transforming her into a heroine. This dissertation is based on the premise that language, verbal or imagetive, it being a materialization ground for discourses and being immersed in normalizing power relations, produces and reproduces subjectivity effects. In order to examine movements of truth effects about Milunka, we selected four materialities constitutive of our *corpus*: (i) a Serbian book *Women from Thessaloniki speak*, which vocalizes the experience of nine women who participated in wars that took place I Serbia, between 1912 and 1918. Ecoing Serbian patriarchal reality at the beginning of the XX century, the enunciations found in the book restore truths about women's body, the utility of which was pointed to the well-being of the family and the men. Thus, these enunciations produce the 'effect woman' who is submissive and obedient; (ii) an iconography of Milunka, composed of images that presently circulate in national online newspapers and whose elements indicate processes of subjectification of Milunka as a woman and a mother, in the one hand, and as a (fe)male warrior, on the other; (iii) two pronouncements given by the president and the patriarch of Serbia, in 2013, at the ritualized ceremony of Milunka's second burial, when her remains were relocated to the Alley of the Greats in a cemetery in Belgrade, the capital. From an archeological-genealogical viewpoint, the materiality of the pronouncements itself and the factors that conditioned its production – the ritual, the ambiance and the subjects who spoke – reveal the process of heroinization of Milunka, now a great woman and, finally, (iv) the cover of another Serbian book, *Woman warrior: Milunka Savić*, published in 2014, the back of which shows the enunciation *Serbian Joan of Arc*, among others, showing, interdiscursively, the meeting point of the two heroines, because both were women warriors. It can be concluded that, even though the enunciations that constitute our subject are related to the field of memory about women inferiority, Milunka being recognized as a heroine today, occupies the subject position as important as that of illustrious men.

Key words: woman warrior, dual body, national heroine

LISTA DE FIGURAS

Número	Nome	Página
Figura 1	Milunka Savić	13
Figura 2	Organização do núcleo de conflito da Primeira Guerra Mundial	57
Figura 3	Milunka mulher 1	71
Figura 4	Milunka mulher 2	71
Figura 5	Milunka e suas filhas	72
Figura 6	A família da Milunka	72
Figura 7	Soldado Milun	78
Figura 8	Soldado Milunka	78
Figura 9	Enterro da Milunka 1	85
Figura 10	Enterro da Milunka 2	85
Figura 11	Enterro da Milunka 3	86
Figura 12	Enterro da Milunka 4	86
Figura 13	Capa do livro Mulher guerreira: Milunka Savić	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANA: GÊNESE, CONTEXTOS E CONCEITOS	22
1.1. <i>Pressupostos arqueológicos</i>	24
1.2. <i>Pressupostos genealógicos</i>	31
2. MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER/HOMEM	38
2.1. <i>O sujeito mulher na história</i>	38
2.2. <i>Estudos do gênero e história do corpo</i>	45
2.3. <i>Sobre a virilidade</i>	50
3. A EMERGÊNCIA, O APAGAMENTO E A ESCANÇÃO DO CORPO DA MULHER-HOMEM NA/DA HISTÓRIA DA GUERRA NA/DA SÉRVIA	56
	57
3.1. <i>Mulheres na guerra</i>	59
3.2. <i>O corpo duplo: de Herculine Barbin a Milunka Savić</i>	66
3.2.1. <i>Decifrando a corporeidade da mulher-homem</i>	69
3.2.1.1. <i>Sujeito Milunka Savić e vestígios da feminilidade</i>	71
3.2.1.2. <i>Sujeito Milun Savić e vestígios da virilidade</i>	78
3.3. <i>Discurso, ritual e iconografia fabricando uma heroína nacional</i>	83
3.3.1. <i>Heroína no discurso político e religioso</i>	90
3.3.1.1. <i>Milunka entre mitos e lendas</i>	95
3.3.2. <i>Jogos de verdade em torno da Joana d’Arc sérvia</i>	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA	117
ANEXOS	122

INTRODUÇÃO

Hoje não nos colocamos de pé apenas na frente de Milunka Savić, mas na frente de tudo aquilo que essa mulher maravilhosa, esse fenômeno singular representa, não somente na história da Sérvia, mas na história da humanidade.²



Figura 1 – Milunka Savić
Fonte: ĐURIĆ, 2004, p.12

² Esta é a frase introdutória da fala do presidente da República da Sérvia, Tomislav Nikolić, usada na cerimônia da transladação dos rastros postúmos de Milunka Savić para o cemitério dos indivíduos renomados da nação. Voltaremos para a fala inteira na parte analítica deste trabalho. Disponível em: <http://www.novosti.rs/vesti/naslovna/drustvo/aktuelno.290.html:463025-Milunka-Savic-Nepobediva-kao-Srbija>.

Ao olharmos para esta imagem, não temos dúvida de que o soldado é um homem. Entretanto, é uma mulher. Trata-se de Milunka Savić, que participou das Guerras dos Balcãs e da Primeira Guerra Mundial como combatente, mostrando grande coragem.

Alcançou o título de Sargento; é a mulher mais condecorada na história da guerra e a única que possui uma *Croix de Guerre*³ com a palma dourada, a maior condecoração francesa na Primeira Guerra Mundial. Admirada pelos soldados e pelo mundo – a mulher que lutava como homem – ao voltar para casa e para a vida de mulher, depois da guerra, foi esquecida. Quando morreu, morreu como mulher, enterrada no túmulo da família, sem grandes honras. Hoje, é reconhecida como uma heroína nacional e é chamada de Joana d’Arc sérvia. Alistou-se em 1914, vestida de homem porque, naquela época, mulheres não podiam combater.

Sendo, assim, mulher e homem em um só corpo, permite que a pensemos, com Foucault, como um sujeito de resistência. Michel Foucault foi um pensador que muito se inquietou com a vida dos homens infames, vidas anônimas e paralelas que só se manifestavam em choque com o poder. Em meio à sua antologia da existência, deu visibilidade, por exemplo, ao memorial de Herculine Barbin (1838-1868), mulher (homem) francesa (francês) que viveu o conflito, as perturbações, as misérias e os sofrimentos do corpo duplo de um hermafrodita em uma época fortemente presidida por saberes religiosos, médicos e jurídicos que concebiam o hermafroditismo como uma anomalia anatômica e fisiológica. Sob as aparências confusas de um corpo ambíguo, acreditava-se, havia um verdadeiro sexo escondido que os especialistas deveriam identificar, de modo a determinar uma correspondência rigorosa e direta entre o sexo anatômico, o sexo jurídico e o sexo social. O hermafrodita, portanto, era sempre tratado como um “pseudo-hermafrodita”.

Milunka e Herculine, porque eram mulheres, viviam “paralelamente”, no sentido que Michel Foucault (1994) dá ao termo. O filósofo lembra que colocar as vidas dos homens louváveis em paralelo era uma prática na Grécia antiga que garantia a eternidade dessas vidas (uma vez paralelas) e o seu cruzamento no infinito (tendo em comum o fato de serem ilustres). *Vidas paralelas* é uma seleção de autobiografias em dois números que contém o livro *Herculine Barbin, dite Alexina B.*, e *Le cercle amoureux d’Henry Legrand*. A coleção foi publicada em 1978, acompanhada de uma apresentação de Michel Foucault que, ao justificar o título, explica:

³ *Croix de Guerre* (Cruz de Guerra) foi uma condecoração instituída em 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, mas foi distribuída aos combatentes que mostraram atos heróicos no combate, com os soldados adversários na Segunda Guerra Mundial e outros conflitos semelhantes, também. O recebimento da Ordem Nacional da Legião de Honra, instituída por Napoleão Bonaparte, em 1802, precede e resulta automaticamente no recebimento da *Croix de Guerre*. A Milunka possuía duas Ordens Nacionais da Legião de Honra, entre outras condecorações.

Os antigos gostavam de colocar em paralelo as vidas dos homens ilustres; escutava-se falar através dos séculos dessas figuras exemplares. As paralelas, bem sei, são feitas para se reunirem no infinito. Imaginemos outras que, indefinidamente, divergem. Sem ponto de encontro, nem lugar para as recolher. Frequentemente elas não tiveram outro eco senão o de sua condenação. Seria necessário apanhá-las na força do movimento que as separa; seria necessário redescobrir o rastro instantâneo e fulgurante que elas deixaram quando se precipitaram para uma obscuridade onde “isso já não conta” e onde todo o “renome” é perdido. Seria como o inverso de Plutarco: vidas a tal ponto paralelas que já ninguém as pode reunir (FOUCAULT, 1994, vol. III, p. 499).

Colocar vidas condenadas ao apagamento da memória em paralelo é uma provocação para o nosso pensamento normalizado(r), acostumado a olhar para a história como espaço linear, contínuo, em vez de a tratar como séries descontínuas de acontecimentos e rupturas dispersos (FOUCAULT, 2007).

A propósito da história e do controle social do corpo de Herculine, mais precisamente da biopolítica que enredou esse corpo nas tramas de uma verdadeira caça de uma identidade na ordem sexual, rememoremos, ainda que sumariamente, sua existência relâmpago: ela nasceu e viveu durante vinte anos como mulher. Ainda que de família muito pobre, chegou a formar-se e a trabalhar como professora primária. Seus problemas iniciaram quando, na puberdade, as marcas da virilidade sobressaíam em relação às de feminilidade: ela não menstruava, não desenvolvia seios e precisava depilar o rosto. Após se queixar de dores, confessou a um bispo a existência de seu corpo duplo e, em 1860, foi examinada por um médico. Consequentemente, foi submetida às ordens normalizadoras de um poder que, ao distinguir o normal e o patológico, precisavam restituir o sistema de normalidade do seu corpo, de suas condutas e de seus comportamentos.

Diante da identificação de que Herculine portava os dois sexos, seguiu-se a decisão jurídica de que ela era, na “verdade”, um homem; foi “rebatizado” legalmente, foi interdito de manter sua relação amorosa com um professor – a homossexualidade era proibida e a desobediência poderia levar à pena de morte –, perdeu o emprego, mudou-se de cidade, viveu desprezada/o, abandonada/o e em extrema pobreza; escreveu suas memórias nas quais deixa muito claro que não conseguia se adaptar à sua nova identidade e, por fim, acabou se suicidando em fevereiro de 1868 com trinta anos de idade.

Foucault (1994, p. 624), a propósito do que havia chamado sua atenção no caso de Herculine Barbin, escreve sobre o que seria o sexo verdadeiro. No caso do hermafrodita,

não existe sexo verdadeiro. O conceito de pertencimento de um indivíduo a um sexo determinado foi formulado pelos médicos e juristas apenas no

século XVIII aproximadamente [...] Na civilização moderna, exige-se uma correspondência rigorosa entre o sexo anatômico, o sexo jurídico o sexo social; esses sexos devem coincidir e nos situam em uma das duas colunas da sociedade. Antes do século XVIII, no entanto, havia uma margem de mobilidade bastante grande.

O que tem de especial na singularidade da história dela/dele é que, mesmo obedecendo às regras da lei e da sociedade, Herculine questionava a necessidade da existência do verdadeiro sexo do indivíduo e a identificação dele por sua sexualidade, assim dismantando a arbitrariedade dos saberes do seu tempo e contestando o poder. Herculine, por um lado, a pessoa com a identidade feminina e a masculina, ou melhor, sem identidade, foi obrigada/o a se vestir de homem para ser categorizado e se construir como sujeito pertencente a certo sexo. Milunka Savić, por outro, é uma mulher que, “por sua vontade”, usava roupa masculina para se construir como sujeito homem e poder entrar no exército sérvio durante a Primeira Guerra Mundial. Enquanto de Herculine foi ‘roubada’ sua subjetividade, sendo-lhe imposta a subjetividade outra, a história de Milunka é um exemplo da ‘livre’ escolha da subjetividade outra, no ato estratégico do apagamento da subjetividade própria. Livre escolha que precisa ser pensada à luz dos interditos, das imposições e das significações, a partir dos discursos que definiram um corpo/sexo de sujeito mulher na sua época, início do século XX.

Desse modo, as duas protagonistas, aparentemente sujeitos em casos distintos e não aproximáveis, unem-se no ponto comum da alteridade, que acaba sendo, em ambos os casos, uma necessidade associada a uma normatização de corpos, sexo e condutas. Ou seja, estão unidas pela posição sujeito duplo e travestido – hermafrodito, metaforicamente falando – esquecido depois do seu brilho temporário, deixado de lado para ser redescoberto anos depois.

Nessa movência que faz desses sujeitos ora mulheres ora homens, recuperemos algumas concepções de identidade explicadas por Gregolin (2007). Se tentarmos interpretar as três maiores concepções do sujeito/identidade por aquilo que elas têm de positivo ou negativo, poderíamos concluir, entre muitas outras coisas, o seguinte:

- a) Por um lado, quando, no Iluminismo, acreditávamos que éramos indivíduos sempre iguais a nós mesmos (um indivíduo tinha uma identidade bem definida – e isso o diferenciava dos outros - e essa não mudava ao longo da sua vida), o aspecto positivo estava no fato de que tínhamos sempre certeza de que(m) éramos (a resposta estava em nós mesmos), mas, ao mesmo tempo, caso o indivíduo não gostasse do que era, não era possível sair da sua própria pele.
- b) Por outro lado, o mundo pós-moderno, caracterizado por mudanças rápidas e permanentes, colocou espaço para identidades em fluxo. Agora, tornou-se possível

assumir outras identidades, mas, conseqüentemente, estamos na busca incessante pelo “Santo Graal” (uma identidade “nossa”), porque não sabemos mais quem somos.

Dessas duas concepções, talvez possa parecer ideal ver-se e ser visto como sujeito na/da modernidade que procede do sujeito “bem definido” e precede ao “perdido”, aquele que ainda e ilusoriamente guarda a sua essência, mas encontra a sua completude (que é atingível!) nas relações com os outros. Contudo, isso também tem seus lados não tanto positivos. Foucault mostrou que são essas relações, tanto aquelas entre o Estado e a sociedade quanto aquelas “microfísicas” (2007) e cotidianas, que estratégica e incessantemente nos colocam em uns, nos recolocam e nos deslocam de outros lugares, o que dispersa e fragmenta nosso antigo núcleo identitário.

As diferenças entre o “masculino” e o “feminino” que resulta em diferenças dos papéis sociais dos homens e das mulheres são um bom exemplo do funcionamento das práticas discursivas imersas nas relações de poder-saber (FOUCAULT, 2008), uma vez que elas mesmas são efeitos desses discursos. No pensamento tradicional da cultura ocidental, a divisão entre o sujeito mulher e o sujeito homem é rígida: em um lado, encontra-se o sujeito mulher que, histórica e estrategicamente, foi/é silenciado, desvalorizado física e psiquicamente (somente para mostrar uma das características negativas que lhe foram/são conferidas); no outro, está o sujeito homem cuja subjetivação se dá nas imposições dos ideais de dominância e virilidade (também para destacar somente dois). O sujeito homem e o sujeito mulher, o “masculino” e o “feminino” são fragmentos identitários do sujeito mulher guerreira vestida de homem, sujeito esse clivado, abertamente polissêmico, reencontrado pelas/nas configurações e reconfigurações hermenêuticas; mas, no choque com a memória e com o poder, ele é um sujeito problemático, gerador de preconceitos.

Tendo em conta a perspectiva teórico-analítica foucaultiana que subsidia as reflexões deste trabalho, não pretendemos analisar esse sujeito como uma individualidade, tampouco a partir de seu aspecto psicologizante. Não nos interessa se ele se *sente* em casa ou não em sua pele/corpo de mulher, ou mesmo se ele sofre preconceitos na sua sociedade. Nosso objetivo geral é analisar discursivamente o que foi dito e mostrado – textos verbais e imagéticos – sobre Milunka Savić – o sujeito mulher guerreira travestido de homem – mobilizando os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa, notadamente a partir da perspectiva foucaultiana. Isso implica analisar o acontecimento discursivo do sujeito mulher guerreira como uma resistência (FOUCAULT, 1995) ao poder que, ao longo da história das mulheres, subjetivou-a como ser frágil e interdito à virilidade. Mais do que isso, os

discursos que construíram uma sociedade notadamente patriarcal, confinando as mulheres no espaço doméstico e na função materna, abrem brechas para a irrupção da mulher/homem, conduzindo-nos a pensar na relação inescapável entre língua, história e memória que definem sujeitos. Nessa injunção, a linguagem deixa de ser pura forma e adquire historicidade. E quando falamos de história, aqui, mais particularmente história da mulher, temos que enfrentar, como orienta a Análise do Discurso, sentidos muitas vezes apagados/silenciados; temos que compreender que ela é, também, a história do homem, da família, do casamento, da maternidade, e, principalmente, do seu corpo (WITZEL, 2011). Corpo que atualiza normatizações das práticas e poderes desencadeados pelo discurso médico, jurídico, religioso.

Especificamente, esta dissertação visa: (i) descrever e analisar discursos cujos efeitos de sentido (re)produziram uma subjetividade fabricada excepcionalmente, na medida em que sua existência foi possível (ela, de fato, existiu?) porque houve guerra – evento igualmente excepcional; (ii) percorrer trajetórias de leitura decifrando o corpo duplo do sujeito mulher-homem, lendo-o, como ensinou Foucault (1994), imerso na história, uma história que pode arruinar o corpo (iii) dar visibilidade à certa jornada do herói, calcada na produção de mitos/discursos que fabricaram um sujeito heroína nacional.

No encaixe desses objetivos, organizamos esta dissertação da seguinte maneira: o primeiro capítulo lança um breve olhar sobre os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, em consonância com formulações foucaultianas, notadamente: discurso, sujeito, enunciado, memória, formação discursiva, arquivo, poder-saber, poder disciplinar e biopoder. O segundo capítulo dá visibilidade às histórias que, ora se complementam (a história das mulheres e dos homens), ora se cruzam (a história das mulheres e a do gênero/sexo), ora se negam (a história das mulheres e a da virilidade), mas que, unidas, constituem o sujeito plural, multifacetado e (in)existente desta dissertação. Finalmente, no terceiro e último capítulo, mostramos as sistematicidades da língua e as (des)continuidades históricas, analisando os efeitos de sentido produzidos sobre e pelo sujeito Milunka, mulher guerreira travestida de homem.

O material analisado nesse terceiro capítulo é constituído por quatro materialidades, a saber:

- (i) o livro sérvio *Žene solunci govore (Mulheres de Tessalônica falam, tradução livre nossa)* de Antonije Đurić. Trata-se de uma obra publicada em 2004, produzida a partir de depoimentos das mulheres sérvias que participaram da Primeira Guerra Mundial como enfermeiras e/ou soldados. O autor desse livro

é jornalista, publicitário e escritor sérvio, que nasceu em 1929 (hoje tem 87 anos). Durante a maior parte da sua carreira, trabalhou como jornalista, escrevendo para um dos mais conhecidos jornais na Sérvia que circulou entre 1963 e 2005, chegando ao quarto lugar no *ranking*. Antes de publicar o seu primeiro livro *Solunci govore* (1978) (*Os sujeitos de Tessalônica falam*, tradução livre nossa), publicou, nesse jornal, o folhetim com o mesmo nome. Isso o tornou o primeiro jornalista a falar sobre os heróis da Primeira Guerra Mundial. Nesse livro, também há registros sobre Milunka Savić. Sua obra pode se caracterizar como prosa documentária, que traz à tona as pessoas e os acontecimentos reais e, no caso dos relatos, palavras realmente pronunciadas. A temática da sua obra inteira são as guerras na Sérvia – as duas guerras dos Balcãs e as duas guerras mundiais. A tradução da maior parte do primeiro capítulo de *Mulheres de Tessalônica falam* encontra-se anexa, no final do presente trabalho.

- (ii) onze imagens de Milunka Savić. A iconografia foi extraída de versões eletrônicas dos jornais sérvios: *Vesti online*⁴ (Notícias *online*, tradução livre nossa), *Večernje novosti online*⁵ (Novidades de tarde *online*, tradução livre nossa) e *Novi magazin*⁶ (Revista nova, tradução livre nossa) e (b) site da escola do ensino fundamental⁷, *Vojvoda Mišić*. Todos esses sites interessaram a este estudo, na medida em que, ao organizarem uma narrativa a propósito de Milunka, produzem discursivamente efeitos de sujeito, subjetivando-a ora como mulher-mulher, ora como mulher-homem, em uma trajetória que culmina com a posição sujeito de mulher-heroína (porque foi homem).
- (iii) pronunciamento do presidente da República da Sérvia e o do patriarca sérvio, quando da cerimônia de transferência dos restos póstumos de Milunka para a *Ala dos grandes*⁸, em 2013, ambos extraídos dos jornais mencionados. O pronunciamento do presidente foi transcrito para uso neste trabalho; o vídeo da

⁴ Selecionamos duas reportagens: (i) <http://www.vesti-online.com/Vesti/Srbija/358776/Milunka-Savic-konacno-u-Aleji-velikana> e (ii) <http://www.vesti-online.com/Vesti/Srbija/348301/Od-ratnog-heroja-do-cistacice>

⁵ Selecionamos duas reportagens: (i) http://www.novosti.rs/vesti/zivot_+.303.html:483041-Znamenite-srpkinja-Milunka-Savic---Od-ratnog-heroja-do-cistacice e (ii)

<http://www.novosti.rs/vesti/naslovna/reportaze/aktuelno.293.html:322641-Milunka-Savic-Heroina-pa-cistacica>

⁶ Disponível em: <http://www.novimagazin.rs/vesti/nikolic-milunka-savi---heroina-koja-lici-na-svoju-zemlju>

⁷ Disponível em: <http://osvojvodamisc.edu.rs/djaci/2013-14/milunka%20savic.htm>

⁸ *A Aleja velikana* (Ala dos grandes, tradução livre nossa) é uma parte do cemitério em Belgrado, a capital da Sérvia, que consiste em apenas 22 túmulos. Aqui foram enterrados os sérvios - os políticos, os cientistas e os artistas (...) mais notáveis – que deixaram importantes legados para o seu país.

sua fala está disponível na reportagem do jornal *Večernje novosti online*⁹, enquanto a fala do patriarca foi publicada no jornal *Novi magazin*¹⁰.

- (iv) A capa do livro *Žena-ratnik: Milunka Savić*¹¹ (Mulher-guerreira: Milunka Savić, tradução livre nossa), escrito por Randel Raša Anđelković, em 2014. No verso do livro, lemos sete expressões que se referem a Milunka, entre as quais destacamos o enunciado *Joana d’Arc sérvia*. Na atualidade da memória de Joana d’Arc, deparamo-nos com a figura mítica evocada por seus feitos heróicos que nos incitam a pensar nos efeitos de legitimação das novas verdades sobre Milunka Savić.

Ao olharmos discursivamente para esse material de análise, estaremos no encaixo das regras que definem o arquivo – explicado mais à frente – considerando fundamentalmente o sistema de enunciabilidade-dizibilidade (o que pode ser dito, o domínio da discursividade). Mais do que isso, interessam-nos os enunciados que ingressam na memória, pela recitação, reutilização por aqueles que têm o direito de apropriar-se de certos enunciados, principalmente os que retiram Milunka do silenciamento constitutivo das mulheres (PERROT, 2005).

Nos itens voltados para a metamorfose de Milunka enquanto heroína, decidimos casar, nas análises, estudos do campo da Mitologia com os estudos do campo da AD. Se fizemos assim é porque os mitos têm uma repetição ritualística na história e porque identificamos seus traços na rede complexa do verbal e não-verbal que constrói o nosso sujeito hoje. Os estudos do mito são importantes para as áreas que tratam da linguagem, uma vez que o mito, antes de surgir a capacidade de falar na espécie humana, já pulsava no homem. Ele só ganhou sua materialidade, sua narração e seu discurso linear, no momento em que surge a fala. Como texto base, ele nos ajuda a entendermos as ideias mais essenciais que nos inquietam desde os primórdios como, por exemplo, a vida e a morte, o bom e o mal, a masculinidade e a feminilidade etc. Olhando para o mito e para o passado, entendemos o presente e podemos fazer previsões para o futuro, que pode mudar completamente. Se o mito está fortemente presente nos discursos em torno de Milunka, isso nos diz que ela é um fenômeno social, cultural, um fenômeno importante, o lugar frágil da sociedade que o gerou, lugar esse que esconde grande potencial para metamorfoses futuras.

⁹ Disponível em: <http://www.novosti.rs/vesti/naslovna/drustvo/aktuelno.290.html:463025-Milunka-Savic-Nepobediva-kao-Srbija>

¹⁰ Disponível em: <http://www.novimagazin.rs/vesti/nikolic-milunka-savi---heroína-koja-licí-na-svoju-zemlju>

¹¹ Disponível em: <http://www.heroesofserbia.com/2014/03/06-03-2014-march-6-2014.html>

Sabendo que carregamos, hoje, fragmentos históricos que nos constituem como sujeitos, olhando para a memória do sujeito mulher e a especificidade das condições que permitiram a produção do sujeito Milunka mulher guerreira, podemos, como ensinou Foucault, fazer o trabalho diagnóstico do sujeito mulher viril na atualidade. Isso nos permite, seguramente, dar visibilidade ao deslocamento dos sujeitos e dos dispositivos que, subjetivando-nos, põem em funcionamento as classificações e reforçam a sexualização dos sujeitos e dos espaços. Perguntamo-nos, assim, em que medida, hoje, é ainda necessário que uma mulher seja homem para ter um papel na vida social ou política? É utilizada, hoje, e com que efeitos de sentidos, roupa masculina ou mais viril pelas mulheres? Enfim, sob quais máscaras (FOUCAULT, 2007) a atualidade do sujeito mulher ainda mantém o seu rastro histórico?

O interesse pelo assunto desta dissertação apareceu como uma continuação dos questionamentos e das inquietações sobre os processos de significação que definem relacionamentos entre seres humanos – um com o outro e consigo mesmos. Nessa linha de pensamento, desassossejou-nos também a discrepância entre os estudos que tratam das mulheres travestidas, que são poucos e mais raros, se comparados aos que tratam do homem travestido. Partindo, então, do sujeito mulher-homem guerreira, o percurso analítico desta dissertação focaliza a dispersão do corpo duplo, o lugar sensível às manobras histórico-linguísticas.

1. A ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANA: GÊNESE, CONTEXTOS E CONCEITOS

A Análise do Discurso (AD) estabeleceu-se na França dos anos 60, apoiando-se (e ao mesmo tempo negando) no estruturalismo fortemente presente nas práticas políticas e científicas da época. A AD nasceu a partir da releitura das obras de Marx, Saussure e Freud (PÊCHEUX, 1995), representantes das três disciplinas que constituíram os fundamentos teórico-metodológicos de um novo campo de saber. A desestabilização dos conceitos advindos da “tríplice aliança estruturalista” consiste em ressignificações, deslocamentos e apagamentos das categorias como unidade, totalidade, verdade, racionalidade. Em outras palavras, a AD se constituiu como campo de saber no momento do deslocamento do pensamento intelectual francês, fornecendo instrumentos para descrever e analisar uma ‘nova língua’, uma ‘nova história’ e um ‘novo sujeito’.

Antes de tudo, algumas palavras sobre o pai da Análise de Discurso francesa, Michel Pêcheux. A análise automática do discurso (1997) vale-se da metáfora da maquinaria discursivo-estrutural, na qual o processo de produção dos discursos se dá de uma maneira autodeterminada e fechada. A AD-1 pretende interpretar, no processo da análise linguística, as variações entre os traços empíricos discursivos, observáveis no *corpus* das sequências discursivas, partindo sempre da análise das sequências discursivas individuais para, finalmente, considerar o *corpus* na íntegra. Pressupõe-se, aqui, que é possível que o *corpus* seja um conjunto de enunciados constitutivos de um mesmo discurso, isto é, de uma mesma máquina discursiva, como, por exemplo, um mito ou uma ideologia. No processo de interpretar as estruturas das máquinas discursivas, elas são justapostas, ou seja, um discurso é identificado pela diferença em relação ao outro.

É essa justaposição dos processos discursivos que vai ser questionada na AD-2, na qual começam a circular as noções de formação discursiva, emprestada de Michel Foucault (2008), de interdiscursividade e de entrelaçamento desigual dos processos discursivos. Percebem-se várias, diferentes e entrelaçadas relações de força que movem a estrutura dos processos discursivos. A noção de formação discursiva (FD), que subentende interdiscursividade, sendo essa sempre “invadida” (FOUCAULT, 2008) por outras FDs, “faz explodir” a noção da maquinaria discursiva, fechada sobre si. A AD-2 é, portanto, o momento da ‘abertura’ da máquina discursiva; reconhecem-se como o objeto da análise as relações entre diferentes discursos, e não apenas o discurso fechado em si.

A noção do sujeito permanece igual em ambas as ADs: ele é assujeitado pelo discurso, e é o efeito produzido pela máquina com a qual se identifica. Ele não produz discursos intencionalmente e tem a ilusão de ser a origem dos seus dizeres. Ele é um ‘servo’ assujeitado.

Na AD-3, finalmente, a noção da maquinaria discursiva é totalmente destruída pela heterogeneidade, mostrada ou não mostrada, ou seja, pelo discurso do outro, no ‘próprio’ discurso. O processo da análise com a ordem determinada e fixa, primeiro linguística (das sequências individuais) e, depois, discursiva (do *corpus* como todo) passa a ser uma análise linguístico-discursiva. Isso significa que os dois tipos de análise são combinados alternativamente, produzindo, assim, interpretações sucessivas do *corpus* analisado, explorando-o “em espiral” e não mais na justaposição.

Daí surgiu a AD que toma texto como materialização do discurso, texto esse que produz sentidos só quando se reconhece sua intrínseca ligação à condição sócio-histórica na qual é produzido. Essa análise do discurso parte do texto, mas partindo, assim, da estrutura, liga-a com o acontecimento correspondente. Casando o texto e o discurso, a análise dá sempre uma resposta histórica e social.¹²

Michel Foucault mostra, cedo, seu interesse pelo discurso na sua produção científica, sem o intuito de fundar um novo campo de pesquisa. Entretanto, a teoria e a metodologia que desenvolveu, notadamente em sua *Arqueologia do Saber*, para analisar os processos históricos da subjetivação do ser humano, via discursos, têm subsidiado um sem número de pesquisas no Brasil, de modo que é possível falar de uma AD pêcheutiana e de uma AD foucaultiana.

Adotamos a denominação das ‘três épocas’ da produção intelectual de Foucault (1960-1984) e referimo-nos a elas como a arqueologia do saber, a genealogia do poder e a genealogia da ética. Fazemos essa separação simplesmente por razões didáticas, sabendo que a obra inteira é interligada pelo conceito de sujeito discursivo e pela pergunta: *Quem somos nós hoje?* Assim, seria possível falar, segundo Gregolin (2007, p.10), de uma arqueogenealogia como a base teórico-metodológica que nos guia na análise dos três modos de objetivação que transformam o ser humano em sujeito “objetivável por ciências, normatizável por disciplinas e dotado de uma subjetividade pela invenção de uma ciência sobre o sexo”, respectivamente.

¹² Acrescentamos aqui que estamos conscientes da importância de Michel Pêcheux para o campo da Análise do Discurso. No entanto, neste trabalho optamos trabalhar predominantemente com a perspectiva foucaultiana. Portanto, o uso da sintagma ‘Análise do Discurso’ (e do seu acrônimo, AD) neste trabalho, tem referência à perspectiva foucaultiana.

No momento arqueológico (*História da loucura*, 1961; *O nascimento da clínica*, 1962; *As palavras e as coisas* 1966; *A arqueologia do saber* 1969; *A ordem do discurso*, 1970), os saberes aparecem como o tema central. Vindo de uma família na qual o pai era médico, Foucault desenvolve, desde cedo, o interesse pelo saber médico e psiquiátrico, o que desenvolverá nos seus primeiros livros. Os saberes, observa ele, construídos historicamente, produzem os sujeitos, objetivando-os. Ao estudar os saberes, dedica-se, ao mesmo tempo, ao entendimento sobre a emergência das instituições que se valem desses saberes para classificar sujeitos, como, por exemplo, a clínica que separa os doentes dos saudáveis e o manicômio que separa os loucos dos sãos.

Não abandonando os saberes, na genealogia do poder (*A verdade e as formas jurídicas*, 1973; *O poder psiquiátrico*, 1973-1974; *Vigiar e punir*, 1975; *Os anormais*, 1975-1976; *Em defesa da sociedade* 1975-1976; *Microfísica do poder*, 1979; *Eu, Pierre Rivière...*, 1979), o foco se desloca para o poder e para a noção do dispositivo, que é uma estratégia do controle desse poder. Destacam-se dois grandes dispositivos – o dispositivo da prisão e o dispositivo jurídico. Enquanto o último tem o poder de dar o *status* de verdadeiro e, assim, classificar um indivíduo como criminoso, o primeiro, de natureza disciplinar, é uma maquinaria que transforma os criminosos em corpos dóceis, comportados e úteis.

Na genealogia da ética (*A hermenêutica do sujeito*, 1981-1982; *História da sexualidade I*, 1982; *História da sexualidade II*, 1984; *História da sexualidade III*, 1984), o dispositivo permanece o foco, mas, dessa vez, trata-se do dispositivo da sexualidade. Aqui, Foucault mostra que a moral também tem história. Sexualidade percebida sempre como algo tão íntimo quanto natural é, segundo o filósofo, uma construção histórico-social.

Resumidamente, no seu texto *Sujeito e poder* (1995), Foucault deixa clara a inquietação que move a sua obra inteira:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tomaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos (p.1).

1.1. Pressupostos arqueológicos

As formulações expressas na *Arqueologia do Saber*, livro publicado em 1969, são fundantes da AD foucaultiana, uma vez que o autor formula uma série de conceitos que

mostram que é no próprio discurso, em suas diversas materialidades (textos, arquitetura, artes...), que se produzem, historicamente, objetos, sentidos, sujeitos e subjetividades. Os conceitos arqueológicos constituem instrumentos para o historiador-arqueólogo que busca entender quem somos nós hoje.

No livro *Decifrar o corpo*, Courtine (2013) explica que Deleuze vê na arqueologia foucaultiana um entrecruzamento entre as coisas e as palavras, coisas essas que são vistas/visualizadas de modos diferentes em diferentes tempos e palavras, ou melhor, enunciados que são transformados conforme essas mudanças. Os saberes¹³ que a arqueologia busca, então, seriam o encontro do visível e do legível/dizível/enunciável sobre um objeto. Logo, o discurso como o lugar dos saberes é o cruzamento do linguístico e do histórico; mostra o jeito que as sociedades específicas e tempos específicos visualizavam, pensavam e falavam sobre objetos de seus pensamentos.

A relação entre o sujeito e o discurso não é a mesma do falante com a língua. A AD não tem como seu objeto a língua, nem a psicologia do sujeito que as usa para formular os seus pensamentos e exprimir desejos; não pretende entender as intenções na origem dos discursos empregados. Na verdade, ela nega a relação lógica entre discursos e o nível do real e do psicológico. Visa entender o discurso na sua especificidade, discurso esse que ocupa seu próprio espaço e irrompe segundo suas próprias leis, ou seja, é necessário entender discursos não como resultados daquilo que os precede, tampouco como causa daquilo de que procede, mas, antes, como acontecimento singular no “jogo das regras (...) irredutível a qualquer outro (discurso)” (FOUCAULT, 2008, p.157).

Com as variáveis do jogo entre a ruptura do acontecimento e a transformação histórica que amarram o discurso no seu nó singular, faz-se importante reconsiderar o conceito de tempo e da Nova História. O tempo não é linear; é feito por rupturas e discontinuidades. O historiador-arqueólogo não trata mais a história como uma evolução progressiva, na qual cada época é uma consequência ou um resultado lógico e esperado daquela que a precedeu (como sugeria o olhar biológico da evolução da vida humana); ele não busca interpretar os documentos, buscando sentidos aí escondidos. Em vez disso, ele faz uma arqueologia da história das transformações constituída de “emaranhado de discontinuidades sobrepostas” (FOUCAULT, 2005, p.293). Disso resulta o deslocamento da história “escrita por

¹³ Segundo Foucault, o campo do saber é envolvido na ficção e na reflexão, faz parte de narrativas, é inerente aos regulamentos institucionais, figura em decisões políticas etc. Ele é “o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso” (FOUCAULT, 2008, p.204). Em outras palavras, a posição ocupada pelo sujeito é determinada pelo saber; o sujeito, dependente do saber, é dominado e subjetivado por ele; ele é a condição e o limite da existência da singularidade e da dispersão do sujeito.

vencedores” para aquela que se lê através dos acontecimentos que ganham visibilidade, ao serem analisadas séries de documentos que tendem a ser esquecidos, séries que mostram que a “inversão de uma tendência econômica é muito mais importante do que a morte de um rei” (FOUCAULT, 2005, p.292).

O primeiro passo para entender a Nova história seria considerar sua interdependência com o discurso e com o fato de que não há nada que preexista a ele. É preciso reconhecer, nos documentos históricos, entendidos como discursos, um efeito de verdade produzido na/pela sua materialidade, no caso, pela língua e suas regras de uso, formas estruturais e a legitimidade que lhe é atribuída pela instituição que a produz. Dessa forma, aquilo que tradicionalmente reconhecemos como história, verdadeira e real, diz respeito a uma ilusão (não necessariamente propositada), criada pelos historiadores, também constituídos discursivamente. Logo, os documentos são recortes, nos quais uma seleção das informações, necessariamente, exclui outras, e, assim, se apaga a possibilidade de existência de outros recortes, outras representações da história, outros sujeitos e vozes, outras verdades. É assim que olhamos para o documento, como um monumento. Enquanto o primeiro é tomado como neutro e não se questionam as condições em que foi produzido, o monumento pressupõe intencionalidade, ele, sim, foi criado com um fim - para sobreviver na memória da sociedade e representar, para ela, esse, e não outro aspecto da história; esse, e não outro acontecimento. Em outras palavras, é preciso questionar a história que nos é dada, duvidar de que não haja nela intencionalidade.

Mesmo assim, os recortes que tecem a história que conhecemos encontram-se imaculadamente interligados e levaram Foucault a notar que, para analisá-la, cabe ao historiador buscá-la debaixo da “espuma da história” (FOUCAULT, 2005, p.291), e “descobrir esse estrato escondido de acontecimentos difusos, “atmosféricos”, policéfalos que, afinal, determinam, e profundamente, a história do mundo” (FOUCAULT, 2005, p.292). O recorte discursivo é determinado pelas condições sócio-históricas da sua existência. A pergunta: “Como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2008, p.30) é o primeiro passo da análise discursiva; é o momento em que acolhemos o discurso em sua irrupção de acontecimentos os quais, ligando-o com a sua historicidade, o singulariza e o distingue de outros enunciados.

O lugar antes ocupado por língua, proposições e falantes, agora é ocupado por discursos, enunciados e sujeitos.

A linguagem, hoje (e para a AD), é concebida de modo diferente se comparado com certa tradição nos estudos linguísticos. O sujeito cartesiano, pensado por Descartes, tem a

ilusão de que influencia a língua, na medida em que se considera a fonte dos seus dizeres e controlador dos sentidos que produz. O novo sujeito tanto produz discursos quanto é produzido por eles; é ativo e passivo; é sujeito e objeto, simultaneamente. Ele não deve ser, portanto, imaginado como um indivíduo de carne e osso, mas como um sujeito social cuja voz traz sempre outras vozes que, vindas de diferentes posições, podem se complementar ou se contradizer. O sujeito cartesiano¹⁴ está, portanto, descartado.

O enunciado é a função e a condição de existência das unidades linguísticas e outras materializações do discurso. O sujeito discursivo, entendido como uma posição vazia que preexiste ao enunciado, é uma das condições da sua existência, e é ela que define o efeito de sentido por ele produzido. Constitui-se pelo cruzamento da memória discursiva e das estruturas, ganhando, na sua atualidade, novos sentidos. Por exemplo, a palavra mulher (a estrutura) foi sempre usada, no seu sentido primário, para denominar uma pessoa de sexo feminino. O enunciado *mulher*, por sua vez, busca, na memória discursiva, o imaginário sobre a mulher, específico para certa condição sócio-histórica. O enunciado é o elemento mínimo do discurso, algo que “nem a língua nem a razão podem esgotar inteiramente“ (FOUCAULT, 2008, p.31), mas algo que, nela, encontra a sua materialidade e se torna o seu conteúdo. O enunciado (e o discurso), podemos ver, preexiste à sua materialização e não é exclusivamente linguístico. Foucault escreve sobre o enunciado:

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material) o enunciado é indispensável para que se possa dizer que há ou não frase, proposição, ato de linguagem (...) ele não é, em si mesmo, uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2008, p.97-98).

Um enunciado não pode existir sem outros com os quais se relaciona; é, simultaneamente, singular e repetível. Em outras palavras, ele irrompe como acontecimento singular, mas entra em vários tipos de relações com enunciados vindos de outros discursos, comentando-os, transformando-os, ou opondo-se a eles. Ele se delineaia “em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual” (FOUCAULT, 2008, p.111-112). A metáfora mais usada para descrevê-lo é a do “nó em uma rede” de discursos que, quando analisado (o nó), desvenda: a posição do sujeito que o produziu, os efeitos que resultam desse posicionamento e as

¹⁴ O sujeito cartesiano se refere ao sujeito uno, fixo e razoável, o modelo do ser humano das Luzes. O adjetivo remete à frase “*Cogito, ergo sum.*” (“Penso, logo existo.”), escrita no livro de Descartes *Discurso do Método* (1637).

condições sócio-históricas que possibilitaram que ele aconteça e que se materialize assim, e não de outra maneira.

Se o elemento mínimo do discurso é o enunciado, o maior seria o arquivo. O método arqueológico empregado na análise e interpretação da Nova História¹⁵ consiste em estabelecer a relação entre esses dois, explicando as regras e as condições de suas formações.

O arquivo é a massa de todas as coisas efetivamente ditas (enunciadas por certos sujeitos, vindos de certas instituições, falando em certas condições), de todos os enunciados, logo, ele nunca para de crescer e não é possível enxergá-lo na sua totalidade. Se fosse possível imaginar o presente do arquivo, ele seria um “acúmulo” de inúmeros enunciados, um “todo” dos já-ditos e, ao mesmo tempo, das lacunas de possibilidades dos jamais-ditos que podem ser efetivamente produzidos no futuro, de acordo com as relações entre os enunciados. Finalmente, tudo isso faz do arquivo “a lei do que pode ser dito” (FOUCAULT, 2008, p.147), e o “sistema geral de formação e da transformação dos enunciados” (FOUCAULT, 2008, p.148).

Entre o enunciado e o arquivo, temos as formações discursivas. Num plano menor, mas nem por isso mais simples, elas mostram as filiações entre os enunciados. Dessa forma, a FD é a “lei de coexistência dos enunciados” (FOUCAULT, 2008, p.132). Elas resultam das relações que os enunciados estabelecem um com o outro, sendo paradoxais, porque, embora uma formação nos faça pensar num sistema fechado, ela é inerentemente aberta, cheia de rupturas que deixam penetrar outras formações discursivas por meio dos seus enunciados que, relembramos, nunca existem sozinhos. O que se entende por unidade de uma formação é a regularidade dos temas, objetos e conceitos, além da semelhança de maneiras em que esses são dispersos nos discursos. É preciso vê-la na sua dispersão regular através dos tempos, dos espaços, dos autores e dos textos e enxergar:

um fio tênue, mas tenaz, que atravessa e tece a tela das palavras e das imagens, um discurso “transverso” indefinidamente repetido, que permite as “enunciações mais dispersas” no interior desse amplo *corpus*: o fio “interdiscursivo”, que é aquele da própria formação discursiva, esse *paradigma da expressão* que atravessa as textualidades [...], liga-os, ordena-os, assegura a passagem de um a outro, percebendo, ao mesmo tempo, a unidade e a dispersão de um leque inteiro dos saberes... (COURTINE, 2013, p.).

¹⁵ O conceito da arqueologia de Foucault e o conceito da Nova História podem parecer sinônimos, porém não o são. Foucault tinha uma ligação irrecusável com os historiadores da Nova História, mas sabemos que isso também é o caso de um conjunto de pesquisadores do campo da história, cujos trabalhos são diferentes da arqueologia foucaultiana. Esse conceito/método se aproxima da Nova História por meio da recusa à unidade, continuidade, origem, causalidade, etc, enquanto cria sua própria epistemologia que fornece instrumentos para a pesquisa feita pelo historiador arqueólogo, que não mais analisa documentos, mas sim monumentos.

Na arqueologia, o enunciado e o discurso são considerados acontecimentos. O deslocamento do conceito do acontecimento faz-se necessário, dado que o nível do discurso não é material, é apenas materializado; o acontecimento não é mais algo que ganha substância. Foucault explica:

O acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 2001a, p.57-58).

O acontecimento pode ser definido, então, como uma irrupção, ao mesmo tempo pontual e dispersa, definida, singularmente, pelo lugar e momento em que surge. Ele é simultaneamente um e muitos, e “possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação seleção de elementos materiais” (FOUCAULT, 2001a, p.57).

Resumindo o que foi dito sobre os conceitos-chave da arqueologia, destacamos que seria possível estabelecer entre eles, imaginando-os como círculos concêntricos, uma hierarquia. Nesse conjunto de relações complexas e interligadas, no lugar do conceito basilar está o enunciado, entendido não como uma unidade, mas como função. A razão pela qual o enunciado não é entendido como unidade é porque ele não pode ser uno, porque “nem a língua nem a razão podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2008, p.31), e, por isso, é diferente da frase, da proposição e dos *speech acts*. Sendo uma função, ele está necessariamente ligado ao sujeito que o produz e às condições sócio-históricas nas quais irrompe como acontecimento. Identificar e analisar o enunciado constitui o primeiro passo de uma análise histórico-arqueológica, uma vez que, constituído pela história, garante a visibilidade das modificações e transformações dos efeitos de sentido que produz.

No nível do círculo concêntrico seguinte, mais amplo, encontramos a formação discursiva, a união de um enunciado com outros. Uma FD tampouco seria uma unidade na perspectiva foucaultiana, no sentido restrito da palavra, porque toda FD é invadida por outras FDs. Essa interdiscursividade constitutiva da “lei de coexistência” dos enunciados (FOUCAULT, 2008, p.132) faz com que sua ‘unidade’ seja definida por um regime geral dos seus elementos, pela regularidade dos temas de que fala e as posições sujeito que podem assumir seus enunciados.

Uma prática discursiva é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma

determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p.133). Este trabalho se interessa pelas práticas discursivas e não discursivas que, no final do século XIX e no início do século XX, na Sérvia, produziam subjetividades: mulher, mãe, guerreiro/a, herói/heroína, e as demais posições que Milunka ocupou.

O elemento maior na hierarquia da arqueologia foucaultiana é o arquivo. Ele é o lugar dos acontecimentos enunciativos singulares, o lugar de sua ligação com outros e do exercício da função enunciativa, o lugar de construção das formações e das práticas discursivas, o lugar de onde enxergamos a positividade que une tudo o que foi dito sobre algo. O arquivo é o conceito mais amplo e sempre crescente, a condição e a lei daquilo que pode ser dito.

As reflexões de Michel Foucault sobre o campo associativo do enunciado estão nos alicerces do conceito de memória discursiva, formulado por Jean Jaques Courtine, na sua tese de doutorado *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (1981). O conceito de memória discursiva se refere àquilo que, no nível do discurso, garante a produção de sentidos.

O conceito de memória explica o atravessamento ou o apagamento do enunciado na história. Para a AD, a memória discursiva obviamente não se refere a lembranças que um indivíduo tem da sua vida; ela é uma fixação seletiva de discursos que reflete a vontade de saber coletiva de uma sociedade. Trata-se de uma “montagem” (LE GOFF *apud* GREGOLIN, 2004, p.23) da história de uma sociedade constituída por um conjunto de materialidades. É nela que existe uma força, uma regularidade, enfim, uma positividade que caracteriza discursos e os liga através do tempo, mostrando a repetição da “mesma coisa”, uma unidade dos discursos que transcende as unidades do livro e do texto. O *a priori* histórico (FOUCAULT, 2008) é a lei que rege a vida e a sobrevivência dos discursos, no espaço e no tempo e, como o próprio nome sugere, trata-se da lei estabelecida por discursos já-ditos que, só com o tempo, mostram as regras e as regularidades da sua existência.

No desenvolvimento do conceito de memória de Courtine (1981), Pêcheux (1999) propõe pensá-la como

[...] estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização [...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Aqui vemos a importância da condição do legível - é pela noção de memória discursiva que a língua deixa de ser pura estrutura e adquire historicidade, produzindo sentidos.

Diante de tudo o que foi explanado até aqui, concluímos que a arqueologia seria um dispositivo teórico-metodológico para analisar discursos nos quais não nos colocamos, enquanto seguidores de Foucault, dentro da unidade segura do *cogito*, mas, antes, é necessário olharmos para o “conjunto das coisas ditas, buscando as relações, as regularidades e as transformações que podem aí ser observadas, o domínio do qual certas figuras e certos entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante” (FOUCAULT, 2008, p.139).

O sujeito, em suma, é constituído por recortes e fragmentos discursivos históricos que se ‘unem’, hoje, na dispersão de todas as coisas ditas sobre ele. Assim, para que possamos analisar e descrever, arqueologicamente, um enunciado, devemos verificar as condições sócio-históricas de sua emergência que determinam a sua especificidade, isto é, produzem-no de uma forma, e não de outra. Voltando-nos arqueologicamente para o nosso material de análise, perseguimos os rastros da memória que permitiu acontecer uma Milunka vestida de homem, uma Milunka heroína e não uma outra Milunka.

1.2. Pressupostos genealógicos

Na parte genealógica da sua produção intelectual, Foucault mostra a interligação entre sujeitos, discursos, saberes e relações de poder. O mais importante a considerar em nossas análises são os exercícios de poder tão efetivos que produzem saberes que nos subjetivam/assujeitam, fazendo de nós recortes discursivos categorizados, normalizados ou mesmo segregados. Em outras palavras, o saber-poder é o que explica a constituição do sujeito como objeto do seu próprio conhecimento, isto é, os modos de sua subjetivação-objetivação. Vemos que o sujeito é sempre um sujeito duplo, constituído na articulação de dois processos: o da sujeição e o da subjetivação. No primeiro caso, falamos sobre o sujeito “ideal” constituído discursivamente pela exterioridade, por aquilo que se fala sobre ele, enquanto o segundo, resulta da “livre escolha” na aceitação/rejeição desses discursos.

Lançando um breve olhar sobre tipos de poder na obra de Foucault (1999a, 2007), discernidos nas tramas da história, destacam-se o poder soberano (que se assemelha ao pastoral), o poder disciplinar e o biopoder. O primeiro reconhece-se na relação entre o rei e o resto da população, entre o corpo investido de todo poder e os corpos cujo possível desvio dos

comportamentos “normais” é interpretado como ataque direto à autoridade do soberano. O poder disciplinar surgiu como resposta à necessidade dos corpos úteis e dóceis da sociedade industrial capitalista. Com isso, a punição, as “contra-condutas” e o valor que se atribui ao corpo passam por um deslocamento conceitual. O corpo está sempre vigiado para garantir a sua obediência; a punição, na forma de vingança do soberano, é substituída pelo encarceramento do condenado que tem como objetivo discipliná-lo, corrigir o seu comportamento para que sirva como exemplo para criminosos potenciais, tudo para aperfeiçoar a utilidade do sujeito para a sua sociedade. Finalmente, o biopoder é o modo de controlar e regularizar a população. Foucault (*apud* CASTRO, 2009, p.88) mostra que

até o século XVIII (...) o corpo dos indivíduos é essencialmente a superfície de inscrição de suplicios e penas. O corpo estava feito para ser supliciado e castigado. Já nas instâncias de controle, que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente: não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar.

Com relação ao biopoder, Foucault entende que ele surgiu de modo complementar ao poder disciplinar podendo infligir tanto a um corpo que se pretende normatizar quanto a uma população que se pretende regulamentar. As novas tecnologias do poder se deslocaram do corpo do indivíduo para o corpo-espécie, isto é, “o corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-las variar” (FOUCAULT, 1999b, p.152). Na atualidade das nossas relações sociais, o gerenciamento do biopoder funciona como uma biopolítica, uma espécie de “grande medicina social” que determina, por exemplo, o que um conjunto de viventes deve fazer de modo a garantir o “bem-estar social” da população.

Segundo Foucault (1999a), o poder não é absoluto e não se encontra concentrado em um lugar, antes, ele está distribuído numa microfísica das relações. Usar a metáfora da física para o novo sentido do conceito de poder requer entendê-lo, de certa forma, em analogia com o conceito da energia, na medida em que a energia e o poder são entidades que: i) existem em todo lugar, mas não têm materialidade e ii) não podem ser destruídos, mas apenas transformados. As relações de poder não devem ser confundidas com as “capacidades objetivas” (FOUCAULT, 1995, p.240) que consistem em modificar coisas, usá-las ou destruí-las, o que, igualmente, tem a ver com o aspecto físico. Finalmente, a física dá conta da força

que move as relações e que transforma seres humanos em sujeitos. O prefixo “micro” incorpora a ideia dos elementos minúsculos, que entram, cada um com suas funções bem definidas, em relações uns com os outros, constituindo, assim, um sistema maior e bem regrado. Desse modo, na formação da palavra microfísica, o prefixo e o substantivo descrevem o conceito de poder (1999a), tal como proposto por Foucault. Observa-se, assim, um sistema complexo de relações onipresentes, que ocupam todo tempo e todo espaço, que se reconhecem em todos os tipos de relações entre todos os sujeitos.

Disso se conclui que o poder está sempre em movimento e existe na forma de uma rede, ou melhor, o poder é exercido nas relações entre sujeitos. Isso quer dizer que não estamos nos referindo (exclusivamente) ao poder concentrado na instituição do Estado ou qualquer outra instituição; o poder usa instituições como seus instrumentos, mas não é localizável nelas, na medida em que se encontra espalhado num micronível e se dá nas relações cotidianas, não excluindo ninguém. O poder não é, ele se exerce; é exercido por uns sobre os outros. Segundo Foucault, o poder é

Um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p.243).

Os sujeitos, imersos nas relações de poder, além de serem ativos, são livres para agir dentro de um campo de possíveis comportamentos. A liberdade dos sujeitos é o que permite e possibilita o exercício do poder, se admitirmos que a insubmissão dos sujeitos é o que provoca (e o que é o efeito de) o poder. Só podemos falar sobre relações de poder, sublinhemos, lá onde há sujeitos livres que podem escapar desse poder, que podem escolher como se comportar, como reagir, como se conduzir. Logo, as relações de poder, elas mesmas implicam resistências:

Não há poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então pelo menos de modo virtual uma estratégia de luta sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente se confundir (FOUCAULT, 1995, p.248).

O sujeito Milunka Savić, a mulher guerreira do nosso material de análise, só ganhou sua existência na irrupção contra as relações de poder. Podemos argumentar, portanto, que as relações de poder não são essencialmente ou necessariamente negativas, pois o poder não é a

força física; o poder não são as lutas, mas o governo ordenado dos sujeitos uns pelos outros, que permite reações, diferentes efeitos e que possibilita criação de campos dos saberes e invenções. Uma vez que aceitamos a interligação inseparável do poder-saber, na medida em que não existem relações de poder que não resultam em um campo de saber e que o último não existe senão inserido em relações de poder, consideramos nessa interligação o lugar do sujeito discursivo entendido como o efeito dessa aliança. Ressaltando as palavras do filósofo:

Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em redação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e das suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento (FOUCAULT, 1999a, p.31).

Se, num primeiro momento, poderíamos dizer que o sujeito luta contra a própria historicidade que constitui suas atuais identidades, acrescentamos, agora, que os sujeitos lutam pelo próprio poder; ele é nosso objeto de desejo. Seja como for, as lutas contra os efeitos de poder e para o poder são, de fato, efeito do poder. As lutas e as formas de resistência são também o ponto de partida para entendermos as relações de poder. Se conseguirmos localizar posições de onde se exerce, estabelecer relações pelas quais se movimenta, lugares onde é aplicado e os métodos dessa aplicação, conseguiremos entender como nos assujeitamos.

No processo de assujeitamento, o conceito de dispositivo foucaultiano tem um papel importante. O dispositivo é uma categoria analítica da AD, sendo (tudo) aquilo que coloca o saber à nossa disposição; os saberes são elementos do dispositivo. Tendo em conta que os discursos são postos em circulação pelas/nas relações de poder-saber, os discursos também são seu elemento. O *status* do dispositivo tem tudo aquilo (que não necessariamente tem materialidade) cujo funcionamento alcança efeitos desejáveis, ou seja, o dispositivo:

Demarca um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2007, p.244).

Todos esses elementos (materializações) diversos e diferentes juntam-se, estrategicamente, numa formação, em um momento específico, como resposta a uma urgência

histórica. O jogo estratégico dos elementos tem como objetivo produzir o efeito de novas subjetividades que correspondam às exigências das novas condições sócio-históricas. Ao contrário do que possa parecer, o motivo-base dos dispositivos não é a repressão ou a ideologia, mas a disciplina e a normalização que fabrica, (re)configura e/ou mantém em função o novo rosto da realidade.

O próprio poder disciplinar pode ser pensado em termos de dispositivo, uma vez que surgiu como resposta à sociedade industrial capitalista que precisava do ser humano subjetivado como corpo útil e obediente. Na massa dos elementos do dispositivo disciplinar destacamos a organização arquitetônica do *Panopticon* (grego: *pan* = todo, *opsis* = vista, ver), modelo de uma prisão do século XVIII, com uma cúpula central e todas as celas distribuídas em sua volta, que viabiliza uma vigilância perpétua e total, na medida em que o vigia, situado no centro da estrutura, consegue ver todos os presos, enquanto esses não conseguem ver os primeiros. O *Panopticon* passa a servir como metáfora para o poder disciplinar, referindo-se a todo poder como um efeito de ótica, poder esse que se exerce mesmo quando não há ninguém vigiando, pelo simples fato de a possibilidade da vigilância existir. Todos os indivíduos exercem autovigilância e autocontrole dos comportamentos, garantindo a subjetivação dos indivíduos e a ordem, o alvo das relações do poder, o que reafirma o fato de que o poder não é da ordem do material ou físico, como já foi dito, mas é da ordem do efeito. Esse efeito faz com que o corpo, sendo disciplinado, passe a ser sua própria prisão.

Vemos que, mesmo que hoje em dia não haja suplícios de corpos desobedientes – em praças públicas – que serviam, literalmente, como superfície sobre qual o poder se inscrevia, esse poder ainda precisa dos corpos para controlar os sujeitos. O poder político e o econômico dependem do controle do corpo. Sendo alvo e objeto do poder e saber, o corpo - não mais apenas o físico e o biológico, mas também o político e o econômico - foi sendo discursivamente descoberto, analisado e dissecado, até os últimos pormenores ao longo da história.

O corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica [...] o corpo é investido por relações de poder e dominação (FOUCAULT, 1999a, p.29).

E aqui começa o jogo sem fim do “poder-saber-discurso-corpo-sujeito”, ou aquilo que Foucault chama de “anatomia política” do corpo (FOUCAULT, 1999a, p.31). Essa estratégia

de coletar e manipular os saberes advindos de vários lados é característica das disciplinas que constituem, no mesmo tempo, uma “anatomia política do corpo” e são a “mecânica do poder” (CASTRO, 2009, p.89). É oportuna a metáfora da maquinaria para descrever a mecânica meticulosa das disciplinas nas quais o corpo humano serve como engrenagem “pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder” (FOUCAULT, 1999a, p.33). Enquanto está sendo produzido pelo mecanismo, aquilo que ainda é uma singularidade somática é “esquadrilhado, desarticulado e recomposto” (FOUCAULT, 1999a, p.164) para que saia da máquina, ele mesmo, como um homem-máquina – o efeito da vigilância.

No século XVIII, o poder disciplinar transformou-se em biopoder, ampliando as técnicas que, agora, não mais eram voltadas a disciplinar corpos individuais, mas constituíam a força que se exercia sobre a vida e o bem-estar da sociedade. Com a base e o foco na governamentalidade da vida, a qualidade e a duração, o sujeito mulher – a mãe dos seus filhos e do povo, a dona-de-casa e a rainha do lar – foi normalizado pelo biopoder para que se garantisse o amor, a educação e a saúde da família, e a ordem na sociedade. Em outras palavras, mantendo a mulher como a geradora da ordem dentro da família (dentro da vida privada), garantia-se a ordem da sociedade, da vida pública.

O presente trabalho se vale da perspectiva foucaultiana para pensar e trazer à luz a heterogeneidade do sujeito mulher, embora o filósofo não tenha tratado da condição da mulher, especificamente, nas relações de poder na nossa sociedade. O que nos possibilita pensar a história das mulheres, com Foucault, é o fato de que essa história – que transformava meninas em donas-de-casa e em rainhas do lar e as queria ver como mães carinhosas e esposas felizes – traz exemplos das mulheres com espingardas e sangue nas mãos, vestidas com fardas de soldado, matando os inimigos no campo de batalha. Essas mulheres excepcionais nos aproximam muito cerradamente da premissa foucaultiana segundo a qual onde há poder, instauram-se necessariamente estratégias de resistência.

“Nosso corpo nos pertence”. Recuperamos esse enunciado em meio aos discursos que, no cerne dos movimentos feministas da década de 1970, reivindicavam emancipação, igualdade e autonomia. São discursos que se ergueram contra a posição da mulher que, durante toda sua história, ficou sujeita “às gestações sem fim, aos cuidados das crianças, ao envelhecimento prematuro, à exaustão e, frequentemente, à morte por doenças do parto” (PORTER, 1992, p.316). Ao reivindicar a posse de seus próprios corpos, buscava-se destituir o estigma da inferioridade e da subordinação, cabendo à mulher o controle da contracepção,

prática que provocou uma verdadeira transposição da fatalidade para a escolha, ou seja, dissociou-se o sexo da procriação.

Milunka Savić nasceu mulher em 1890 e morreu mulher em 1973. Contudo, viveu anos de sua vida como homem, fazendo valer, muito antecipadamente, a palavra de ordem dos feminismos, deixando claro que seu corpo a ela pertencia. Ao se vestir de homem, cortar os cabelos, enfrentar as normas que regulavam sua casa, sua família, reinventa sua identidade, transformando-se em ambos os sexos no mesmo corpo. Analisar seu corpo reinventado e clandestinamente sediado em campos de batalha, requer considerar a relação entre discurso, história e memória que definem sujeitos. Nessa injunção, seu corpo adquire historicidade. E quando falamos de história, aqui, mais particularmente história da mulher, temos que enfrentar, como orienta a Análise do Discurso, sentidos muitas vezes apagados/silenciados; temos que compreender que ela é, também, a história do homem e da guerra.

Tal como a arqueologia, a genealogia foucaultiana é uma perspectiva histórica. Na sua obra, Foucault se apropriou do conceito nietzscheano, a genealogia, mas contribuiu com suas observações. Ao contrário do que esperaríamos de uma ciência que trabalha com a origem e evolução das coisas, no sentido tradicional das palavras, a genealogia foucaultiana se opõe à pesquisa da origem. Foucault traz a ideia do genealogista historiador e não mais do genealogista metafísico, cujo trabalho não é buscar (e pressupor que existe) a essência nas/das coisas. As coisas não seriam mais unidades homogêneas e perfeitas, cuja essência esconderia a sua identidade e a sua verdade. O genealogista historiador entenderia que esse começo de tudo seria constituído, pelo trabalho da proveniência, peça por peça pelos elementos diferentes e exteriores da coisa, isto é, pelos acontecimentos (casuais) históricos.

A partir de 1979, quando se publica a *Microfísica do poder*, Michel Foucault se propõe desenvolver uma genealogia que, como vimos, em um primeiro momento era a genealogia do poder e, no segundo, a genealogia da ética. Esse foi o momento em que o filósofo começou a tratar da questão dos modos da subjetivação.

2. MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO MULHER/HOMEM

Somos hoje o nosso presente, o nosso passado e o nosso possível futuro; somos, enfim, sujeitos em curso. Nesse encontro do ontem e do hoje e de todas as transformações e heterogeneidades das formações e das transformações, faz-se visível a impossível completude dos sujeitos, em luta consigo mesmos para reconciliar o legado do passado, as exigências do presente e a incerteza do futuro. Deleuze nota que “o que somos e fazemos hoje” é uma “próxima ou longínqua [...] formação histórica” que “só é analisada pela sua diferença conosco” (DELEUZE, 1992, p. 142). A subjetividade é processo em curso, um processo de lutas, que resulta em sujeitos fragmentados e incompletos.

2.1. O sujeito mulher na história

Existem, ao contrário do pensamento moldado tradicionalmente, diferentes histórias que, com suas vozes suaves ou gritos frustrantes abafados, tecem a realidade do hoje. A nossa sociedade pouco reconheceu, ao longo da história, sexualidades além do sistema binário; a história das mulheres se teceu na dependência e na articulação com a dos homens. Lançando um olhar sobre a primeira, obscurecida pela tradição fortemente patriarcal, as mulheres não aparecem como as autoras da sua própria história, tampouco como protagonistas. Produz-se, desde os primórdios, o efeito de sentido de que a voz da mulher, bem como ela mesma, não têm valor nem lugar nos acontecimentos históricos. Procuramos entender, portanto, quais lugares e papéis entraram historicamente no enunciável do sujeito mulher, observando os enunciados, no sentido arqueológico de Michel Foucault (2008), como resultado das estratégias e processos históricos de subjetivação. Quem são as mulheres?

Nos campos de saber que têm o ser humano como seu objeto, a voz das religiões mostra-se como um dos elementos fundamentais do pensamento das sociedades e o fator recorrente das condições sócio-históricas que propiciam discursos que nos assujeitam. Uma vez que os textos bíblicos e míticos os quais as diferentes culturas usam para espalhar a palavra de Deus são “textos com efeitos fundadores” (2001a) dessas culturas, as verdades aí ditas tornam-se paradigmas para os cidadãos e os modelos dos homens e das mulheres neles apresentados tornam-se marca de identidade dos homens e das mulheres da sociedade. As verdades são indispensáveis, mas perigosas. Os discursos das religiões como grandes “verdades” moveram sempre o mundo, ditando-lhes crenças, valores, normas. Como algo que controla os nossos corpos e promete a salvação da nossa alma – algo que nos toca tão

intimamente e nos assujeita – as religiões se mostram como dispositivo poderoso de controle e disciplinamento dos sujeitos.

Os cristãos acreditam em um Deus do sexo masculino que criou o mundo e os humanos como sua imagem. Gênesis conta a história da criação do primeiro homem, Adão, e da primeira mulher, Eva, feita de uma costela dele.

Depois que o SENHOR Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves, ele os levou ao homem para que pusesse nome neles. E eles ficaram com o nome que o homem lhes deu. Ele pôs nomes nas aves e em todos os animais domésticos e selvagens, mas para Adão não se achava uma ajudadora que fosse como a sua outra metade. Então o SENHOR Deus fez com que o homem caísse num sono profundo. Enquanto ele dormia, Deus tirou uma das suas costelas e fechou carne naquele lugar. Dessa costela o SENHOR formou uma mulher e a levou ao homem. Então o homem disse: “Agora sim! Esta é a carne da minha carne e osso dos meus ossos. Ela será chamada de ‘mulher’ porque Deus a tirou do homem”¹⁶ (BÍBLIA SAGRADA, 2012, Gn 2, 19-23, p.5).

Essa história sobre a origem dos primeiros seres humanos tem sido objeto de inúmeras e problemáticas interpretações, das quais escolhemos ressaltar aquela que parece ter sido aceita tradicionalmente. Essas leituras solidificam as diferenças dos sexos e justificam as determinações das identidades e papéis assimétricos. Baseados na figura do pai, do filho e do espírito santo, todo(s) do sexo/gênero masculino, os textos bíblicos produzem o efeito do mundo machista. A inferioridade da mulher é dupla – material e existencial – sendo criada a partir do e para o homem. Na sua capacidade criadora (foi Adão que inventou a palavra mulher), ele se aproxima do divino, enquanto ela é passiva, ela erra, é perigosa e sedutora. Não por acaso, foi ela quem entrou em contato com o lado escuro do Éden e desobedeceu à lei de Deus. Por isso, a bíblia mostra como deve ser uma mulher cristã:

As mulheres devem aprender em silêncio e com toda humildade. Não permito que as mulheres ensinem ou tenham autoridade sobre os homens; elas devem ficar em silêncio. Pois Adão foi criado primeiro, e depois Eva. E não foi Adão quem foi enganado; a mulher é que foi enganada e desobedeceu à lei de Deus. Mas a mulher será salva tendo filhos se ela, com pureza, continuar na fé, no amor e na dedicação a Deus (BÍBLIA SAGRADA, 2012, 1 Timóteo, 2 11-15, p.1665).

A figura da mãe virgem, casta e perfeita, é o oposto de Eva, curiosa e pecadora, é a promessa simbólica da salvação das mulheres. Ela representa tudo que uma mulher pode e deve ser, uma “apenas mãe” que sabe o seu lugar, guarda um amor incondicional por seus filhos, uma mulher, também, cuja sexualidade é inexistente. Em suma, a ordem do mundo segundo o cristianismo é garantida quando colocada nas mãos do homem, enquanto a mulher,

¹⁶ Em hebraico, a palavra ‘homem’ é *ish*, a palavra ‘mulher’ deriva dela, tendo a forma: *isha*.

inferior na sua natureza, perigosa, misteriosa e inconfiável está conferida a uma existência na vida privada e casta, sem voz, sendo considerada “o segundo sexo” (BEAUVOIR, 1960).

Mesmo quando os saberes são superados e esquecidos, eles reaparecem transformados nos discursos de hoje, implícita ou explicitamente. Discursos filosóficos e médicos complementam os religiosos, reforçando a ideia da insignificância da mulher e trazendo em cena as produções de novas verdades (FOUCAULT, 1999c). Se os discursos religiosos atuam efetivamente por meio de uma voz profetizada que, no limite, suscita medo, os discursos filosóficos e médicos são sustentados pela objetividade e racionalidade. O trabalho intelectual de Aristóteles e Freud fala sobre a anatomia incompleta do corpo feminino. O corpo da mulher é o corpo “cru”, segundo Aristóteles, que não chegou a se desenvolver completamente e assim atingir a forma do corpo masculino, ponto final do amadurecimento. Freud acrescenta o sentimento de inveja que a mulher tem, como consequência disso. A imagem do corpo feminino “malcozido” (PERROT, 2007, p.63) que o filósofo projetou inspirou a concepção de que as mulheres são

[...] machos defeituosos ou monstruosos, seres nos quais a genitália (designada para ser do lado exterior do corpo), por falta de calor ou de força, falhou na extrusão. Com sua natureza mais fria e mais fraca, e sua genitália contida internamente, as mulheres eram essencialmente equipadas para a criação de filhos, não para uma vida racional e ativa dentro do fórum cívico. As mulheres eram criaturas privadas, os homens eram públicos (PORTER, 1992, p.316).

A anatomia dos corpos e o nosso sexo fixaram-se como o critério mais óbvio e mais natural para a invenção das diferenças e hierarquias entre homens e mulheres na/pela sociedade. Por se tratar de um corpo “esburacado” (PERROT, 2007, p.63), sente-se falta dos elementos complementares ao corpo feminino. A mulher foi feita para ser possuída e passiva; “na geração, a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode apenas esperar que seja calmo e quente”. (PERROT, 2007, p.63). Similarmente, diferentes valores são atribuídos aos humores produzidos por corpos masculino e feminino. Nenhuma secreção do corpo feminino tem o poder criador do esperma, nem sequer o leite. O sêmen é a fonte da virilidade do homem que constitui a sua grandeza, expandindo-o do “interior para o exterior” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.446). Essa era a razão pela qual o homem do século XVIII tinha que ser econômico com o (des)gasto das suas forças viris – a perda involuntária ou desnecessária era vista como a perda do autocontrole; a impotência como o enfraquecimento da “poesia da vida” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.447). O sangue derramado por homens guerreiros, também imbricado na virilidade, “irriga” a terra (PERROT, 2007, p.44) e salva a

pátria. O sangue menstrual do corpo da mulher, por outro lado, escorre involuntariamente e simboliza a perda e o fim da vida, e leva a marca da vergonha. No século XIX, alguns fisiologistas analisam e comparam o cérebro dos homens e o das mulheres, observando que ele é menor nas mulheres, o que levou à crença de que as mulheres são menos inteligentes do que os homens. O tamanho, o peso e a formação do cérebro delas, porque inferior (mostraram que era menos denso também), contribuíram para as mulheres serem expulsas da vida intelectual e criadora.

O que segue é um breve olhar para a história das mulheres, que abrange o período desde a Idade Média até o século XX. Olhamos para a evolução do *status* da mulher, a sua entrada na história e os obstáculos impostos a ela nesse caminho. A fim de facilitar o entendimento da história, vamos apresentá-la de um modo linear e dividi-la em três unidades, conforme a imagem da mulher que essas unidades retratam, e conforme os papéis que lhe cedem, da seguinte forma: (i) Idade Média (séculos V-XV), o período da mais extrema inferioridade e desvalorização das mulheres, (ii) a entrada das mulheres no mundo letrado da Reforma e Iluminismo (séculos XVI-XVIII) e (iii) séculos XIX e XX que possibilitam a luta pelos direitos das mulheres, a sua emancipação e a liberação global. Veremos que sempre houve mulheres diferentes e “condizentes do seu papel” (PERROT, 2007, p.88) que entraram no mundo dos homens. Como aponta a antropóloga Nicole-Claude Mathieu, nas sociedades patriarcais como a nossa, na qual “o gênero traduz o sexo” (*apud* CORBIN, 2013c, p.140), “esse regime é heterossexual, e implica coerção, condicionamento, repressão, a partir do momento em que se acha ameaçado. As instituições velam por ele, chamando, segundo os casos e os momentos, os desvios de ‘pecado’, ‘crime’, ‘doença mental’...” (CORBIN, 2013c, p.140).

Parece que, na Idade Média, a mulher ou era bruxa e feiticeira ou não existia. Esse era o período no qual os papéis femininos eram fortemente determinados pelos saberes religiosos mencionados, como também era a época em que ainda se acreditava que a mulher era, intelectualmente, mais próxima dos animais irracionais do que dos homens (PERROT, 2007).

Nas palavras *bruxa* e *feiticeira*, inventadas nessa época pela Inquisição, vemos o poder espantoso da língua. Era chamada de feiticeira qualquer mulher que mostrasse as características e/ou os comportamentos proibidos pela Igreja, por ameaçarem a ordem das coisas. Para segurar essa ordem, o novo conceito teria que conter a ideia do pior mal possível para que a erradicação das mulheres feiticeiras fosse justificada e normalizada. Assim, elas

possuíam “vaginias insaciáveis”, faziam pacto com o demônio, eram bonitas¹⁷, inteligentes, poderosas, capazes de comandar tudo, inclusive os homens; “desafiam todos os poderes: o dos sacerdotes, dos soberanos, dos homens, da razão”. (PERROT, 2007, p.90). Isso propiciou incêndios de fogo purificador que mataram milhares de mulheres, entre elas Joana d’Arc, na França.

O período entre os séculos XVI e XVIII, na verdade, não é nada mais do que a continuação da subordinação das mulheres aos homens mascarada e habilitada pelo direito à leitura. A Reforma exige que todos aprendessem a ler, inclusive as mulheres. Mas ela é primitiva e não se pode, não precisa e não deve ser educada. Não pode porque ela é irracional, não precisa porque ela não é útil economicamente falando, e não deve porque é perigosa. Desse modo, o uso que a mulher fazia da leitura era controlado e direcionado à vida dos homens. Essa ideia nasceu com a Reforma e persistiu no Iluminismo, período no qual dominava a ideia de que era necessário que as mulheres fossem cuidadosamente instruídas, ou nas palavras de Rousseau:

Toda educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis o dever das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância (PERROT, 2007, p.92).

O sexo das mulheres era a sua identidade, ou, nas palavras de Foucault, “Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘Vocês são apenas o seu sexo, dizia-se a elas [...]. E esse sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doenças. ‘Vocês são a doença do homem’” (FOUCAULT, 2007, p.234).

O corpo da mulher sangra, engravida, é frágil, suscetível a doenças; foi feito para receber o homem, pertencer a eles; precisa ser cuidado, protegido e fechado (PERROT, 2007). O seu corpo, mais precisamente o útero, que já a sujeitava como mãe, agora traz novos destinos para as mulheres. As “feiticeiras” são agora substituídas pelas “histéricas” (lat. hística - útero), mulheres nervosas sem razão. Essa “doença das mulheres” era, inicialmente, considerada como tendo origem orgânica (uterina), o que determinou o tratamento direcionado exclusivamente aos sintomas somáticos (com a exceção da Idade Média quando

¹⁷Exercer força física sobre a mulher (bonita), porque se teme a sua desobediência e infidelidade, como punição/castigo/prevenção é uma prática que se repete pela história. Na idade média foram queimadas no fogo “purificador” (PERROT, 2007, p.89), hoje, mostra a *História da virilidade*, “estes gestos são primeiramente agressões, socos ou pontapés, mas também lançamentos de objetos diversos no rosto...” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.103) e mostram “uma vontade de atacar também a imagem do corpo feminino das vítimas” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.103).

era considerada possessão demoníaca). Não foi antes do século XIX, quando Charcot introduziu a hipnose na medicina, que se passou a observar a histeria como multidimensional e que foi reconhecido, também, o elemento “psíquico” dessa doença. Freud, um dos discípulos de Charcot, desenvolveu tratamento que visava descobrir os mecanismos psíquicos dos sintomas, o que constituiu um deslocamento de pensar e tratar (essa doença de) mulheres. Uma histérica é a imagem da mulher em negativo; é a mulher dividida entre o dever de ser uma mãe impecável e o estado agitado do pós-parto que lhe impede cumprir esse papel; ela desvia do seu caminho certo e ameaça a ordem das coisas. Uma quase louca, deve ser silenciada, seja pelo tratamento com medicamentos e exames psiquiátricos e psicanalíticos, seja com longos descansos nos quartos isolados e silenciosos.

Mesmo que a desigualdade dos sexos e suas repercussões estejam realmente presentes na história, seria incorreto dizer que as mulheres sempre agiram e foram (pensadas) como vítimas ou inválidas, o que começa a ganhar visibilidade no século XIX. Diz-se que as mulheres não têm o poder (político), mas têm poderes. Não é uma ideia nova “que as mulheres puxam os fios dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública” (PERROT, 2010, p.167-168). Elas são o coração e o útero da família, “sem mulher não há vaca, nem leite, nem galinha, nem frango, nem ovo”, (PERROT, 2007, p.111), não há alimentação, nem roupa (limpa), nem higiene da casa, nem administração das finanças, enfim, “as sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível.” (PERROT, 2007, p.109). Agora elas começaram a lutar para conseguirem o seu lugar no social e no político. Contudo, não sem resistência dos homens.

A palavra *utilidade* ganhou um novo significado e importância no século XIX com a Revolução Industrial. A utilidade da mulher, mostra Rousseau, está no seu papel de mãe, esposa e dona de casa, garantindo, assim, o bem-estar da família. O sujeito dona de casa era um dos poucos permitidos a se manifestar e lutar por seus direitos. A dona de casa lutava pelo direito ao salário, contra a industrialização que apagava a obra manual dela, nos motins, por alimento etc. A costureira lutava porque o trabalho dela não era qualificado; a mãe desfilava pelas ruas quando a municipalidade de Paris fechou os serviços de assistência às mulheres e crianças etc. Esses sujeitos mulher foram considerados “nutrizes que protegem seus filhos e o povo, que também é seu filho” (PERROT, 2007, p.147). No fato de ser útil para a família, a mulher era considerada útil para o Estado.

Na onda feminista de expansão da mulher nos espaços social e político, viris, algumas entram no exército. Os homens viam essa *ocupação* dos espaços como *invasão*, dizendo que

as exigências militares, no caso, são uma coisa e os direitos das mulheres outra. A expansão da mulher é o que se teme, a sua ocupação dos espaços, o seu desejo de “ser” homem, ser viril. Por isso que se sabe tão pouco ainda sobre aquelas poucas que se atreveram a fazê-lo. No século XIX, o conservador Joseph de Maistre explica que “O grande defeito de uma mulher é o de ser um homem” (PERROT, 2007, p.93).

O período das Guerras trouxe rupturas na história e reconfigurou os papéis dos dois sexos. Agora as mulheres eram simultaneamente donas de casa e chefes da família, obrigadas a assumir tarefas dos homens. Os Anos Loucos que seguiram a Primeira Guerra Mundial introduziram o lesbianismo e o homossexualismo que desafiaram a heteronormatividade. As divisões como: para o homem, virilidade, para a mulher, beleza; para o homem, razão, para a mulher, sentimentos; para o homem, madeira e metal, para a mulher, tecidos e família (...) (PERROT, 2007, p.119), agora, são questionados e misturados. Na tensão do momento transformador histórico, para passar pelas barreiras do espaço masculino, às vezes, elas se apresentam como homens, mostra Perrot (2007), escondendo-se atrás de pseudônimos masculinos para escrever (Amantine-Lucile-Aurore Dupin, *aka* George Sand), ou usando roupa masculina para serem arqueólogos (Jane Dieulafoy), ou soldados no exército (Flora Sandes) (CORBIN *et al.*, 2013c), etc.

Foucault, mesmo quando buscou a história nos acontecimentos “escondidos” e quando analisou as “práticas divisórias” que explicou na sua fase genealógica, nunca problematizou a questão das mulheres e, mais geralmente, a das diferenças entre os sexos. No entanto, os conceitos que postulou e os temas dos quais tratou, principalmente os de poder e da sexualidade, reaparecem nas pesquisas com esse foco. Inquietado com os “anormais”, os desviantes, os contradizentes, a palavra de Foucault encontra sua importância na problematização do sujeito mulher travestida.

Quando mencionava as mulheres, o filósofo as situava no âmbito dos sujeitos que exercem poder e dos sujeitos do poder. A mulher poderosa é a mulher em casa – mãe e esposa – porque é nesse espaço que ela tem o seu papel disciplinar. Mais do que em qualquer outro lugar, a mãe disciplina e educa (o corpo e a alma de) os seus filhos e controla os seus costumes. Mas nessa mesma família onde se sente “em casa” – a família sendo um dispositivo nas relações de poder – ela (e o seu corpo) é atingida pelo poder panóptico que, no limite, reconhece-se pela dominação masculina.

Quando escreve sobre Pierre Rivière que degolou sua mãe, sua irmã e seu irmão, Foucault (1977) expõe as justificativas do ato criminoso feitas pelo próprio Pierre: “São as mulheres que comandam agora [...] A força foi aviltada [...] as penas do meu pai [...] as penas

e aflições que meu pai sofreu por parte de minha mãe [...]” (PERROT, 2005, p.494). A mãe que tinha poder na família, que recusava dividir o leito com o seu marido, que controlava os seus gastos - ele não podia mais “sem sua permissão, nem mesmo beber uma quarta no domingo com seus amigos” – ela que até tinha suas próprias economias e seus próprios bens; ela, o mal, precisou ser apagada.

O segundo grande espaço das mulheres em Foucault é a sexualidade, na qual se descobre o corpo fraco e doente já mencionado. É aqui que nasce a mulher histórica, cujo corpo e sexo precisaram ser protegidos, e medicalizados “em nome de responsabilidade que elas teriam em relação à saúde de seus filhos, da solidez da instituição familiar e da salvação da sociedade” (PERROT, 2005, p.495). Observamos, aqui, que o corpo feminino parece pertencer mais ao poder, à família, ao Estado, sendo investido nas estratégias do biopoder, do que à própria mulher.

Na história silenciosa do sujeito mulher, o sujeito mulher Milunka ganha voz contradizendo os já-ditos, calando os seus dizíveis. A verdade sobre o sujeito mulher Milunka era a da sociedade patriarcal da Sérvia do século XIX, na qual o imaginário sobre a mulher constituíam elementos como feminilidade, roupas e penteados elegantes, casamento, maternidade.

Caso Milunka tivesse sido uma mulher ‘de verdade’, nunca saberíamos sobre a sua existência.

2.2. Estudos do gênero e história do corpo

A história do corpo e os estudos de gênero se cruzam principalmente no ponto de vista biologizante sobre o corpo humano. Explicamos logo no início que a nossa dissertação não tem a Teoria do Gênero como aporte teórico-metodológico, nem o conceito de gênero como objeto de análise e pesquisa. No entanto, achamos útil referenciar algumas formas de pensar esse conceito, uma vez que toca de perto a problemática do corpo feminino revestido de homem.

As questões de sexo e gênero, por muito tempo ideias indiferenciadas, são estudadas sob vários aspectos, sendo tratadas pela antropologia, pela história, pela filosofia, pela psicologia, pela psicanálise, pela medicina, pela biologia etc. Nos tempos anteriores ao século XVIII, o único termo usado era “sexo”, pois acreditava-se que existia apenas um único sexo que se manifestava em diferentes graus, devido a diferentes estágios do desenvolvimento

corporal, onde o corpo feminino seria apenas um desses estágios, enquanto o masculino era o perfeito, o ponto final de maturação.

Foi a antropologia que inventou o “gênero” para explicar aquilo ao que ela se opunha, no pensamento que vê, na condição biológico-anatômica do corpo, a causa da distribuição rígida dos papéis sociais femininos e masculinos. O conceito resultou de várias pesquisas que dão visibilidade às diferentes formas de pensar e tratar mulheres e homens em diferentes culturas (comparando com a ocidental) que, em alguns casos, levam até à inversão dos papéis (e “naturezas”) naturalizados nas sociedades da cultura ocidental. Na medicina, “gênero” começou a ser usado a partir da segunda metade do século XX, para designar aquelas identidades onde as características anatômicas do indivíduo eram ou ambíguas, ou não correspondiam com a identidade que o indivíduo sentia e/ou declarava ter. Sob um olhar psicanalítico, gênero não é aquilo com que ou como nascemos, mas é, antes, aquilo que aprendemos ou adquirimos ao longo da nossa convivência com/na família e na sociedade. O que todas as concepções têm em comum é o distanciamento do determinismo biológico e a aproximação com a historicidade e com o aspecto sócio-cultural ao se pensar o corpo. A Teoria do Gênero acompanha esses campos, revelando as diferentes imagens dos sujeitos mulher e homem em diferentes sociedades, ou seja, a sua relatividade.

Poderíamos definir o gênero, portanto, como tudo aquilo que não é mais possível justificar pela biologia, isto é, todos os tipos de diferenças de *status* e das hierarquias sociais em geral, os comportamentos e as personalidades, até os últimos pormenores do movimento do corpo, que a cultura molda para cada sexo. Esses conhecimentos fazem com que nos tornemos conscientes do fato de que um corpo andrógino é visto como normal (não causa estranhamento, muito menos sofre discriminação) em certas culturas, ditas marginais, enquanto, na nossa sociedade, constitui o sujeito desclassificado. O corpo andrógino em si não significa nada, mas ganha seus sentidos e torna-se legível nos discursos, constituindo-se como objeto, aparecendo verdadeiro ora como normal, ora como anormal.

Vemos que nesse abandono do biologismo encontra-se, também, a proposta foucaultiana que nada, logo, nem o gênero, preexiste aos discursos. Para Foucault (2001a), a realidade que tomamos como lógica, natural, objetiva só nos aparece como tal, porque foi construída pelo discurso “verdadeiro”, discurso científico, discurso político etc. Consequentemente, essa realidade é um saber relativamente arbitrário e nunca neutro. É pelo conceito de dispositivo que o autor dá visibilidade ao trabalho metódico e estratégico da racionalidade (que é um construto), que consiste em construir o corpo humano a partir da noção do gênero (igualmente um construto), a fim de fazê-lo útil e obediente.

Judith Butler (2003), a filósofa norte-americana cujo trabalho influencia fortemente os trabalhos feministas, afirma que gênero é um ato performativo. A função performativa do gênero é visível, diz a autora, no exemplo dos travestis. Mesmo que se trate de uma artificialidade, esse ato de revestir o corpo dá visibilidade à artificialidade do feminino (ao considerarmos os homens que se vestem de mulheres), mesmo quando a roupa feminina está no corpo da mulher. Isso porque, como vimos, a relação entre o corpo feminino e a feminilidade (o corpo masculino e a masculinidade também) é cuidadosamente construída. O conceito de corpo performativo da autora advém da ideia de que o sexo não é “o significante único” nem “o significado universal” (RIAL; TONELI, 2004, p.190) do corpo humano. Portanto, o sexo não é o indicador do gênero; não nascemos sendo ou tendo um gênero. Ele se produz e reproduz como efeito, nas/pelas práticas divisoras consolidadas culturalmente, como mostram algumas sociedades diferentes das ocidentais.

Os estudos do gênero só começaram a ser pensados com os movimentos feministas que buscavam direitos do corpo, no século XIX. Devido ao dualismo tradicional que distingue entre a *psiquê* e o *soma* como constituintes basilares do ego, que historicamente deu primazia à mente (à alma), por muito tempo, o corpo, além de ser desconsiderado pelos historiadores, foi também julgado “grosseiro” e “vulgar” (PORTER, 1992, p.298). Essa desvalorização do corpo é visível na cultura europeia e resulta das forças cruzadas dos sistemas de valor social, religioso e moral. As expressões que apresentam o corpo como “mente encarnada”, “prisão da alma”, e os seus desejos como “cegos”, “pecaminosos”, “animalescos” e “vergonhosos” apontam para o efeito da sua inferioridade. Esses têm origem no período que precedeu o século XX onde, como nunca antes, o corpo passou a ser considerado como o lugar de gravura da história, da produção das subjetividades.

Na aurora do século XX, o corpo ainda era visto como um “templo da alma” desempenhando um papel secundário nas ciências humanas, por força, sobretudo, das orientações teóricas advindas das correntes espiritualistas e racionalistas. A “invenção do corpo” (COURTINE, 2013) como objeto do saber foi possível a partir do momento em que ele deixa de ser concebido apenas como um conjunto fisiológico e passa a ser associado ao inconsciente por Sigmund Freud, na Psicanálise, em seus estudos sobre a histeria, em 1895; também contribuíram para deslocar o *status* secundário do corpo as reflexões de Edmund Husserl que viam nele o berço original de toda a significação, seguido por Merleau-Ponty que via, no corpo, a encarnação da consciência, a “âncora do mundo”. Por fim, na antropologia, destaca-se Marcel Mauss que define o corpo orgânico como algo passível de técnicas e de adestramentos.

O corpo é “o lugar de um lento trabalho de repressão” (ELIAS *apud* CORBIN *et al.*, 2008b, p.11), repressão essa que nem sempre é visível e violenta, mas que se dá por controles corporais que foram elaborados gradualmente ao longo dos tempos e que, logo, ficaram despercebidos, ou melhor, se naturalizaram. As coletividades fabricam indivíduos em múltiplas esferas – partindo dos gestos mais naturais como andar, comer ou dormir, e vão até os controles mais gerais que, em suma e eventualmente, criam nossas subjetividades. Não pensamos mais no corpo como instância biológico-anatômica; antes, buscamos vê-lo como o lugar onde a história deixa as suas marcas. Ghiraldelli afirma que

Não há essência humana. Nem devemos dizer, de modo vago, que é a “existência humana” que define o homem. O que podemos fazer para recortar o homem é saber como ele está se recortando na medida em que ele se vê nas tramas de um poder que, de fato, o recorta – como corpo (2007, p.104).

Ghiraldelli destaca que Foucault percebeu, “como nenhum outro europeu do século XX, que as redescrições do corpo estavam transformando o mundo, marcando períodos, redirecionando problemas filosóficos e, enfim, exigindo uma nova historiografia” (GHIRALDELLI, 2007, p.22). As grandes transformações históricas que perpassaram o corpo fizeram dele lugar de recortes que o clivam entre o interior e o exterior, entre o individual e o cultural, o próprio e o alienado, o consciente e o inconsciente, o eu e o outro. As representações que cada sociedade escolhe como verdadeiras são arbitrárias e, necessariamente, excluem outras, mas nunca são escolhidas de uma maneira neutra ou por acaso. Isso porque, na história de um corpo, encontramos marcas de histórias outras, como a do gênero, a das classes, a de origem etc. Juntas, elas articulam as diferenças, as desigualdades e as discriminações dos corpos.

Percebendo a historicidade na nossa subjetividade e inquieto com esse distanciamento em nós mesmos, Foucault propõe um trabalho de diagnóstico que tem como objetivo dar visibilidade ao que já está visível, ‘ou seja, fazer aparecer o que está tão perto, o que é tão imediato, o que está tão imediatamente ligado a nós mesmos que, exatamente por isso, não o percebemos. [...] fazer ver o que vemos’”. (FOUCAULT, 1994, p.540-541). Dessa forma, o trabalho subentende a análise do arquivo, de todos os já-ditos, que são uma “região [...] ao mesmo tempo próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade [...] (*ela é*) orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade; é aquilo que, fora de nós, nos delimita (FOUCAULT, 2008, p.148). Esse deslocamento inerente a nós é, provavelmente, o que aproximou o corpo humano de um texto enigmático descrito por Foucault, difícil ou mesmo impossível para ler.

Um pesadelo me persegue desde a minha infância: tenho sob os olhos um texto que não posso ler, ou do qual somente uma íntima parte me é decifrável; finjo ler, sei que o invento; em seguida o texto subitamente se embaralha completamente, não consigo ler mais nada, nem mesmo inventar, minha garganta se aperta e me desperto... (FOUCAULT, 2001b, p.623).

O enigma do texto do pesadelo de Foucault, que seria o do corpo também, como propõe Courtine (2013), é o efeito produzido pela lacuna entre o legível e aquilo que poderia ser inscrito na sua superfície, dificilmente decifrável. O próprio corpo é discurso. Ao concordarmos com a afirmação de Ghiraldelli (2007) de que não existe uma essência humana e que o corpo é um recorte, concordamos com a identificação do corpo e discurso e, também, percebemos que os saberes que o recortam não são naturais, mas naturalizados. Isso significa que até a distinção de base biológica dos corpos do ser humano, o que nos é tão próximo e óbvio, pode ser considerada uma construção que serviu como a base para a construção de verdades sobre as subjetividades dos homens e das mulheres. O que sugerem os trabalhos das feministas e o trabalho sobre a sexualidade de Foucault é que nos tornemos conscientes da construção da objetividade da realidade por discursos.

Milunka era uma mulher-homem, uma mulher viril/guerreira. O que há de enigmático no seu corpo é o fato de ele começar a se ‘embaralhar’ no seu estado andrógino – entre um corpo legível, o feminino, e o inventável, o corpo da mulher viril. Corpo feminino viril que temos dificuldade em construir como leitores, porque é uma junção dos opostos impossível, um jamais-dito. Quer dizer, é um já-dito, mas cuja voz foi estrategicamente abafada ao longo da história.

Vimos o espaço da história ocupado pelas mulheres. A mesma história – com um pouco a mais de pelos e músculos no corpo, com roupa mais larga e mais confortável, masculina, com cabelos curtos ou raspados – cria outras realidades e outros espaços para os homens. Na atualidade do sujeito mulher viril, ainda encontramos, nas sociedades marginais e extremamente patriarcais, a mulher travestida. Numa comunidade isolada da Albânia, por exemplo, algumas mulheres renunciam a sua identidade feminina para que tenham os direitos de homens¹⁸. A troca do gênero subentende a troca da identidade completa – para obterem o direito de terem os direitos não é suficiente vestir-se de homem e comportar-se como homens no público, elas precisam “matar” a mulher – nunca podem casar, nunca podem dar à luz. Em troca, serão reconhecidas como homens, falarão dela no masculino, obterá um nome e os papéis masculinos, na hierarquia privada e pública.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXdB5I4a8Ck>.

Em regra, na história dos gêneros, encontramos os homens (no mundo viril) onde a mulher não está.

2.3. Sobre a virilidade

Na história da virilidade percebemos a mencionada diferença entre o natural e o naturalizado, ou seja, da objetividade ilusória da realidade.

A juventude não é outra coisa senão uma viagem rumo à virilidade; deve-se ter sempre esse objetivo em vista e nada mais que esse objetivo. A família se satisfaz com crianças que lhe deem alegrias e encantos, mas a sociedade precisa de homens, e é necessária uma educação viril para prepará-los (FONSSAGRIVES *apud* CORBIN *et al.*, 2013b, p.37).

Num mundo “normal” e em ordem perfeita (num mundo utópico), todos os meninos aprenderiam desde os primeiros passos a serem viris. A virilidade é uma lição a ser aprendida na vida dos meninos, porque a sociedade precisa de *homens*. Entendendo tudo aquilo que historicamente entrou no legível da palavra “virilidade”, entendemos que ela é mais do que uma lição, ela é uma lei que ordenou a maioria das sociedades por muito tempo por meio de um complexo sistema de distribuição dos modelos, reforçando o machismo. O efeito do dispositivo de virilidade, empregado nesse mundo utópico, seria visível no fato de que todos os homens deveriam reconhecer-se como homens (*viris*).

Entendendo a virilidade como uma lição, desenvolveu-se a metodologia a ser adotada para que essa lição fosse atraente para o menino, o “pré-homem” (BADEN-POWELL *apud* CORBIN *et al.*, 2013b, p.72). Tudo aquilo que ‘pesa’ dentro dessa virilidade é discursivamente feito ‘mais leve’, uma vez que foi prometido um futuro melhor para o homem que a aprendesse e a seguisse. O caminho que o pré-homem faz até se metamorfosear em um homem feito é, então, visto como “um jogo para os meninos, mas um jogo tal que, se for jogado lealmente, segundo as regras, durante alguns anos, uma bela manhã deverá despertar UM HOMEM” (BADEN-POWELL *apud* CORBIN *et al.*, 2013b, p.72). Observamos que ‘brincando’ o menino aprende os ideais da virilidade – o foco e a dedicação à tarefa na mão, sentido de justiça e persistência e temporalidade – e o prêmio que ganha como vencedor é o *status* de HOMEM. Fazemos questão de olhar para a linguagem usada para se referir ao menino no caminho da maturidade. Ele é um “pré-homem”, alguém que ainda está no estado de “infantofeminilidade” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.48). O prefixo “pre-“ evoca o discurso médico usado para a descrição do corpo feminino “inacabado” e

“malcozido” do homem, que nos faz pensar nos mencionados estágios do desenvolvimento do corpo humano que termina com o do homem feito e formado. Esse corpo agora é, também, o do “homem de verdade”, do “homem viril” – o estado perfeito e desejado pelo Estado.

Ser viril significa mais do que ser corajoso. A palavra “virilidade” tem origem na *virilitas*, palavra em latim que, na antiguidade romana, designava o modelo – e não apenas uma qualidade individual – de ser e estar no mundo. “O *vir* não é simplesmente *homo*; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes, ideal de força e de virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação. Daí essa situação tradicional de desafio: buscar o ‘perfeito’, a excelência, bem como o ‘autocontrole’” (CORBIN *et al.*, 2013a, p.7). Em grego, a palavra *andreia* corresponde à *virilita* romana, uma vez que se refere às qualidades guerreiras, à bravura e à potência sexual. O modelo viril, embora no contínuo processo da transformação histórica e antropológica, persistiu ao longo do tempo desde a sua invenção, e constituiu o ideal dominante da masculinidade até os anos de 1950, com vestígios presentes em traços ainda hoje em dia.

Se olhássemos, junto com os autores da *História da virilidade*, para as reconfigurações das qualidades do sujeito viril, seus comportamentos, valores e normas, veríamos que elas foram sempre ancoradas nas esferas da sexualidade, da morfologia do corpo masculino e da psiquê do homem viril. Esses conjuntos de expectativas foram determinados – e mais vigorosamente do que nunca no século XIX – pelo saber naturalista que cristalizou a ideia da predestinação masculina à dominação, força e grandeza. No século XVIII, a imagem-modelo que enaltecia o homem e paralelamente pesava sobre ele se resume na ideia de que

O homem – à imagem de seus órgãos genitais – é voltado para o exterior. Sua energia e seu vigor o predispõem ao esforço. Sujeito à imposição do agir, dotado de ambição, possuidor do senso de iniciativa, cabe-lhe controlar suas emoções, dominar seus medos, demonstrar coragem e firmeza seja no trabalho, seja no campo de batalha. Ele precisa encarar desafios; se é necessário, não recusar num duelo. Tudo isso implica o autodomínio. Longe dos caprichos e da decisão efêmera, o homem é destinado à realização dos projetos duradouros. Essa temporalidade viril autoriza a dilatação, a expansão do ser. “A mulher é, o homem se torna”. Ele está sujeito a um perpétuo crescimento do eu. O progresso provém do homem viril (CORBIN *et al.*, 2013b, p.20).

No plano psicológico, conforme o exposto, o homem viril tem uma tarefa difícil, a de não falhar em nenhum dos seus empenhos naturais. Ele deve sempre visar à perfeição e à superioridade, ora mostrando sua força, ora contendo-a, controlando-a.

Como é o corpo viril? Buffon, o naturalista francês, descreveu no seu livro *História natural dos animais*, o modelo do macho pelo qual é possível traçar uma analogia entre o leão

e o macho viril do ser humano. Além da bravura associada à imagem dessa espécie felina, a anatomia do leão serve como modelo para o quadro morfológico de um corpo viril masculino humano, onde são destacadas a postura formosa, a musculação bem definida e um corpo sem excesso de gordura, como também a abundância da pilosidade. Como o leão no reino animal, o homem (viril) “tem a ‘força e a majestade’ inerentes ao macho perfeito; qualidades que são de um monarca” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.18). O discurso médico acompanha e afirma a especificidade vantajosa do corpo masculino caracterizado pela “compacidade das carnes, a firmeza, a solidez dos músculos, o calor e a sequidade do conjunto, a densidade da fibra, a pilosidade abundante” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.19). Juntadas as exigências físicas e morais do soldado do século XIX, encontra-se uma descrição detalhada que, no século XVII foi escrita pelo médico, Cureau de La Chambre:

A largura do tórax e dos ombros, a liberdade e a força das juntas, a abertura das narinas e o tamanho da boca são marcas da audácia, o pescoço grosso, a carne dura e musculosa são sinais de força tanto do corpo quanto da alma. A fronte quadrada, o nariz um pouco grande, os lábios sutis, o queixo um pouco largo marcam a magnanimidade e a grandeza da coragem. A estatura alta e direita, a sobrancelha elevada, o caminhar nobre, os olhos vivos designam a glória. A fronte e o rosto quadrados e a cabeça grande são marcas de sabedoria, de constância e de justiça (CHAMBRE, 1659, p.45).

No que tange à sexualidade nas representações da virilidade, encontra-se repetida a potência criadora do homem, sua capacidade erétil, força de penetração, predisposição à ejaculação e o desejo sexual irreprímível masculino. A marca identitária do homem, assim como o determina o naturalismo, é a aptidão para perpetuar a espécie humana por meio da fertilização da mulher, mas, ao mesmo tempo, inclui a virilidade contida no desejo incontrolável que, reprimido – sendo inúmeras vezes mais forte do que nas mulheres – constitui até uma ameaça para a vida pública. Para se mostrar como um “homem de verdade”, paradoxalmente, ele precisa reprimir a sua natureza masculina.

A virilidade militar é uma das modalidades da virilidade. Para os soldados, ser viril significa ser preparado para sofrer fisicamente e não ter medo disso; virilidade é um “saber morrer” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.244), significa merecer a morte pelo sofrimento. No século XIX, distinguiu-se o modelo da virilidade-fascista como o ponto extremo da virilidade militar que, como diria Mussolini, teve como alvo “criar a classe dos guerreiros, sempre pronta para morrer” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.243). Similarmente, na Grande Revolução francesa, ser viril significava colocar em primeiro lugar o amor pela pátria. Um “bom cidadão” era aquele que se mostrava viril em duas esferas: cívica e guerreira, logo, um bom cidadão é o homem

viril pronto para entregar o seu corpo, a sua alma e o seu coração, enfim, a sua vida para a pátria.

Os saberes que o homem recebe no exército, o lugar onde ele aprende a ser viril, são principalmente ligados ao seu corpo e à sexualidade. É interessante notar que ao dedicar completamente a sua vida à pátria, ele precisa se afastar da sua outra metade – a mulher, e reprimir os seus desejos (ligados a ela), vistos como coisa baixa. O homem viril não mostra características efeminadas, como também não é acompanhado pela mulher. “Aquele que é capaz de perder por um instante a razão pode ainda responder por suas ações e por si mesmo” (PRIARD *apud* CORBIN *et al.*, 2013b, p.209)? É a razão que deve dominar o homem e ser cultivada por ele; ele precisa visar a coisas de alteza e lutar pelas coisas grandes, não deixar ser vencido por pequenos e baixos (femininos) instintos e desejos. Seguindo sua razão e evitando cair nos instintos, o homem mostra a capacidade de disciplinamento do próprio corpo controlando e redirecionando suas energias e, portanto, ele se torna o modelo para seus colegas militares, uma promessa para o povo e defensor da pátria. Os exércitos chamaram homens viúvos, solteiros e sem filhos para defenderem a França republicana em 1793. Um médico nota que

Um soldado casado é mais ocupado com sua família do que com seu serviço. Ele é obrigado a partilhar seu saldo, já moderado para ele, entre sua mulher e seus filhos; e mesmo supondo que a mulher ganhe algum dinheiro, esse homem se subtrai ao convívio de seus camaradas, de suas maneiras e costumes. Além disso, permitindo o casamento entre as tropas, aqueles que se engajam nele são colocados, de certo modo, na necessidade de tornar-se uma espécie de vivandeiros e se lhes dá a ocasião de tornarem-se beberrões ou crapulosos e, o que é ainda pior, atraírem seus camaradas para sua casa para tornarem-se a mesma coisa (COLOMBIER *apud* CORBIN *et al.*, 2013b, p.90).

Ao mesmo tempo que brotavam os discursos que exaltavam a força e a superioridade do corpo masculino, a medicina trazia discursos sobre o corpo feminino misterioso e incompreensível e apontavam para as suas fragilidades (ou a falta de vigor) e as doenças. “Ela tem a intuição, o cuidado com o corpo, a escuta cenestética aguçada, a delicadeza sensorial, a penetração psicológica, o sentido da nuance e do detalhe, a compreensão dos fenômenos cósmicos; em suma, uma sensibilidade e uma poesia espontâneas” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.27).

O efeito que se produz sobre a virilidade e o heroísmo feminino na guerra alimenta a sexualização dos espaços e dos papéis. Na *Coleção de atos heróicos* de Bourdon, o autor escolheu apresentar uma mulher “administrando-lhe (ao seu marido) os cuidados de ternura conjugal” que assim “demonstra que não renunciou às virtudes de seu sexo” (GOUJARD

apud CORBIN *et al.*, 2013b, p.209). Similarmente, os autores *da História da virilidade* nos mostram que as mulheres que exprimiam o desejo de lutar como soldados foram rebaixadas, sendo chamadas de “prostitutas”, por se temer a sua susceptibilidade para se entregarem ao “comércio de seu charme” (2013b, p.91). Dentro do exército do século XVIII, as únicas mulheres a serem permitidas eram as lavadeiras e as vivandeiras¹⁹.

A história nos ensinou: os homens de um lado, as mulheres do outro. Eles são empenhados em projetos duradouros e se estendem/ocupam/investem (n)o tempo e (n)o espaço. O tempo e o espaço da mulher são cortados pelos caprichos do momento e as oscilações nos seus estados emocionais a afastam da dedicação contínua a qualquer tarefa. Inúmeros espaços lhe são interditados. Por isso é que se diz que o homem tem o poder e a mulher tem os poderes. Um poder grande e total, e os poderes fragmentados, diminuídos, cuidadosamente distribuídos. O interesse do homem: o Estado, a Pátria, a Guerra – a Grandeza; o interesse da mulher: o cotidiano do lar familiar. O homem grande, a mulher pequena. A virilidade seria o modelo masculino que mais se aproximaria daquele de fragilidade para as mulheres.

A história da virilidade colocou um grande peso nas costas dos meninos, o peso do mundo inteiro. A existência e a ordem no/do passado, presente e futuro esteve, está e, acredita-se, estará nas mãos do homem. Vemos que, por isso, é muito forte a ligação entre o futuro das sociedades e o papel da sexualidade masculina. Os homens são ensinados a pensar que a impotência seria um “fracasso” e que a homoafetividade seria algo que “foge da natureza”. Nessa linha de raciocínio, impõem-se verdades segundo as quais um “fracasso” individual (a impotência e a homossexualidade, por exemplo) significasse o “fracasso” do mundo – os dois de sua responsabilidade.

É, pois, nesse contexto polarizado, em que a virilidade é entendida como algo tão produtivo quanto guerreiro e a feminilidade como algo tão doce quanto lânguido, que irrompe o sujeito Milunka Savic. Ao ‘invadir’ os domínios viris, ela faz mais do que desautorizar os discursos que determinaram fronteiras entre os sexos – mulheres no domínio privado, preferencialmente na esfera doméstica, *locus* de proteção – e homens no espaço público o que inclui as frentes de combate em tempos de guerra. Mais do que isso, então, invadindo o campo de guerra, que era um negócio de homens, Milunka se tornou uma verdadeira antítese da feminilidade.

¹⁹ Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, a palavra *vivandeira* denomina a “mulher que vendia aos soldados, que acompanhava em marcha, comestíveis, bebidas”. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/vivandeira>. Acesso em: 24/07/2016.

Milunka mulher era homem e viril; foi a guerreira mais condecorada por sua coragem, modelo da grandeza para outras mulheres que quiseram lutar na Primeira Guerra Mundial; o seu nome tornou-se referência mundial²⁰ pela bravura. Voluntariamente, arriscou a vida para defender seu país, captando, sozinha, grupos de soldados adversários. Foi ferida várias vezes nas batalhas. Foi, portanto, homem viril e soldado exemplar por mais de quatro anos.

Isso nos permite pensar na virilidade das mulheres hoje, virilidade feminina essa que é recorrente na história do sujeito mulher. Porém, a nossa atualidade não é tão simples assim.

²⁰ Fotos da Milunka mulher guerreira apareceram nas capas de algumas revistas francesas.

3. A EMERGÊNCIA, O APAGAMENTO E A ESCANÇÃO DO CORPO DA MULHER-HOMEM NA/DA HISTÓRIA DA GUERRA NA/DA SÉRVIA

Recuperando acontecimentos da história da Sérvia, encontramos que ela é tão longa quanto interessante e que seria possível resgatá-la, mesmo antes das imigrações dos eslavos e, mais especificamente, dos sérvios, nesses espaços, no século VII. No período que o precede, no território do país (se comparado com fronteiras modernas), destaca-se como a mais importante dominação do Império Romano, cuja decomposição resultou na formação dos primeiros países sérvios, por volta dos séculos VIII e IX. Na Idade Média, no século XII, começou o reino da primeira grande dinastia sérvia que contou com 11 reis e tzares, os *Nemanjić*, que governaram o país até o século XIV. O Império chegou ao fim depois da batalha de Kosovo, em 1389, quando a Sérvia ficou sob a dominação otomana e não existiu como país durante, aproximadamente, 400 anos.

No final do século XVII, o território da Sérvia era dividido entre o Império Otomano e a Monarquia de Habsburgo. Os sérvios conseguiram ganhar independência depois de duas revoltas, em 1804 e 1815, tornando o país, respectivamente, Principado e, depois, em 1882, Reino.

Na Primeira Guerra Mundial, sendo alvo de ataques e conquistas dos grandes impérios mundiais, o principal objetivo do povo sérvio era a liberação e a unificação dos seus povos oprimidos. Isso, de fato, foi atingido em 1918 e coroado pela constituição do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, liderado pela dinastia dos *Karađorđević*.

O nome do Reino foi alterado para o Reino da Iugoslávia, em 1929. O final da Segunda Guerra Mundial marcou o começo da sua gradual fragmentação, que se completou em 1990. Em 2006, o Montenegro votou pela independência, rompendo com a última federação dos países eslavos. A partir de 2008, Kosovo não faz parte do país. Nasceu assim a República da Sérvia, um país novo e pequeno, com uma história grande.

Situemos inicialmente Milunka na história da Guerra, seguindo as explicações do historiador sérvio Mitar Đurišić (2008), encontradas no seu livro *Sérvia na guerra de 1914*²¹ (tradução livre nossa). As origens da Primeira Guerra Mundial encontram-se no desenvolvimento industrial dos grandes países colonizadores da Europa. No final do século XIX e no início do século XX, esses países entram em concorrência e procuram aliados. Aos poucos, formam-se dois blocos poderosos e antagônicos: de um lado Impérios Centrais

²¹ Em original: *Srbija u ratu 1914*.

(Império Alemão, Áustria-Hungria e Itália, 1882) e, do outro, a Tríplice Entente (Reino Unido, França e Império Russo, 1907). Essa divisão impulsionou a emergência da Primeira Grande Guerra Mundial, iniciada pelos Impérios Centrais.

Por se tratar de um país bastante distante, quer geograficamente quer historicamente em termos das referências que temos no Brasil – país cuja participação nessa Guerra foi muito pequena e modesta - vale atentarmos para os modos de organização do núcleo do conflito, com destaque para o espaço territorial da Sérvia onde Milunka guerreou.



Figura 2 – Organização do núcleo de conflito da Primeira Guerra Mundial
 Fonte: <http://www.todoestudo.com.br/historia/primeira-guerra-mundial>

Quando a Alemanha atingiu seu ápice de desenvolvimento, surgiu a necessidade da expansão territorial, ao passo que o mundo colonial já estava dividido. Mesmo assim, desenvolvendo-se muito rapidamente, o plano da Alemanha era exatamente esse – uma expansão em função da conquista territorial dos países vizinhos: Suíça, França, Bélgica e Rússia. Nesse aspecto, aproximou-se e consolidou sua aliança com a Áustria-Hungria que desejava conseguir, conquistando os países balcânicos, uma saída pelo mar Egeu. Devido à sua posição geopolítica, Sérvia e Montenegro, aliados da Rússia, foram envolvidos nos conflitos dos grandes colonizadores. A Grécia também foi envolvida na guerra, dado que a cidade de Tessalônica, que sai pelo mar Egeu, foi o alvo das conquistas da Áustria-Hungria.

Consciente de que a guerra era a única maneira de atingir o seu plano, a Alemanha começou com as preparações, tornando-se, no início do século XX, o maior poderio bélico terrestre.

O ano de 1908 pode ser tomado como decisivo para a ocorrência de uma cadeia de perturbações de grande escala, a partir da proclamação da anexação da Bósnia e Herzegovina pela Áustria-Hungria. Esse ato propiciou duas Guerras dos Balcãs (1912-1913) que introduziram o mundo na primeira Grande guerra (1914-1918).

As guerras dos Balcãs ocorreram entre a Liga Balcânica (Sérvia, Montenegro, Bulgária e Grécia) e a Turquia, tendo como objetivo a Liga da libertação do povo conterrâneo no território otomano. Desse modo, com a anexação da Bósnia e Herzegovina pela Áustria-Hungria, o motivo da Sérvia e de Montenegro para essa guerra era duplo: reagir contra os Impérios Centrais, por um lado, e contra os turcos, por outro. Nesse conflito, os Impérios Centrais (principalmente Alemanha e Áustria-Hungria) apoiaram a Turquia, enquanto a Tríplice Entente (principalmente Rússia) apoiou a Liga Balcânica. Ao contrário do que se esperava, a Liga Balcânica leva a vitória; Alemanha e Áustria-Hungria ficam usurpadas com o poder crescente dos movimentos libertários nos Balcãs e decidem atacar e destruir a Liga, o que era um ataque indireto à Rússia.

Segue, no dia 28 de junho de 1914, o notável atentado ao arquiduque e herdeiro do Império Austro-Húngaro, Francisco Fernando, em Sarajevo, a capital da Bósnia. Esse momento foi visto como mais do que conveniente, para Áustria-Hungria e Alemanha, darem início à guerra. A Áustria-Hungria lança ultimato à Sérvia; a Sérvia nega; a Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia, em 28 de julho de 1914. Rússia, percebendo que entregar a Sérvia para Áustria-Hungria significaria entregar os Balcãs inteiros, toma lado da Sérvia. O mesmo faz Montenegro. A França toma o lado da Rússia. Alemanha declara guerra à Rússia; depois, à França. Inglaterra declara guerra à Alemanha. Montenegro à Áustria-Hungria. A Primeira Guerra Mundial começou.

O território de Tessalônica, a cidade mencionada no título do livro do nosso *corpus*, era a saída para o mar Egeu, desejada pela Áustria-Hungria e, portanto, uma frente de batalha. Foi criado em 1915, o frente, e aqui as forças da Tríplice Entente ajudavam, até o final da guerra, o Reino Sérvio nas batalhas contra os Impérios Centrais.

Na guerra com essas proporções, a Tríplice Entente sai como vencedora e a Sérvia consegue se libertar da dominação turca e austro-húngara. Desse conflito violento, sem antecedentes na história da humanidade, irrompe uma mulher transfigurada em homem, tornando-se um ícone da resistência – nos termos de Foucault (1995) – face ao poder patriarcal e normalizador das condutas de seu tempo. Se hoje, é-nos possível ter acesso aos

discursos que retiraram seu corpo ambíguo da clandestinidade, é porque *Antonije Đurić* publica o livro *Mulheres de Tessalônica falam*, em 2004, na esteira da série de condecorações que transformaram a “vida infame” da mulher-homem guerreira em uma vida, *post mortem*, de glória.

3.1. Mulheres na guerra

[...] está grávida, em um mês deveria dar à luz. O médico falou assim. Daqui em um mês – um filho. Assim falou. Estavam fascinados – como o médico podia saber, de antemão, que ia ser um menino, e ele apenas sorria e dizia: vai ser menino. Agora só meninos deveriam nascer na Sérvia [...] Ah, como queria eu engravidar [...], ia dar à luz cem filhos, para crescerem de um dia para outro, para eu os mandar à guerra, para preencherem os esvaziados batalhões sérvios [...] Ele teve um filho... Fala que estamos salvos agora, que o pior já passou (ĐURIĆ, 2004, p.164-175, tradução nossa).

No Iluminismo, vimos o funcionamento do dispositivo da alfabetização da nação, onde todos os indivíduos – mulheres inclusive e pela primeira vez na história – precisaram aprender a ler. Dessa forma, produzindo o efeito de igualdade intelectual entre homens e mulheres, o dispositivo reforçou a separação dos sexos, subjetivando cada um, como vimos, através das técnicas distintas. Similarmente, no Brasil do século XIX, o dispositivo escolar surgiu como resposta à transformação da monarquia para a república e teve como o objetivo a educação nacional – dos homens e das mulheres. Porém, a educação foi adaptada para reforçar a “domesticidade” das mulheres e a “militarização” dos homens (GREGOLIN, 2015, p.21). Nesse sentido, este capítulo tratará da virilidade como dispositivo que surgiu como resposta ao estado de guerra, visando à virilização da nação, cujos elementos (exército sendo um deles) foram estrategicamente movimentados, a fim de defender e salvar o país, reproduzindo, como efeito, a incompatibilidade da mulher com a guerra.

Reconhecendo a possibilidade de pensar a FD em termos de dispositivo, propomo-nos introduzir o dispositivo formado de elementos interdiscursivos da ordem médica (com as verdades sobre a mulher doente, frágil, histérica...), da ordem religiosa (mulher pecadora, apenas ajudante, complementar; segundo sexo, em termos de Simone Beauvoir (1960) ...) da ordem jurídica (mulher criminosa, louca-internada...) e de tantas outras ordens discursivas (FOUCAULT, 2001a) que têm produzido efeitos e práticas de inferioridade das mulheres. Os discursos das FDs formam o dispositivo de inferioridade das mulheres entrando em combate com os discursos que sustentam a superioridade masculina, assim afastando e até interditando a presença das mulheres no mundo viril, no caso, na guerra.

O exército sérvio era tradicionalmente um espaço da masculinidade até 2011, quando, pela primeira vez na história do país, 19 mulheres foram formadas como oficiais pela academia militar, fundada em 1850. Houve, assim, e sem dúvida, uma ressignificação no discurso sobre o sujeito mulher/homem (guerreira/o), uma vez que o Estado, que legitimava, naturalizava e reforçava a diferença entre os gêneros – colocando o homem e a masculinidade como marca identitária das suas forças armadas – passou a aceitar a mulher como apta a obter esse papel e a ocupar esse espaço. A Primeira Guerra Mundial constituiu uma ruptura, sendo o momento do surgimento dos casos individuais das mulheres combatentes, enquanto a Segunda Guerra Mundial evidenciou um questionamento mais sério do modelo masculino da virilidade militar. Entre 1941 e 1945, em países como a Rússia, os Aliados e a Iugoslávia, as mulheres foram mobilizadas massivamente; o número das mulheres do “sexo frágil” no Exército Nacional de Libertação da Iugoslávia atingiu cerca de cem mil.

Contudo, segundo os autores da *História da Virilidade* não devemos nos precipitar com as conclusões. A virilidade da mulher não é, obviamente, a mesma que a do homem. Algumas entraram no exército na Primeira Guerra Mundial; muitas formaram exércitos femininos²² na Segunda Guerra Mundial; recentemente, elas são militarizadas nos exércitos regulares, mas elas o fazem vestidas de homens; na paz, as tropas femininas rapidamente desaparecem. Atualmente, 99,9% (CORBIN *et al.*, 2013c, p.261) dos soldados nas tropas de combate ainda são homens. Como Mosse notou: “Não se trata de saber se a virilidade será derrubada, mas até que ponto ela irá se curvar” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.267). A curva também é visível no fato de que, além das mulheres, os homossexuais foram recentemente aceitos nos exércitos ocidentais. É inegável o papel que essas rupturas tiveram na produção contemporânea do sujeito viril. Porém, o modelo de virilidade continua masculino – a “quebra” da virilidade militar (masculina) não é um diagnóstico da atualidade.

O que significa ser mulher nas práticas discursivas que tradicionalmente definem o sujeito guerreiro? Segundo os autores da *História da virilidade*, as mulheres vestidas de homens são ora admiradas, ora despresadas, dependendo do quanto fogem do ‘normal’. Vestida de homem e ao mesmo tempo querendo ser guerreira, a mulher é ‘trânsfuga de classe’ (CORBIN *et al.*, 2013c, p.141) e até um ‘monstro’. Veremos que os efeitos de sentido que o sujeito mulher viril produz implicam ou a sua desclassificação (como indesejável,

²² O engajamento massivo das mulheres dentro do exército, foi no Exército Vermelho da União Soviética na segunda guerra mundial, que contou com, aproximadamente, oitocentas mil mulheres (8% das forças soviéticas), assim que constituindo uma ruptura na história da guerra (CORBIN *et al.*, 2013c, 257).

monstruosa, transgressora...) ou o seu apagamento total através da ‘morte’ da subjetividade feminina.

Na época da Primeira Guerra Mundial, as mulheres que quiseram participar nas batalhas voluntariamente foram interdidas. Essa mulher, como vimos, era assujeitada pela maternidade, pela gentileza, carinho e afeto, características coerentes com sua própria natureza, distante da virilidade e da brutalidade masculina; nos campos de batalha, seu papel se limitava a posições de enfermeira, guardiã e cuidadora dos feridos. Vemos, com os autores da *História da virilidade*, que o estado da guerra mantém os estereótipos identitários masculino e feminino, reforçando as suas aparentes homogeneidades arbitrariamente unificadas: “[...] a partir do momento em que o feito guerreiro entra em cena, em toda parte esses mesmos papéis sexuais parecem se fixar em formas similares, levando de maneira quase universal à exclusão das mulheres da esfera do combate” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.254). Mesmo no estado do caos e da desordem, a mulher fica presa na esfera privada, cuidando dos soldados assim como cuida da família.

No pensamento naturalista, período ápice da virilidade, entendia-se que um exército não seria o *habitat* natural das mulheres. Seria, ates, o lugar onde os meninos se tornariam homens verdadeiros, constituindo-se, assim, uma máquina de virilidade. É interessante notarmos que ser viril, embora não seja a mesma coisa que ser másculo, sempre excluía no seu percorrer histórico o feminino, devido à estrita divisão bimorfa dos sexos, vista como natural. Fazemos questão de parar aqui para mostrar que nem sequer para o naturalismo o sexo biológico masculino garantia e deixava como legado a virilidade ao homem. Discursos médicos oferecem descrições anatômicas dos corpos masculinos carentes desta qualidade enaltecida, corpos efeminado, etiquetados como ‘impotentes’:

As formas do seu corpo são arredondadas. Ele tem ombros estreitos, ancas largas, uma ventre proeminente. Suas carnes, muito lisas, são úmidas e flácidas. Sua ausência de pilosidade, sua voz delicada, seu odor insulso, seu caminhar molenga revelam ao observador sua falta de vigor (CORBIN *et al.*, 2013b, p.20).

Por outro lado, as combatentes – experienciando as atrocidades da guerra com os demais soldados – perderam a sua feminilidade. Os seus relatos sublinham que os militantes não as viam mais como mulheres e não mostravam interesse sexual por elas. Elas eram aceitas como verdadeiros homens. Brigitte Friang, uma mulher com experiências de ação militar e de tortura, trabalhando como repórter de guerra no Vietnã com os americanos, e depois no Oriente-Médio na Guerra dos Seis Dias, afirma:

Por dividir os mesmos riscos e as mesmas exaustões que os combatentes, eles acabaram me assimilando a eles, frequentemente não me vendo mais como mulher. Quantas vezes não escutei durante nossas conversas nas noites sobre os montes ou dentro de buracos esse *leitmotiv*: “Já que estamos entre homens, podemos dizer isso”. Muitas vezes, automaticamente, me surpreendi falando de mim mesma no masculino (FRIANG *apud* CORBIN *et al.*, 2013c, p.266).

Similarmente, a Lenka do livro *Mulheres de Tessalônica falam*, lembrando-se da sua experiência de 1916, confessa:

Pela primeira vez na minha vida estava segurando uma espingarda. Não tinha tempo para pensar. Puxei o gatilho e disparei o primeiro tiro [...] **De repente tudo me parecia normal. Como se eu tivesse me acostumado a batalhas [...] Estou sentindo o meu sangue fervendo, o ódio me consumindo; quis eu também - agora que estava no campo da batalha esta madrugada - matar [...]** Não me ocorreu que eles eram pessoas jovens, que foram para a guerra sob a vontade alheia, que talvez não tivessem feito nada de mal para ninguém, mas mesmo assim – eram inimigos... (ĐURIĆ, 2004, p.138, tradução e grifos nossos).

Concentramo-nos, aqui, no verbo “matar”, produzindo um efeito de sentido inesperável, porque enunciado por uma mulher declaradamente “nascida para matar”²³. Se, como propõe a arqueogenealogia de Michel Foucault, a subjetividade é produzida em meio a discursos cujo produto é sempre incompleto, inacabado, constantemente em transformação, temos no enunciado destacado acima um choque com a tradicional posição da mulher marcada pelo estigma da docilidade. Para além desse estigma, como pensar esse sujeito que deixa de ser nascido para gerar e cuidar de novas vidas, colocando em cheque o mito do amor universal? A imagem da mãe que, ao longo da história, aprendeu a sonhar com o casamento, cede lugar para um sujeito cujos “sonhos [...]da moça sobre a felicidade feminina foram interrompidos pela guerra”; e ela se “casou com uma espingarda” (ĐURIĆ, 2004, p.129) e descobriu que “matar”, tal qual um homem, parecia normal.

Esse apagamento do sujeito mulher dócil que se repete em inúmeros casos da mulher guerreira aponta para a impossibilidade de uma virilidade feminina. Uma mulher não pode ser/permanecer mulher e ser viril – “mulher viril” é um impossível linguístico, e ela, uma transgressora.

A subjetividade complexa da mulher-homem é uma subjetividade não escolhida e não desejada por ela/ele, o que mostra que não nos escolhemos, ou seja, não somos nós quem escolhe a posição sujeito, antes, são os já-ditos da posição que ocupamos que nos escolhem e recortam. Essas mesmas condições, impondo umas subjetvidades, apagam outras. Vimos

²³ Referimo-nos, com essa expressão, ao clássico filme norte americano - Full Metal Jacket – de 1987, dirigido por Stanley Kubrick

exemplos disso no caso da mulher-homem na Albânia, como também na necessidade que as mulheres sejam virgens (não apenas homens) para que possam combater, o modelo observável na imagem da donzela guerreira. Essa é a razão pela qual os autores da *História da virilidade* são ‘pessimistas’ em relação ao sujeito mulher viril, em geral. Para os feminismos, por outro lado, a presença (cada vez mais visível e numerosa) das mulheres nos diferentes espaços viris constitui um passo firme à igualdade dos sexos.

A ordem do discurso psicológico de hoje sustenta o argumento da impossibilidade de existência do sujeito mulher viril. Como vimos no exemplo da mulher da Albânia, por exemplo, o modelo da virilidade pode ser pensado em termos de “escolha da emancipação individual” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.144). Alfred Adler, o pai da psicologia individual vê nela um tipo de “protesto viril” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.144), próprio a ambos os sexos, afirma o psicólogo. Percebendo que o protesto é “um complexo de superioridade” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.144), e sendo que a superioridade, na nossa sociedade, é quase um sinônimo da masculinidade, não se considera como igual a virilidade feminina e masculina. Mais uma vez, essa discrepância faz com que não se falasse muito sobre a emancipação da mulher como mulher viril, o que, conseqüentemente, implica o atraso e/ou a impossibilidade desse mecanismo de emancipação feminina.

Essas considerações nos levam a perceber a arbitrariedade histórico-cultural que nos produzem. Assassinato, mesmo no estado da guerra, cometido por uma mulher guerreira (tanto quanto a sua própria morte, o derramamento de sangue em geral) é, no mínimo, algo incompatível com a sua natureza feminina, enquanto o assassinato cometido por um homem guerreiro (e a sua morte) é um ato glorioso e louvável. Mais um equívoco na história dos gêneros. A arbitrariedade naturalizada dos saberes se desvela quando a mulher guerreira do enunciado acima desconstrói o sujeito mulher que lhe é atribuído e se constitui como sujeito viril que mata o outro “sem pensar” e “com toda naturalidade”.

Os autores da *História da virilidade* apontam para o reflexo automático masculino – sempre forte, no estado da guerra aumentado – de proteger mulheres: “Os homens que poderiam achar comparativamente tolerável o ferimento de um camarada masculino ficavam chocados ao ver o ferimento em uma mulher, a missão tendendo então a ser esquecida na agitação geral destinada a se assegurar de que ela recebia a ajuda médica solicitada” (HOLMES *apud* CORBIN *et al.*, 2013c, p.263). Poderíamos comparar o comportamento protetor dos homens com o comportamento protetor paterno, onde a mulher é vista como criança que, no espaço do exército, faz com que pesassem sob ela múltiplas inferioridades.

“Ela (*a morte*) é a única que se permite confundir com o que há de maior, de mais inacessível. Era a sua forma própria [...] de compreender Deus” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.245). O reflexo masculino de salvar as mulheres da morte faz dele um homem grande (efeito de altruísmo) que protege a vida do mais fraco, ao mesmo tempo fazendo-o Grande (efeito de superioridade), uma vez que a morte é gloriosa. A morte gloriosa – uma vitória dentro da derrota – é um ideal tão lindamente disposto para ser desejado por homens... viris.

O que é valorizado pelo homem, do lado do homem é, sem dúvida, que ele pode derramar seu sangue, arriscar sua vida, pegar aquela dos outros, por decisão do seu livre-arbítrio; a mulher ‘vê’ seu sangue derramar para fora de seu corpo [...] e ela dá vida [e por vezes morre ao fazê-lo] sem necessariamente querê-lo ou poder impedi-lo. Aí talvez resida, nessa diferença, a força fundamental de todo trabalho simbólico enxertado nas origens sobre a relação dos sexos (HÉRITIER *apud* CORBIN *et al.*, 2013c, p.255).

Porém, uma arqueologia da história das mulheres traz alguns exemplos das mulheres derramando sangue, enquanto soldados Cabe aqui mencionar a perspectiva que glorifica as mulheres *post mortem*, a exemplo de canonização de Joana d’Arc, e de Milunka. Joana d’Arc (1412-1431) era uma mulher francesa da Idade Média. Ela nasceu e morreu na época da Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453) entre a França e a Inglaterra, onde Joana, cabelos cortados e vestida de homem, derramou sangue para a pátria, liderando a sua unidade militar em várias vitórias. Ironicamente, não morreu como soldado corajoso, nem como heroína, mas como herege. Meio século depois, no entanto, foi canonizada como santa pela igreja católica, por ter sido viril.

Partindo do princípio de que o modelo da virilidade não corresponde completamente à masculinidade, poderíamos pensar essa eternização da mulher vestida de homem como uma inscrição da virilidade feminina na história do sujeito mulher. Isto porque:

[A virilidade] não é sinônimo de masculinidade. Ela não se define apenas em relação à feminilidade. Muitos indivíduos apresentam uma falta de virilidade sem que isso permita colocar em dúvida sua “masculinidade”. [...] Por outro lado, há mulheres que demonstram virilidade, pois têm senso da grandeza, da honra, do sacrifício pela pátria. Algumas aceitam o combate, inclusive o duelo, e dão provas de evidente coragem. No final do século, Joana (d’Arc) e Charlotte (Corday) aparecem entre as mais exaltadas figuras heróicas da história da França (CORBIN *et al.* 2013, p.10).

Similarmente, os feminismos, elevando a consciência sobre o paradoxo da realidade ilusória e construída dos gêneros, mostram a presença cada vez maior das mulheres no campo de trabalho dito masculino. As mulheres no exército, acreditam eles, e muito mais nas épocas em que isso era visto como uma transgressão, não apenas são a resistência ao assujeitamento

do ser mulher, mas também constituem a transformação do imaginário social e, assim, contribuem para as mudanças no nível social enquanto diferenças/discriminações do sexo/gênero. Elas mostram a possibilidade de modificação dos saberes, uma vez que esses são construídos e depois aprendidos e aceites (ou não); a resistência delas coloca espaço para uma nova transformação e, quem sabe, uma “vibração” que até possa instaurar uma descontinuidade na história do sujeito mulher.

Repetindo mais uma vez a pergunta: O que significa ser mulher na ordem discursiva que tradicionalmente definiu o sujeito guerreiro? Percebemos, agora, que uma mulher no exército não significa, ou seja, não existe – ou porque nunca entrou, ou porque como mulher lá morreu.

É interessante notar que são precisamente as ocasiões excepcionais que geram mulheres excepcionais (CORBIN *et al.*, 2013c). A guerra é a urgência que deu início ao dispositivo da virilidade que, por sua vez, possibilitou o acontecimento do sujeito mulher guerreira. Ou seja, o excepcional sujeito mulher guerreira somente foi possível, porque houve o estado excepcional – a guerra. Porém, o sujeito mulher guerreira (o sujeito mulher viril), de fato, existiu porque foi reconhecido – morto?

Deleuze (1996) aponta para o aspecto diacrônico dos dispositivos, quando trata das linhas de atualização/criatividade, ampliando o foco foucaultiano que define o estado sincrônico (as linhas de estratificação/sedimentação do dispositivo), ou seja, aquelas subjetividades que sobrevivem o momento do seu acontecimento e atravessam as diferentes condições sócio-históricas. No jogo da memória – o da preservação ou do esquecimento – no arquivo de todas as coisas já-ditas sobre um sujeito, observa-se uma regularidade, uma repetição dos enunciados efetivamente produzidos (FOUCAULT, 2008) que, cristalizando-se em uma sociedade, reaparecem. Já as linhas de atualização dão conta das subjetividades novas, aquelas que rompem com a tradição e se modificam ‘frente a nossos olhos’. A ótica sincrônica e a diacrônica nos permitem pensar o sujeito mulher guerreira vestida de homem como um passo no processo de atualização do sujeito guerreiro e do sujeito mulher. Isso porque:

Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos atualidade do dispositivo. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro (DELEUZE, 1996, p.94).

3.2. O corpo duplo: de Herculine Barbin a Milunka Savić

Voltemos ao hermafrodita. Etimologicamente, há um convite para mergulharmos no mundo mitológico da Antiga Grécia, onde não apenas encontramos uma explicação linguístico-morfológica, mas também uma série de encantos e temores dos efeitos de sentido que o significante hermafrodita produz. Filho de Hermes e Afrodite, o Hermafrodito é um jovem lindo fruto de um romance adúltero. Foi criado pelas Ninfas na exterioridade de sua casa e vivia viajando. Um dia parou num lago para descansar quando a Ninfa Salmácis o viu e se apaixonou por ele. Tentou em vão seduzi-lo.

Certo dia Hermafrodito resolveu se banhar nas águas. Quando Salmácis o viu dentro de seus domínios, despiu-se e entrou nas águas abraçando Hermafrodito. Aderindo ao corpo dele, ordenou às águas que os unisse para sempre e que jamais seus corpos se separassem [...] Embora Hermafrodito tentasse se afastar, uma atração além de suas forças fez com que seu corpo se aderisse cada vez mais ao corpo da Ninfa. Subitamente ele compreendeu a intensidade do amor que ela sentia, um amor que se infiltrava por sua pele e invadia seu organismo. Assim ele deixou que seu corpo se fundisse ao corpo de Salmácis até que os dois se transformaram em um único ser. O momento da fusão definitiva causou-lhe êxtase tomando-lhe os sentidos, sendo homem e mulher, participando de uma única natureza, em equilíbrio, perfeito e completo, em um só ser ao mesmo tempo sendo dois. E assim ordenou que todos aqueles que se banhassem naquele lago, poderiam se tornar macho e fêmea, em um só corpo. Porém os homens evitavam de banhar-se naquele lago temendo perder a sua virilidade.²⁴

Existe no imaginário de várias sociedades a ideia da perfeição atingida pela junção dos opostos que se complementam – do bem e do mal, do certo e do errado, da escuridão e da luz, do masculino e do feminino etc. – no ponto agudo do equilíbrio. Similarmente, a verdade adotada por nossa sociedade ocidental é que, mesmo que fosse ideal visar à perfeição, nunca poderíamos atingi-la, isto é, ela não existe neste mundo. Pensando dessa forma, o corpo andrógino do hermafrodita constituiria o sexo perfeito, pois a masculinidade e a feminilidade seriam forças igualitárias, as duas aumentando o poder da totalidade que fundam. Porém, o próprio mito mostra o que Foucault (2001a), séculos depois, chamará de temor pelo discurso, resultante do controle do seu acontecimento e de sua disposição dentro de uma sociedade. Temor esse que faz(ia) com que o sujeito hermafrodita, perfeito ou não, não fosse a verdade deste mundo.

No campo da Análise do Discurso, notadamente a partir da perspectiva que adotamos nesta dissertação, parte-se do princípio de que nada preexiste ao discurso. Por discurso

²⁴ Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/11/hermafrodito-e-os-opostos-da-vida.html>.

entendemos tudo aquilo que, independente da materialidade envolvida (língua sendo apenas uma delas), produz efeitos de sentido. Esses efeitos, longe de ser ou representar a coisa (realidade) em si, são construídos no encontro de três elementos constitutivos do discurso: a história, a linguagem e o sujeito. Como já foi dito, a AD descarta o sujeito do ‘penso, logo existo’ e propõe que sem o discurso – movimentado nas/pelas relações de poder-saber, conforme Foucault (2007, 2008) – o ser humano não teria como produzir sentidos e não saberia nada sobre o mundo nem sobre si mesmo, logo, não existiria. A rede discursiva é a que tece o efeito da nossa realidade; é nela que nos constituímos como efeito-sujeito; é por meio dos fios dessa rede que enunciamos e produzimos saberes e verdades. O sujeito discursivo, uma posição vazia (FOUCAULT, 2008) de onde se enuncia, tanto é produzido e controlado pelos discursos, quanto ele mesmo os produz e os controla. Contudo, sabemos que, onde existe o efeito da ordem, ou a tendência de ordenar, existe também a desordem. Voltando agora às verdades, que também são efeitos, à perfeição e ao Hermafrodito, relembremos o que Foucault escreve sobre a questão da verdade:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). **A verdade é deste mundo**; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder (FOUCAULT, 2007, p. 12).

Uma vez que temos, como elementos do jogo, as relações de poder na produção dos saberes, o ideal do equilíbrio perfeito, caro aos ‘espíritos livres’, ganha outra forma de ser, ou um outro “corpo” – regrado, individualizado, fabricado e vigiado pelas relações micro-físicas. Essa repartição do poder, por sua vez, constrói e distribui, estrategicamente, saberes que nos subjetivam, mediante um processo que envolve diferenciação, hierarquização e, enfim, segregação dos sujeitos.

Não raro, isso nos põe em luta contra nós mesmos, isto é, contra nossa própria historicidade. O aspecto da historicidade na nossa atualidade pode ser explicado pelo conceito de papel da memória (PÊCHEUX, 1999), que explica o jogo do apagamento ou perpetuação dos saberes, através da repetição, reformação, ou transformação dos já-ditos e dos jamais-ditos sobre um sujeito. Nas palavras de Pêcheux, essa memória é “a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p.52), que nos leva a pensar sobre a influência das diferentes permanências dos saberes que entram na constituição dos sujeitos na atualidade. O hermafrodita, metafórico ou físico, é, ao mesmo tempo, o ‘eu’ e o ‘outro’; é o já-dito e o jamais-dito. Será ele, portanto, um sujeito impossível?

A propósito da história e do controle social do corpo de Herculine, mais precisamente da biopolítica que enredou esse corpo nas tramas de uma verdadeira caça de uma identidade na ordem sexual, rememoremos ainda que sumariamente sua existência relâmpago: ela nasceu e viveu durante vinte anos como mulher. Ainda que de família muito pobre, chegou a formar-se e a trabalhar como professora primária. Seus problemas iniciaram quando, na puberdade, as marcas da virilidade se sobressaíam em relação às de feminilidade, na medida em que ela não menstruava, não desenvolvia seios e precisava depilar o rosto. Após se queixar de dores, confessou a um bispo a existência de seu corpo duplo e, em 1860, foi examinada por um médico. Consequentemente, foi submetida às ordens normalizadoras de um poder que ao distinguir o normal e o patológico precisavam restituir o sistema de normalidade do seu corpo, das suas condutas e de seus comportamentos.

[...] ela/ele possuía o que se poderia descrever como um pequeno pênis ou um clitóris aumentado; [...] onde deveria estar a vagina, havia um “beco sem saída”, como disseram os médicos; e [...] ela não parecia não ter seios femininos identificáveis. Também havia, parece, uma capacidade de ejaculação... (BUTLER, 2003, p.5).

A descrição do corpo andrógino de Herculine foi feita pela intervenção médica e pastoral, depois de uma série de exames e confissões. A descoberta resultou num processo jurídico que teve como objetivo estabelecer e fixar, oficialmente, a identidade sexual de Herculine, isto é, atribuir-lhe um gênero. É preciso lembrar que a ordem na sociedade francesa do século XIX estava sendo configurada pelo dispositivo da sexualidade que produzia efeito de indivíduos com identidade sexual definida e estável. Supondo que o sexo é uma heterogeneidade livre, no seu estado ‘intacto’ pelo poder, o conceito de sexo foi recortado para servir ao dispositivo de sexualidade que tornou possível “agrupar, numa unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e permitiu que se usasse essa unidade fictícia como um princípio causal” (FOUCAULT, 1999, p.144). Em outras palavras, o sexo da pessoa (binário: masculino e feminino, e exclusivo: se era um não era outro) servia como o indicador do seu gênero. Herculine foi submetida/o à transformação. Foi lhe dado o nome masculino de Herculine, e foi lhe imposto o uso da roupa masculina, bem como lhe foi exigido o exercício do papel de homem na vida pública.

Assim como Herculine, Milunka Savić também precisou assumir uma identidade de homem, ainda que por condições sócio-históricas distintas. Devido a sua bravura, Milunka entrou na história da guerra. Isso só foi possível porque, ao se alistar como voluntária, identificou-se clandestinamente como homem, vestindo-se de modo a ocultar as marcas

corporais que pudessem identificá-la como mulher. Era, indubitavelmente, uma mulher segundo as normas do dispositivo de sexualidade: o corpo dela era feminino e suas atrações eram heterossexuais. Porém, os códigos da guerra, forjados nas produções de saberes que reforçam o imaginário da inferioridade e da fragilidade feminina, fizeram com que ela se desconstruísse como sujeito mulher e se construísse como sujeito homem, por meio não apenas de roupas masculinas, mas, sobretudo, pela adesão ao mundo da virilidade. Debaixo da farda, Milunka era reconhecida como homem viril por resto do mundo²⁵.

Ao se vestir de homem, cortar os cabelos, enfrentar as normas que regulavam sua casa, sua família, ela/ele reinventa sua identidade transformando-se em ambos os sexos no mesmo corpo. Analisar seu corpo reinventado e clandestinamente sediado em campos de batalha, requer considerar a relação entre discurso, história e memória que definem sujeitos. Nessa injunção, seu corpo clandestino deixa de ser pura forma metaforicamente associada ao hermafroditismo e adquire historicidade.

O que nos permite, portanto, aproximar o corpo andrógino de Herculine de Milun(ka) está num nível discursivo. No livro *Mulheres de Tessalônica falam*, são inúmeros os enunciados que nos permitem enxergar pontos de encontro entre Milunka e Herculine. Na sequência, trataremos especificamente desses pontos com o intuito de “decifrar” o corpo duplo de Milunka.

3.2.1. Decifrando a corporeidade da mulher-homem

Retomando o pesadelo de Foucault sobre o texto que escapa a leitura, Courtine (2012) propõe que o corpo, bem como o texto embaralhado do sonho do filósofo, é um enigma que, para que o enxerguemos claramente, precisa ser decifrado. O corpo enquanto algo a ser lido, e com muito investimento, coloca-se no lugar do discurso, no entrelugar da historicidade e da atualidade. O corpo, não material, biológico ou fisiológico, mas sim o corpo – a “superfície de inscrição” (FOUCAULT, 1994, p. 1.010), reinscrição, transcrição e apagamento da história; o corpo entre os visíveis e os invisíveis, o corpo, portanto, enquanto o acontecimento discursivo.

Como foi explicado antes, o corpo não emergiu como objeto das ciências humanas, e mais precisamente, dos estudos sobre discurso antes do século XX. No período quando se

²⁵ A verdadeira identidade sexual de Milunka foi desoberta e reconhecida durante a guerra. Neste item, no entanto, não entraremos na problemática do processo de aceitação dela como mulher soldado, na e fora da Sérvia. Trataremos apenas o momento onde a heterogeneidade constitutiva de Milunka como sujeito se aproxima da heterogeneidade de Herculine.

preocupou com a genealogia do poder, no seu livro *Vigiar e punir*, Foucault abriu a porta das ciências humanas para o corpo e assim deu visibilidade ao corpo “todo imerso de história, e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 2007, p. 22).

Quando Foucault (2007, p.22) discorre sobre das tecnologias do poder que, ao tempo em que fazem dos indivíduos sujeitos, avançam nos corpos, ele trata, no seio de sua genealogia, da ‘proveniência’, argumentando que ela “permite reencontrar, sob o aspecto único de uma característica ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais [...] eles se formaram”. Nega a ideia de que a genealogia buscaria estabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento e observa que seguir o filão complexo da proveniência é manter o que se passou na dispersão que lhe é própria; é situar os acidentes, os ínfimos desvios – ou pelo contrário, as completas inversões – os erros, as falhas de apreciação, os cálculos errôneos que fizeram nascer o que existe e tem valor para nós; é descobrir que, na raiz do que conhecemos e do que somos, não há absolutamente a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. Nesse sentido, entende que a proveniência se relaciona com o corpo e nele:

se encontra o estigma dos acontecimentos passados, assim como dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também se ligam e subitamente se exprimem, mas nele também se desligam, entram em luta, se apagam uns e outros e prosseguem seu insuperável conflito. O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto a linguagem os marcam e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (ao qual ele tenta atribuir a ilusão de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, na articulação do corpo com a história, e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2007, p.22).

Nessa linha de raciocínio em que o corpo que se articula com a história e que é arruinado por ela, adquire especial relevo o corpo da mulher pois, desde tempos imemoriais, “se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade” (FOUCAULT, 2007, p.234). Milunka Savić desautoriza essa sentença estribada na diferença entre os sexos, na medida em que nega a existência de um corpo frágil e doente quando o reinventa viril, travestindo-se de homem e escondendo as marcas de sua feminilidade.

Se hoje as mulheres estão, ainda que em imensa minoria nos exércitos e nas instituições armadas de um modo geral, é porque se “hermafroditaram”, ou seja, se fizeram homens em consonância com as características da virilidade.

Anos depois da Primeira Guerra Mundial, Antonije Đurić, o autor do livro *Mulheres de Tessalônica falam*, entrevistou a idosa Milunka e o resultado são as dez páginas do

primeiro capítulo da obra, intitulada *O trajeto de Milunka em direção da lenda*²⁶ que, como sabemos, só foi publicada em 2004. O foco deste capítulo são as recordações que a protagonista tem das suas ‘aventuras’, enquanto Milun(ka) na época das guerras na Sérvia – o final da guerra dos Balcãs e a Primeira Guerra Mundial. Entre a sua saída de casa e a sua volta, o autor nos traz a imagem da sua família esperando-a voltar; ouvimos a voz da mãe desesperada e a dos vizinhos, vozes essas que ilustram, para o leitor contemporâneo, a realidade da Sérvia do começo do século XX; ouvimos os pensamentos de Milunka sobre a guerra e, no fim, a encontramos velha e condecorada, o corpo morto da heroína imortal, enterrada no Novo cemitério em Belgrado, em 1973.

Mergulhamos, então, na Sérvia na virada do século XX, nesse momento histórico – que nos levará a outros, como acontece com todo emaranhado discursivo – para lá encontrarmos a chave para decifrar o corpo duplo e, logo, pontos de seu encontro com o hermafrodita francês.

3.2.1.1. *Sujeito Milunka Savić e vestígios da feminilidade*

“A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências” (PERROT, 2007, p.49).



Figura 3: Milunka mulher 1
Fonte: site da escola do ensino fundamental, 2013



Figura 4: Milunka mulher 2
Fonte: site da escola do ensino fundamental, 2013

²⁶ A tradução livre nossa da maior parte desse capítulo encontra-se anexada no final desta dissertação.



Figura 5: Milunka e suas filhas
Fonte: Jornal *Vesti online*, outubro 2013



Figura 6: A família da Milunka
Fonte: Jornal *Večernje novosti online*, março 2011

Enunciado 1:

Šta bi Milunki da ode? Tolike je proscemala, gledali su je momci na vašarima, uzdisali za njom, čeznuli, a ona, umesto doma i porodice, izabra rov i pušku... (p. 15)

O que deu nessa menina para ela também ir?

Tinha tantos pretendentes, os meninos olhavam para ela nas feiras, suspiravam para tê-la, a queria muito, e ela, em vez de fundar sua família e seu lar, optou pela trincheira e espingarda... (p. 15)

Em um país patriarcal como era a Sérvia nos tempos de Milunka, o que se esperava da mulher era o casamento e a maternidade. *O que deu nessa menina para ir também?* Essa pergunta irrompe em meio a uma série de outras que apontam a indignação dos vizinhos que, ao buscarem novidades sobre o campo de batalha, particularmente sobre os meninos que ali lutavam, sublinhando a singularidade e a estranheza do alistamento da *menina que tinha tantos pretendentes*.

Relembramos do discurso filosófico que procedeu de Aristóteles e que produzia a verdade sobre o corpo da mulher ‘mal-cozido’, defeituoso e incompleto, porque frio e fraco. Nesse raciocínio a mulher teria sido feita para ser completada e protegida (pelo homem), teria

sido apenas o receptáculo passivo. Relembramos também do valor inferior que adquirem os humores do corpo da mulher, quando comparado com os do homem.

Nos entrecruzamentos dos discursos filosófico, médico, naturalista e religioso, entre outros, fixaram-se, historicamente, as subjetividades e os papéis femininos. Nas condições sócio-históricas referenciadas no livro, as mulheres eram interpeladas para cumprirem e desejarem cumprir as expectativas que o modelo de feminilidade trazia. Yalom (2002) nos traz a voz das mulheres do século XIX que, ao contrário de Milunka, se identificavam com os saberes que as subjetivavam e diziam: Meu marido “preenche minha natureza feminina e, com certeza meu sexo. Eu adoro olhar e amar para sentir a minha fraqueza de mulher protegida pela força superior do homem”. (YALOM, 2002, p.234).

O sujeito desses enunciados sente a necessidade e vê no casamento o sonho da sua vida, que a faria feliz e finalmente a completaria, não sabendo que, ao se sentir assim feminina, ela sente é o efeito produzido por discursos, e não sua própria natureza.

Enunciado 2:

<p><i>Mlađe Daničine kćeri, Miona od četrnaest i Slavka sa nepunih dvanaest godina, pomagale su u svim kućnim poslovima, zamenjujuci Milunku. Uveče, kad bi se pred kućom okupile Milunkine drugarice, koje su se već poudavale i rodile decu... (p. 16)</i></p>	<p><i>As filhas mais novas da Danica, a Miona de catorze anos e a Slavka de quase doze, ajudavam a mãe com todas tarefas domésticas, substituindo Milunka. De noite, as amigas de Milunka, que já eram casadas e com filhos, se encontravam na frente da casa de Milunka... (p. 16)</i></p>
--	---

Por serem tomadas como frágeis, mais fracas, inferiores e dependentes, mulheres foram educadas a obedecer a autoridade dos homens, isto é, foram ensinadas como servir, ajudar, complementar os homens, enquanto ‘boas esposas’ e ‘boas mães’, e enfim, ‘boas cidadãs’. Perrot (2007) nos mostra o pensamento no século XIX, a respeito:

É preciso, pois, [...] instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas (p. 93).

Tomar conta da casa e cuidar e educar os filhos são inteiramente suas responsabilidades. Fora das paredes da casa, que a protegem e a escondem, está o mundo dos

homens, onde a mulher não tem utilidade alguma.. Sendo boas mulheres, as irmãs de Milunka ficaram em casa *substituindo* a irmã mais velha, enquanto as amigas já fundaram famílias.

A maternidade e o casamento são marcas identitárias femininas tão grandes, que a mulher não é considerada mulher ‘de verdade’, pressupondo-se que há algo de errado nela, se ela optar por não se casar e/ou ter filhos. A medicina e a anatomia/fisiologia cristalizaram tanto a diferença dos corpos dos dois sexos, que o da mulher foi reduzido à capacidade singular de dar à luz, o que se tornou o dever da mulher. Por isso, as mulheres não se sentem mais mulheres na menopausa, porque não conseguem exercer a única função que as faz aquilo que são.

Não é surpresa, então, que a Danica – o sujeito mãe e esposa ‘como o patriarcado manda’ – diz indignada, que a sua filha mais velha, *em vez de fundar sua família e seu lar*, como suas amigas já fizeram, *optou pela trincheira e espingarda*. Esse enunciado traz à tona as velhas divisões já apresentadas anteriormente como: para o homem, a virilidade; para a mulher, a beleza; para o homem, a razão; para a mulher, sentimentos; para o homem, madeira e metal, para a mulher, tecidos e família (...) (PERROT, 2007). O mesmo efeito do sentido produzem os enunciados *o tear é para mulher*, enquanto *os homens têm que ir para exércitos*, como vemos nos dois enunciados seguintes:

Enunciado 3:

<p><i>Doći će, majko, kad ti kažem. Znaš ti kakva je Milunka! Da je s neba na glavu baciš, dočekala bi se na noge. Sećaš se kad ono jednom ode u Kraljevo, kupi pamuk, zasnova razboj i za noć izatka suknju za vašar. Samo je ona imala tako lepu suknju.</i></p> <p><i>- Jeste – osmeivala se Danica. – Razboj je za žensko, razboj, a ne puška. Da li će majka dočekati da je vidi.... (p. 16)</i></p>	<p><i>Ela volta, mãe, eu digo para você. Você sabe como é Milunka! Esperta e ligeira... Se jogada dos céus de cabeça primeiro, ela se aterraria de pé. Se lembra quando, uma vez, se foi para a cidade de Kraljevo, comprou algodão, pegou o tear, e numa só noite teou a saia para a feira. Somente ela teve uma saia tão linda.</i></p> <p><i>- Sim – sorria a Danica. – O tear é para mulher, o tear, e não espingarda! Será que a mãe aguentará até que a ver... (p. 16)</i></p>
---	--

Enunciado 4:

<p><i>Dobro, znam zašto ode Milan. Muško je. A kad je rat – muškarci moraju u vojsku... Ali,</i></p>	<p><i>Tudo bem, sei por que o Milan se foi. Ele é homem. E quando tem guerra – os homens</i></p>
--	--

*što ode Milunka? Šta ona traži u tom
prokletom ratu? I što već jednom ne dođe
svojoj kući? (p. 16)*

*têm que ir aos exércitos... Mas por que
Milunka se foi? O que que ela está fazendo
nesta maldita guerra? E por que não volta
para casa de uma vez? (p. 16)*

Lançando um olhar sobre as imagens do sujeito Milunka mulher encontramos traços da sua feminilidade nos seus vestidos, na cor branca da roupa, no chapéu, nas joias, no olhar, na postura, e nos cabelos, elegantemente prendidos. Na história do corpo da mulher, o corte, o penteado, a cor e o comprimento dos cabelos são a medida da feminilidade. “Os cabelos são a mulher” (Perrot, 2007, p. 55).

O imaginário sobre a cabeleira afirma a ideia de que os homens têm medo do(s) poder(es) da mulher. Se a nossa história é uma história das lutas, os cabelos da mulher trazem marcas das lutas e das resistências que irrompem no cruzamento das histórias dos dois sexos, onde os cabelos femininos são uma questão em pauta “como se o destino do mundo”, diz Perrot, “repousasse sobre suas (*das mulheres*) cabeças” (p. 62).

Solta e longa, a cabeleira da mulher é mergulhada na história da tentação e do pecado tão temidos que, ainda hoje, em algumas culturas, a mulher religiosa deve cobrir a cabeça com o véu. O discurso religioso tece as subjetividades dos dois sexos sob o argumento da naturalidade dos cabelos longos da mulher e curtos para o homem.

As mulheres suspeitas de “colaboração horizontal”²⁷ na França depois da Segunda Guerra Mundial, foram tosquiadas. Antigamente a condenação para os aprisionados, os vencidos e os escravos, essa prática passa a significar humilhação para a mulher pecadora. Mulher com crânio raspado era associada à loucura e à criminalidade, e foi temida. Similarmente, o efeito de sentido que produz o discurso cristão é que para os homens seria uma desonra deixar os cabelos crescerem. Quanto mais curtos os cabelos, mais viril o homem seria – os soldados da Roma antiga, os guerreiros, os nazistas são a referência da virilidade materializada no “crânio liso” (PERROT, 2007, p. 53).

Depois da Primeira Guerra Mundial, o período dos “Anos Loucos” trazem uma ruptura na moda e nos modelos tradicionais. Mulheres cortam os cabelos como sinal de emancipação. Essas novas mulheres, ‘masculinizadas’, trazem silhuetas de uma nova feminilidade.

²⁷ Colaboração horizontal se refere ao relacionamento amoroso entre as mulheres francesas e os soldados alemães na Segunda Guerra Mundial. Essas mulheres foram consideradas ajudantes dos adversários e, portanto, traidoras da nação, merecendo ser humilhadas e castigadas.

Por um tempo tão longo quanto a história do ser humano, os cabelos foram saturados de valor simbólico. Essa carga da memória que envolve os cabelos permitem que Milunka ocupasse aquela posição sujeito que lhe era oposta e interdita, sem que ninguém percebesse o ‘engano’. No ato de cortar seus próprios cabelos, ela resiste ao poder que a subjetiva, toma iniciativa, sai do modelo do sujeito mulher. Nesse ato de dessexualização, Milunka renunciou a sua sexualidade, ao poder de sedução, à beleza, da sua feminilidade e assumiu a virilidade, tornando-se homem e tudo aquilo que um homem representa.

Ela se tornou homem quando – de cabelos curtos, vestiu roupa masculina e identificou-se usando nome masculino com a voz rouca – outros homens a reconheceram como Milun.

Em meio às atrocidades da Primeira Guerra Mundial – foram mais de 8 milhões de pessoas mortas e mais de 20 milhões de feridos – Milunka foi baleada e esse acontecimento interessa aqui porque, assim como ocorreu com Herculine, seu “verdadeiro sexo” foi descoberto por um médico. Mais do que um sexo descoberto, expôs-se o enfrentamento, a ousadia de burlar as normas de uma sociedade disciplinar e heteronormativa da Sérvia no começo do século XX. Ferida, Milunka foi levada ao hospital e o médico a ‘descobre’:

Só não quero que me firam, pensava. Bem, se for o caso, que seja na perna, ou no braço. Na cabeça também pode ser, acho. Que não seja no peito. **Descobririam que sou mulher.** A bala atingiu exatamente o peito. Quando despertei estava no hospital. Meu Deus, me lembro: o médico, homem idoso, tirou o meu corpete rapidamente para ver onde estava a ferida. Deu um passo atrás, assustado. Começou a pedir ajuda. Tudo perdido, pensei. Não posso mais me esconder. **Não sou Milun, sou Milunka**²⁸ (ĐURIĆ, 2004, p.17, grifos nossos).

Tanto em Herculine quanto em Milunka, temos o choque do descobrimento que as despertam do gozo ilusório, depojando-as de seus disfarces e fazendo-as lembrar que elas têm um “verdadeiro sexo” (FOUCAULT, 2007, p.82): Alexine era Herculine e Milunka não era Milun.

Diante dos seios de Milunka, legíveis exclusivamente no corpo de uma mulher, o médico idoso está igualmente diante de um dos mais fortes símbolos da feminilidade e da sensualidade quer por sua associação direta com a procriação, a maternidade e a fecundidade quer por sua relação historicamente construída com o erótico e a fantasia. Esconder os seios,

²⁸ Tradução livre nossa. Texto em original: *Dogodilo se ono čega sam se najviše bojala. Samo da me ne rane, mislila sam. Dobro, ako me već rane neka to bude u nogu. Ili u ruku. Može, mislim, i u glavu... Samo neka ne bude u grudi. Otkriće da sam žensko... Kad ono, kao za inat baš u grudi... Onesvestila sam se u previjalištu. Bože, kad se toga setim: bolničar, stariji čovek, žurno mi skida koporan da vidi gde sam ranjena. Ustuknuo je i stao kao gromom pogođen. Počeo je da doziva u pomoć. Mislím, šta je, tu je. Ne mogu više da se krijem: nisam Milun, nego Milunka..*

tal como relata o soldado, seria uma estratégia (de guerra!) de esconder a singularidade anatômica que, uma vez desvelada, apontaria para a distinção de gênero e, de certo modo, para as práticas discursivas de essencialização de um corpo desenhado sob o olhar do médico e saturado de complexas significações culturais, históricas e sociais, além de míticas.

Sobre essa complexidade, lembremo-nos dos versos de Charles Baudelaire, em *Fleurs du Mal*: “As Mulheres Malditas: Outras, são como irmãs, andam lentas e graves; através das rochas cheias de aparições, onde Santo Antonio viu surgir como lavas; os seios nus e purpúreos de suas tentações” (BAUDELAIRE, 2012, p.558). A aparição dos seios na iconografia religiosa visa aproximar a mulher – porque sedutora – do demônio, capaz de arrastar santos para a perdição. Em outro sítio de significação, temos a figura alegórica da Marianne que, no célebre quadro de Delacroix, *A Liberdade guiando o povo*, está com os seios à mostra representando, para além dos valores caros à França (*liberté, égalité e fraternité*), a pátria mãe plena de coragem, segurança e proteção. No cerne dos discursos que definiram a maternidade como fonte de identidade e fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não vivida (PERROT, 2007), os seios eram muitas vezes interpretados da seguinte maneira:

Todos os austeros conselheiros repetiram, exaustivamente, que a natureza não deu seios à mulher para que ela obtenha glória de sua beleza, ou para que façam o prazer de um marido sensual. A mulher não deve se envaidecer ou extrair prazer de seus órgãos, pois sua função essencial é nutrícia. A natureza criou-a fêmea antes de mais nada, permitindo-lhe alimentar o filho com o próprio leite. Ai daquelas que o esquecessem! (BADINTER, 1985, p.130).

Por fim, vale lembrar do ato político das feministas – *bra burning* (queima dos sutiãs) – que mobilizou inúmeras ativistas do *Women’s Liberation Movement* em um protesto notadamente marcado pelo enorme poder simbólico dos seios.

O enunciado acima materializa o choque do médico, quando ele vê, na sua frente, seios femininos no corpo que deveria ser o de um homem. Nesse instante, entram em combate os saberes sobre os sexos, constitutivos do sujeito homem e sujeito mulher (o sujeito normal). O legível do corpo feminino, por um lado, evoca saberes médicos sobre o corpo frágil que precisa ser protegido despertando os efeitos de maternidade e feminilidade, talvez de prazer, mas nunca de virilidade; por outro lado, o peito derramando sangue, tal como se esperava de um soldado, define o corpo da mulher sofrendo as dores do sacrifício glorioso, pela pátria. Os

saberes contrastantes acabam matando o Milun²⁹, o homem soldado, paralelamente dando à luz a Milunka, apenas uma mulher; a masculinidade/virilidade vence a feminilidade/fragilidade.

3.2.1.2. *Sujeito Milun Savić e vestígios da virilidade*



Figura 7: Soldado Milun
Fonte: site da escola do ensino fundamental, 2013



Figura 8: Soldado Milunka
Fonte: *Jornal Večernje novosti online*, março 2014

Enunciado 1:

<p>- <i>Kući, rekao je.</i></p> <p>...</p> <p><i>Iskusni ratnik, uviđajući da pred sobom ima mladu ali odlučnu devojkju, blago reče:</i></p> <p>- <i>Dobro, budi bolničarka. Šteta da pogineš tako mlada.</i></p>	<p>- <i>Para casa! – disse ele.</i></p> <p>...</p> <p><i>Sendo um guerreiro experiente, percebeu que tem na sua frente uma mulher jovem, mas determinada, disse suavemente:</i></p> <p>- <i>Bom, seja enfermeira! Seria uma pena morrer tão jovem.</i></p> <p>- <i>Não quero ser enfermeira! Quero uma</i></p>
---	--

²⁹ Milun é o nome masculino sérvio, correspondente ao nome feminino Milunka. Além de usar roupa masculina para lutar, Milunka escolheu esse nome para se apresentar como homemaos militares.

-*Neću da budem bolničarka! Hoću pušku!* (p. 18)

espingarda! (p. 18)

Iniciamos esse exercício analítico considerando que todo enunciado

é constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados (FOUCAULT, 2008, p.111).

Dessa forma, as condições de existência que tornam possível o enunciado *Bom, seja enfermeira* é um campo associado de séries de outros enunciados que, historicamente, configuraram subjetividades femininas. Perrot (2007) resume a memória sobre quem é a mulher em relação aos outros, com as palavras “converter, ajudar, ensinar, socorrer, cuidar... Descobrir os outros” (p.140). Esses verbos se referem às profissões ditas ‘femininas’ como professoras, enfermeiras, mães, por exemplo, femininas porque correspondem com as qualidades ‘naturais’ das mulheres, aquelas que dizem respeito ao coração e aos sentimentos – compaixão, delicadeza, altruísmo, compreensão e sensibilidade.

Nas relações do poder constitutivas da instituição família, esses saberes colocam a mulher na posição de mãe que cuida e educa seus filhos; nas relações sociais, os espaços que a mulher ocupa espelham aqueles da vida privada, sendo apta para ensinar, cuidar, curar os que precisam; no estado de guerra, onde talvez esperaríamos que o caos apagasse as verdades sobre o ser humano no mundo, a mulher não consegue fugir da sua feminilidade, exercendo o papel de enfermeira. Os autores do livro *A História da virilidade* (2013c) afirmam que a exclusão da mulher da guerra é o padrão (não sem exceções); a mulher, as crianças e a pátria devem ser defendidos e protegidos.

A segunda parte da fala do chefe do comando supremo – *Seria uma pena morrer tão jovem* – dita depois do imperativo *seja enfermeira*, produz o efeito de sentido que na guerra, a feminilidade, ou mesmo a mulher, não sobrevive, ecoando a ideia de que não é a mulher quem protege (o país), mas é a mulher que precisa ser protegida. A morte de uma mulher na guerra não só seria uma pena. Uma mulher ir à busca da morte seria uma monstruosidade militar, do mesmo jeito que “uma mulher poeta é uma monstruosidade moral e literária”, ou “um soberano mulher é uma monstruosidade política” (PERROT, 2007, p.93), no século XIX. Isso porque a virilidade do militar (homem) “é busca de morte” (CORBIN *et al*, 2013b, p.195).

Enunciado 2:

<p><i>Njena želja izazvala je smeh starijih komandanata i sigurno bi sve palo u vodu da se za reč nije javio major Voja Tankosić:</i></p> <p><i>-Ako je ta devojka Milunka Savić, onda bi je trebalo primiti u neku dobrovoljačku jedinicu. Ona se već proslavila u ratu s Bugarima. Neustrašiva je, brza, okretna, snalažljiva, lukava... (p. 18)</i></p>	<p><i>Seu desejo provocou risos dos comandantes mais velhos, risos esses que, sem dúvida, iam estragar tudo se não fosse pelo major Voja Tankosić, que disse:</i></p> <p><i>- Se essa moça é a Milunka Savić, deveríamos colocá-la numa das formações voluntárias. Ela já se estacou na guerra contra os búlgaros. É destemida, ligeira, ágil, engenhosa, sagaz... (p. 18)</i></p>
--	--

Milunka, porém, conseguiu uma espingarda e entrou em combate. Essa ruptura foi possibilitada por ela ter se mostrado um guerreiro, fortemente viril, nas batalhas antecedentes, demonstrando que *é destemida, ligeira, ágil, engenhosa, sagaz*, como explica o major, defendendo-a. Ao atribuir a Milunka essas qualidades, o major a classifica como guerreira, reproduzindo na sua fala os saberes constitutivos da memória discursiva que define o militar viril de corpo e mente forte.

É interessante notar a reação dos grandes militares, reunidos no conselho da guerra conforme o último enunciado. Todos os homens, dão risada ao ouvirem que há uma mulher pedindo arma e querendo defender o país. Isso foi na Sérvia de 1914. Nos Estados Unidos, em 1942, quando se pensou em criar uma divisão feminina auxiliar, irrompe o enunciado “Pensem na humilhação! O que será da virilidade da América” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.260). Trinta e sete anos depois, um comandante supremo americano fala “ Nenhum homem sensato desejaria que uma mulher combatesse nas batalhas de sua própria nação” (CORBIN *et al.*, 2013c, p.260). Independente do tempo e da forma em que se (re)produz o discurso, produz-se o mesmo efeito – uma recusa, indignação e hostilidade em relação ao recrutamento das mulheres nos exércitos.

Enunciado 3:

<p><i>Predajte se! – grmnu Milunka. – Predajte se!</i></p> <p><i>Švabe bez reči pobacaše puške i digoše ruke uvis.</i></p>	<p><i>Se rendam! - Milunka gritou. - Se rendam!</i></p> <p><i>Jogaram suas espingardas no chão sem palavras, erguendo os braços.</i></p> <p><i>Os levou para o comandante do regimento e reportou:</i></p>
--	--

<p><i>Odvela ih je komandantu i raportirala:</i> <i>Gospodine pukovniče, dvadeset zarobljenh</i> <i>Švaba! (p. 19)</i></p>	<p><i>Senhor coronel, vinte alemães capturados!</i> (p. 19)</p>
--	--

No modelo do soldado viril, o amor pela pátria, a coragem de se sacrificar por ela e a abnegação por estar pronto para morrer por ela constituem “uma tríade, primeira prova da virilidade das tropas” (MOSSE *apud* CORBIN *et al.*, 2013b, p.204). Esses três elementos que definem o ser soldado estão de tal maneira relacionados que “se vocês conseguirem inspirar-lhe (no soldado) o amor pela pátria, nada poderá diminuir sua coragem” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.203). A Milunka se preocupou mais com a Sérvia do que a sua própria vida, como veremos no item seguinte, o que podemos considerar como o amor que lhe deu força para ela, uma mulher, enfrentar e capturar vinte soldados armados.

No Enunciado 3 vemos que, nesse aspecto, o sujeito Milun(ka) não é nada diferente do modelo do soldado ideal. Na prática de Milun(ka) ordenar aos soldados adversários não só aconteceu uma inversão dos papéis tradicionais dos homens e das mulheres, uma vez que vemos homens obedecendo e se sujeitando à vontade de uma mulher, mas essa exclamação mostra também o posicionamento de uma mulher na posição sujeito guerreiro.

Enunciado 4:

<p><i>Bože, mislila sam, zar je moguće da ovako</i> <i>završim u dubinama Sredozemnog mora, da</i> <i>budem hrana ribama... Ne, ne, moram se</i> <i>izvući, hoću da živim, da se borim, hoću na</i> <i>front... (p. 22)</i></p>	<p><i>Deus, pensava, será possível que vou</i> <i>terminar assim no fundo do mar</i> <i>Mediterrâneo, servindo de comida para os</i> <i>peixes... Não, não, preciso sobreviver, eu</i> <i>quero viver, quero batalhar, quero ir ao</i> <i>campo de batalha... (p. 22)</i></p>
---	---

Não apenas por ser corajosa, Milun(ka) é o sujeito guerreiro por desejar morrer gloriosamente. No interdiscurso de *Deus, pensava, será possível que vou terminar assim no fundo do mar Mediterrâneo, servindo de comida para os peixes (...)*, mais precisamente na existência “remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro” (FOUCAULT, 2007, p.31-32), existem os discursos outros caros os guerreiros, aqueles que insistem na prática segundo a qual morrer

pela pátria seria um ato glorioso, uma honra para o soldado e a última prova do sacrifício e do amor que ele sente por sua terra.

Enunciado 5:

<p><i>Od tog časa više od četiri godine je bila u muškom odelu i s puškom. Preko grudi je nosila dva niza redenika, a jedan oko pasa. Bez bombi nije ulazila u borbu. (p. 18)</i></p>	<p><i>A partir desse momento passou mais do que quatro anos vestida de homem e com a espingarda nas mãos. Sobre os peitos carregava duas bandoleiras e mais uma em volta da cintura. Sem bombas não entrava em combate. (p. 18)</i></p>
---	---

Olhando para o enunciado 5 e para as imagens das Figuras 7 e 8, vemos uma mulher portando arma e, logo, produz-se um efeito de discordância entre os dois elementos. “A arma é um poder” (GROSSMAN *apud* CORBIN *et al.*, 2013c, p.249), mas não é apenas aqui – na questão do poder da arma de matar – que se esboça a incompatibilidade da mulher com a posse das armas e com o ato de tirar e atingir alguém. Na história de guerra encontramos a dimensão sexualizada de porte das armas, devido à associação com a forma, o uso e a intimidade que o soldado tem com a arma (individual), por um lado, e o seu órgão genital, por outro. Além da óbvia relação com a forma fállica da arma, acrescenta-se a seguinte ideia:

Muitos homens que portaram uma arma e atiraram – especialmente uma arma automática – devem reconhecer do fundo do coração que a potência e o prazer de vomitar um jorro de balas apresenta-se às emoções sentidas na explosão de um jorro de esperma (GROSSMAN *apud* CORBIN *et al.*, 2013c, p.249).

Isso faz desnecessárias quaisquer explicações ulteriores sobre o porquê do conflito dos efeitos produzidos pela imagem que mostra uma mulher com uma espingarda na mão.

Porém, a Milunka é exemplo da mulher viril – uma mulher metamorfoseada em homem por ter carregado arma na guerra, metamorfoseada em um Cavaleiro da Legião de Honra³⁰ pelas condecorações para a sua coragem e metamorfoseada em heroína nacional pela cerimônia da transportação do seu corpo para o cemitério das pessoas renomadas (sobre o que trataremos no item seguinte) – abrindo brechas e desconstruindo velhos modelos.

³⁰ Milunka obteve esse *status* por ter recebido a *Ordem Nacional da Legião da Honra*, ordem máxima francesa que distingue entre cinco graus, do Cavaleiro ao Chefe de estado. O grau de Cavaleiro é o mais comum e o do Chefe, hoje em dia, pertence ao presidente da França. Contudo, mesmo sendo o grau ‘menos especial’, são raras as pessoas que são condecorados com esta ordem, sendo 75 na atualidade.

O hermafroditismo de dois/duas mulheres-homens, físico ou metafórico, desviava das normas das sociedades disciplinares e (hétero)normativas da França no século XIX e da Sérvia no começo do século XX. Produzindo efeito de anormalidade, o sujeito andrógino que foi para guerra choca quando ‘despido’. No caso de Herculine, o choque do seu descobrimento resultara não apenas de seu apagamento como uma ‘não-identidade’, mas também no apagamento total, enquanto uma vida, uma vez que o seu diário, junto com a documentação médica, pastoral e jurídica foram cuidadosamente ocultados dos olhos da sociedade, até que Foucault os publicara. Similarmente, a Milunka foi esquecida durante um século, até que o Antonije Đurić escreveu sobre a sua vida legendária.

As práticas discursivas e não discursivas que ordenam o que pode e o que não pode ser (dito), em relação com a nossa identidade sexual, criaram o estigma para com o sexo/corpo duplo. Os saberes que nos permitem uma rede da memória entre a Milunka com Herculine é o que guardou a Milunka esquecida, longe do olhar do mundo.

Nos rastros das duas vidas assombradas pelo corpo duplo, submetidas a um único e real sexo, Herculine e Milunka sucumbiram ao regime de verdade, à política geral da verdade que acolheram discursos funcionando como verdadeiros, naqueles espaços e naquelas temporalidades. No encontro da realidade com a produção discursiva sobre o “natural”, cai por terra a ilusão da completude dos sujeitos como a do hermafrodito mítico; instaura-se uma luta do sujeito consigo mesmo para reconciliar o legado do passado de um corpo subjugado, as exigências do presente referentes à verdade do sexo e a incerteza do futuro – no caso de Herculine, o desespero e a morte; no caso de Milunka, o envelhecimento e a glória *post mortem*.

Porém, conforme foi indicado, as verdades são construções e mudam ao longo do tempo, o corpo sendo o lugar do registro das marcas das permanências e atualidades históricas. Enquanto o corpo duplo fisiologicamente falando ainda leva o estigma de algo errado ou anormal, a corporeidade transitória é cada vez mais aceitável em mulheres que assumem papéis masculinos, embora nas guerras esses exemplos fossem reduzidos em número ou mesmo excepcionais.

3.3. Discurso, ritual e iconografia fabricando uma heroína nacional

A Milunka Savić é pouco conhecida na Sérvia e no mundo. Enquanto há trechos nos manuais de história, entradas nas enciclopédias e filmes sobre Joana d’Arc, uma santa no mundo católico, sobre Milunka começou-se a falar apenas recentemente, pelas produções

literárias, teatrais e pelas exposições em museus na Sérvia. A vida da mulher sérvia guerreira é amplamente desconhecida entre os Sérvios – nenhum historiador escreveu a sua biografia, o seu nome não aparece nos manuais escolares – logo, pouco se sabe sobre a Joana d’Arc sérvia (um dos apelidos da Milunka) fora do país, também. Isso causa surpresa e incredulidade quando encontramos conteúdos na internet sobre ela.

No complexo emaranhado dos acontecimentos de várias durações que, relacionando-se de várias maneiras, tecem a história, a mulher francesa guerreira vestida de homem, no século XV, foi canonizada como santa, pela igreja católica aproximadamente 500 anos depois da sua morte pela fogueira. Quarenta anos depois da morte da mulher sérvia guerreira vestida de homem, o país está a reconhecendo como heroína nacional. Em um nível, esses enunciados e não outros em seu lugar (FOUCAULT, 2008), irromperam nas condições sócio-históricas singulares, determinadas pela memória discursiva dos dois países, no que tange à imagem da mulher e da virilidade, por exemplo. Quaisquer que sejam outros estratos de outros acontecimentos que condicionaram a irrupção dos discursos que resgatam a Milunka Savić do esquecimento, tomamos esses discursos como o lugar da criação da Milunka como heroína nacional.

Os discursos que seguem, materializados nas imagens e nos textos verbais selecionados, representam o acontecimento que se realizou 40 anos depois da morte da Milunka Savić. Trata-se da cerimônia da transladação do corpo da Milunka para a Ala dos grandes. Esse lugar onde, certamente, não é qualquer um que pode ‘descansar em paz’, encontram-se, entre outros orgulhos, modelos e símbolos do país, desde 2013, os restos mortais da Milunka Savić. Neste item buscaremos mostrar como (uma ordem de) os discursos, imagético e verbal, opera(m) na comunidade sérvia, atualizando a memória discursiva sobre o ser herói/heroína.

No seu livro *A ordem do discurso* (2001a), ao apresentar três tipos de sistemas de controle do discurso, Foucault aponta para o ritual como a prática da rarefação dos sujeitos que falam. Ele explica:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinadas posições e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2001a, p.39).

Dessa forma, a cerimônia da transladação do corpo da Milunka é cercada por um “círculo de atenção” (FOUCAULT, 2001a, p.7). O efeito da importância e da grandeza que produz essa ordenação meticulosa dos elementos do ritual do enterro da Milunka garante a impressão do acontecimento no campo da memória coletiva dos sérvios.

O enterro da Milunka foi estruturado para produzir o efeito de importância da heroína e para homenagear *tudo aquilo que essa mulher maravilhosa, esse fenômeno singular representa, não somente na história da Sérvia, mas na história da humanidade* (a frase do pronunciamento do presidente apresentada na introdução). A cerimônia contava com a presença do Ministro da Defesa da Sérvia, do chefe da sede das Forças Armadas da Sérvia, arcebispo de Belgrado, vários ministros do governo atual, representantes das embaixadas e oficiais militares de 19 países estrangeiros, entre outros da Grã Bretanha, França, Itália e Estados Unidos.

Colocaram o caixão com o corpo da Milunka dentro do túmulo, enquanto os membros das forças armadas deram todas as honras militares à heroína, com a música *Tamo daleko*³¹, tocada pelo orchestra do exército sérvio. Depois, o presidente, o ministro, os membros da família e os oficiais estrangeiros colocaram as guirlandas em volta do túmulo de mármore.



Figura 9: Enterro da Milunka 1
Fonte: Jornal *Novi magazin*, novembro 2013



Figura 10: Enterro da Milunka 2
Fonte: Jornal *Vesti online*, novembro 2013

³¹ *Tamo daleko* (*Lá longe*, tradução livre nossa) é uma música tradicional sérvia que tem origem na Primeira Guerra Mundial. Foi cantada pelos soldados sérvios na ilha de Corfu, na Grécia. Eles cantam sobre a sua pátria que está lá longe. É interessante mencionar que Nikola Tesla, o inventor sérvio no campo da engenharia elétrica, também foi enterrado com essa música. O texto original e a tradução livre nossa encontram-se anexados no final desta dissertação. (Anexo 2).



Figura 11: Enterro da Milunka 3
 Fonte: *Jornal Novi magazin*, novembro 2013



Figura 12: Enterro da Milunka 4
 Fonte: *Jornal Vesti online*, novembro 2013

Na Figura 12 vemos uma almofada vermelha com sete condecorações na frente da cruz com o nome da Milunka Savić. Atrás da cruz, há o caixão coberto com a bandeira nacional da Sérvia e, atrás dele, um grupo de militares e, de cada lado da cruz, duas figuras centrais – à esquerda o presidente da Sérvia Tomislav Nikolić e, à direita, o patriarca sérvio Irinej.

A união desses elementos em uma fotografia foi permitida pelas condições sócio-históricas singulares da sua produção, isto é, por “um novo tipo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos” (FOUCAULT, 2008, p.4). Essa imagem é uma transformação histórica dos sujeitos mulher e homem, do sujeito herói e dos modelos da feminilidade e da virilidade. Embora não haja uma definição una e fixa de virilidade, ela era/é um modelo ideal do sujeito homem, constituído por exigências do corpo (corpo musculoso, com pilosidade acentuada,

firme, sólido etc.) e da mente (homem corajoso que controla seus impulsos e sua força, aquele que visa à expansão à grandeza e está sempre pronto para morrer pela terra). Embora as características desse modelo tenham sofrido mutações ao longo do tempo, ele sempre, no imaginário da sociedade ocidental, dizia respeito àquilo que faz do menino “UM HOMEM” (CORBIN *et al.*, 2013b, p.72), isto é, exclui as mulheres.

O efeito da transformação está produzido pelas condecorações na frente do nome feminino, contando sobre a sua coragem militar/guerreira. Está produzido também pelas figuras do presidente e do patriarca postos, na perspectiva da imagem, atrás do caixão da Milunka como se ‘protegessem as suas costas’. Esses dois corpos, representantes do discurso político e religioso, agora permitem a entrada de uma mulher no mundo viril, tradicionalmente masculino, enquanto anos atrás a mesma entrada levava até a morte pela fogueira.

O enunciado encontrou na materialidade da foto da Figura 12 a sua substância, o seu lugar e a sua data. Hoje, a Sérvia inteira (efeito produzido pela bandeira nacional) aceita, agradece e se orgulha em ter uma mulher como símbolo da guerra.

No texto *A imagem, uma arte de memória*, Jean Davallon (1999) propõe pensar a imagem contemporânea (visual e material) – um tipo de objeto cultural – como operadora da memória social.

Analisada por essa lente, a imagem constitui a materialidade onde se juntam o passado e o presente/futuro de um acontecimento. Em outras palavras, a imagem é o momento/lugar da coexistência de uma memória social existente (que opera por meio dos pré-construídos, os já ditos nas palavras de Pêcheux (1999), ou, em francês, *ça parle* – aquilo que fala em outro lugar), por um lado, e uma memória nova sendo construída na atualidade. Entendemos por atualidade de um acontecimento não aquilo que ele é (agora), mas, antes, aquilo em que se está transformando. Dessa forma, por meio do registro/reprodução do acontecimento, nós, enquanto espectadores, o comemoramos.

Então, se partimos da ideia que a memória social é um processo de transformação, observamos, junto com Davallon (1999), duas dimensões distintas e distantes, uma da outra, da memória social – o fato societal (que se refere ao acontecimento real, processo da função social da (re)instituição da sociedade) e o fato de significação (que se refere à reprodução desse acontecimento real, por meio do registro pela imagem). Explicamo-nos.

O processo da formação da memória social/coletiva e, depois, a entrada da memória na história, como entendida no diálogo entre Davallon e Halbwachs, encontra-se condicionada pela presença/ausência da força diferencial do acontecimento, por um lado, e limitada pelos

saberes tomados como verdadeiros em um contexto sócio-histórico específico, por outro. Isso quer dizer que um acontecimento se inscreve/imprime na memória social se tem importância para o grupo dentro da qual irrompe. No entanto, ele é ressignificado na sua representação (material) de tal maneira para que (co)respondesse à dimensão intersubjetiva (compartilhada pelos sujeitos) de uma certa sociedade e em um certo momento histórico.

Se os acontecimentos – os atos singulares que irrompem uma única vez – entram na memória com a condição de serem significantes, eles entram na história/conhecimento no ato de serem representados.

Segundo Davallon (1999), representar um acontecimento significa, de certa forma, repeti-lo e, aí, necessariamente ressignificá-lo e transformá-lo, uma vez que a essência do acontecimento real é recortada pelo/no objeto cultural. Através do objeto cultural pelo qual está representado, o acontecimento toma “o valor de uma espécie de ponto originário da comunidade social” (p.26), se torna “documento histórico e monumento de recordação” (p.27).

É com a materialidade do objeto cultural que nos deparamos ao analisarmos discursos seguindo a linha do pensamento proposta por Foucault, e é a partir dele que nos perguntamos: Como e por que apareceram (se inscreve(ra)m na memória) esses recortes e não outros em seu lugar e Quais subjetividades e quais efeitos de sentidos são por eles produzidos? Também, percebemos a possibilidade de considerar memória como dispositivo, uma vez que estrategicamente responde às e, simultaneamente, oferece subjetividades para uma certa sociedade e em um certo momento histórico.

Dessa forma, o número de pessoas presentes na cerimônia de transladação do corpo da Milunka para o novo túmulo; o perfil dessas pessoas; a sua lápide de mármore (sua nova casa, seu novo corpo); a *Aleja velikana* (seu novo bairro); guirlandas de flores frescas com fitas de cores da bandeira do país; a cruz e, debaixo, a inscrição de letras douradas “Milunka Savić/sargento do exército sérvio/1890-1973/a Sérvia agradece”; toda essa espacialidade – materializada nas fotografias e falas dos sujeitos do poder político, religioso e militar, postos em circulação pela mídia – produzindo efeitos de sentido gloriosos sobre quem é a Milunka Savić hoje.

Claro, se a imagem é uma produção cultural, não toca do mesmo modo um leitor/espectador brasileiro e um leitor/espectador sérvio. Isso coloca a imagem no nível simbólico, o que, por sua vez, indica a possibilidade de múltiplas interpretações – o legível e o dizível variam conforme a lente cultural e histórica do espectador – no entanto, a sua leitura vem intrinsecamente programada. A imagem mostra como deve ser lida, como afirmara

Pêcheux (1999). Uma vez feita a leitura dos elementos denotativos e simbólicos, a imagem se (re)inscreve na memória social, e o acontecimento representado pode ser comemorado.

Considerando que este trabalho, escrito em português, dá relevo aos registros sérvios, que tecem subjetividades da mulher guerreira sérvia, e como terá leitores de ambas as culturas, o que pretendemos fazer com as imagens nestes itens analíticos é fazer com que os registros da memória coletiva sérvia produzam sentidos, inscrevendo-se na memória social, para o leitor brasileiro, ou qualquer outro leitor.

Em *A câmara clara*, Roland Barthes (1984) apresenta um olhar singular sobre a imagem fotográfica. Como semioticista, esperaríamos que ele a considerasse um signo e que a interpretasse, mas ele a considera coisa real e, uma vez se deparando com ela, vê-se por ela confrontado e tocado. Ou seja, ele a experiência, tal como escreve:

De um corpo real que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui; pouco importa a duração dessa transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada (BARTHES, 1984, p.121).

Podemos dizer, sem medo de estarmos errados, que o afeto é aquilo que dá vida ao ‘corpo da coisa fotografada’, tornando-a real. Esse afeto é explicado pela noção de *punctum* na sua teoria, ou melhor, na sua experiência de ser o observador da imagem fotográfica. *Stadium* e *punctum* constituem dois conceitos centrais na sua obra. Usando-se da separação antiga do *psiquê* e *soma* (PORTER, 1992, p.292) ao explicar o momento de experienciar a foto na sua frente, Barthes (1984) afirma que o observador busca, racional e intencionalmente, ler e interpretar o *stadium*, enquanto o seu corpo involuntariamente responde ao *punctum*, que lhe cria o afeto pela coisa fotografada. Nessa perspectiva, o *stadium* seria o geral, vasto, definitivo e codificável – os elementos que o olhar acha quando a mente investe suas leituras e seus conhecimentos gerais e culturais. Já o *punctum* é o detalhe cujo brilho nos esquenta.

Considerando o que foi dito sobre o *stadium* e, mais especificamente, o *punctum*, segue a reação à imagem da Figura 10, uma leitura menos científica (ou não?) de uma imagem, objeto cultural nas palavras de Davallon (1999). Primeiro, o olhar atinge o centro da imagem, nos quatro coveiros vestidos com os mesmos trajes cor cinza, luvas brancas, sapatos pretos, baixando o caixão no túmulo. O olhar passa para trás e encontra outras pessoas, reconhece que se tratam de oficiais do país (a primeira pessoa na esquerda é o presidente Tomislav Nikolić, todos, também, formalmente vestidos de preto – a cor que simboliza luto tanto na cultura sérvia quanto na brasileira em muitos outros países – com as mãos à frente, cruzadas.

A considerar essas posturas, incorporam-se ali os gestos do ritual de um enterro, minimalizando os movimentos e, assim, mostrando o seu respeito ao defunto.

Contudo, toda a solenidade encontrada e identificada pelo olhar não basta para dar “vida”, como queria Barthes, à coisa fotografada. Isso somente ocorre quando o olhar encontra a figura do militar atrás do presidente, cujo rosto mal podemos enxergar; mais do que a figura, é preciso encontrar o sujeito vestido com o traje azul, porque isso implica a presença de um ser importante³², cuja mão alcança a testa em um ato de continência. Ato, vale acrescentar, que é uma saudação militar que manifesta respeito, apreço a seus superiores, subordinados, pares ou símbolos. É assim, a partir dessa ordem do olhar, que defunta deixa de ser um mero corpo e transforma-se em um corpo singular, nos restos mortais do que foi uma heroína nacional.

Nos embates temporais que constituem aquela imagem fotográfica, chama a atenção o presente – momento “real” do segundo sepultamento, movido acusticamente pela canção *Lá Longe* – e o passado – momento das batalhas em que Milunka cantava essa mesma canção. Em tal confronto, notamos a pessoa de farda, da idade dos netos da Milunka, que provavelmente nunca chegou a conhecê-la, sendo o único a bater continência ainda que ela não possa, obviamente, vê-lo. Ele a está saudando no exato momento em que ela é enterrada pela segunda vez, produzindo efeito de uma presença ausente. *Um* medo, *um* respeito, *um* orgulho, *algo* grande e corajoso, *algo* de certo modo santo, *alguém* que tinha ido para a guerra, tinha morrido e que agora toca aquele que vê a imagem, aqui e agora.

A partir dessa reação ao *punctum*, indefinida mas intensa, irrompem efeitos de sentido e de sujeito inevitavelmente atrelados às condições históricas de existência das palavras, das músicas e dos rituais da cerimônia em cuja heterogeneidade fabrica-se a heroína nacional na Sérvia da atualidade.

3.3.1. Heroína no discurso político e religioso

Na cerimônia mencionada, falaram o presidente da República da Sérvia Tomislav Nikolić e o patriarca sérvio Irinej. Foucault ensina que o que eles dizem não é pouca coisa, sendo que o acesso ao discurso pronunciado é limitado a certos sujeitos. São as posições de sujeito presidente e patriarca que podem criar verdades sobre a Milunka, e não qualquer um.

³² Indo atrás da decodificação do *stadium*, um segundo tenente sérvio identificou a farda como a do comandante da Guarda, o general major Miomir Todorović. Ao seu lado, o chefe da Sede das Forças Armadas, o general Ljubiša Diković. Nos eventos oficiais como esse, os dois comumente acompanham o presidente.

O pronunciamento do presidente

Texto em original:

“Danas ne stojimo mirno samo pred Milunkom Savić, već pred svim onim sto u Srbiji predstavlja ova divna žena, jedinstvena pojava, ne samo u istoriji Srbije, već u istoriji čovečanstva. Kada drugima, čak i saveznicima u Prvom Svetskom Ratu, ispričate njenu životnu priču, zatičete nevericu, učtivo odbijanje da prihvate da je u srpskom narodu postojala takva žena, da je naš simbol srpskog vojevanja u Prvom Svetskom Ratu stvaran. Da nije dokaza u stranim muzejima i arhivima, našu priču o ovoj heroini proglasili bi za siže avanturističkog romana, fikciju talentovanog pisca, scenario holivudskog filma. Kao u životu svake devojčice u Srbiji, sve je počelo sestrinskom ljubavlju i brigom, teškim radovima na selu predviđenim za odrasle muškarce. Nastavilo se prerušavanjem u momka, dobrovoljca, ranjavanjima zbog upornog istrajavanja da bude prihvaćena kao ravna drugima i da ima čast da služi u gvozdenu puku, medju najboljima. Milunka je simbol herojstva sa devet ljutih rana, zbog želje da Srbija bude slobodna; žena ratnik kojoj se divi vasceli svet. A kada se vratila sa fronta, čekao je ratnički usud – život u oslobođenoj Srbiji, utopljen u zajedničku državu, život koji je opet bio borba da preživi dan. Naučena na nesebičnost u ratu, Milunka Savić je i ono malo svoga delila sa onima koji nemaju ni to malo, sa bistrom decom sa sela koju je usvajala, hranila, školovala. I to je činila za svoju Srbiju kojoj je, posle ratova i stradanja, bila neophodna sposobna i školovana mladež, da je u miru vodi ka napretku. Brzo je prošao teški mir, ponovo rat. [...] Banjički logor; istorijska činjenica ili legenda da je iz kolone osuđenih oslobodio nemački oficir – ta vrsta divljenja vojnika prema vojniku, a zemlje su im u oba svetska rata vojevale jedna protiv druge, govori koliko i silno ordenje kojim je Milunki Savić svet iskazivao svoju zahvalnost. Nosilac je najviših srpskih i inostranih ratnih odlikovanja; pripala su joj dva ordena viteza Legije časti, jedina je žena u istoriji čovečanstva koja je odlikovana francuskim ordenom Ratnog krsta sa zlatnom palmom. Svojom bezmernom hrabrošću, viteštvom i rodoljubljem bila je primer savremenima, a potomcima učitelj koji svojim životom pokazuje kako se voli i brani otadžbina.”

Tradução livre nossa:

“Hoje não nos colocamos em pé apenas na frente da Milunka Savić, mas na frente de tudo aquilo que essa mulher maravilhosa, esse fenômeno singular representa, não somente na história da Sérvia, mas na história da humanidade. Se vocês contarem a biografia da Milunka para outros, mesmo se fosse para os aliados da Primeira Guerra Mundial, eles mostrarão descrença e recusarão, educadamente, a ideia de que existiu uma mulher como Milunka dentro do povo sérvio e que ela, como o nosso símbolo de guerra, da Primeira Guerra Mundial, é real. Se não fosse pelas provas nos museus e arquivos estrangeiros, o nosso relato sobre essa heroína seria chamado de sinopse de um romance de aventura, ficção de um escritor talentoso, cenário de um filme hollywoodiano. Como acontece na vida de todas as meninas na Sérvia, tudo começou do amor e da preocupação duma irmã para seu irmão, do trabalho duro no campo, previsto para homens adultos. Depois, ela se disfarçou de homem, voluntário, e foi ferida, repetidamente, porque persistia, obstinadamente, para que fosse aceita como igual a outros e para que tenha a honra de servir o regimento de ferro, entre os melhores. Milunka é o símbolo de heroísmo com nove feridas amargas, porque desejava a liberdade da Sérvia; mulher guerreira admirada pelo mundo inteiro. E quando voltou do fronte, esperava-lhe o destino do guerreiro – a vida na Sérvia livre, fundida num país comum, a vida que de novo foi a luta para sobreviver o dia. Ensinada a agir abnegadamente na guerra, Milunka Savić compartilhava o pouco que tinha com aqueles que nem pouco tinham, com as crianças espertas do campo que ela adotou e educou. Isso também ela fazia para a sua Sérvia que precisava, depois dos sofrimentos e das guerras, dos jovens aptos e educados para que a liderassem para frente nesse período da paz. A paz se foi embora rapidamente, guerra de novo. [...] O campo de concentração em Banjica, o fato histórico ou a lenda que foi resgatada do grupo dos condenados pelo oficial alemão – esse tipo da admiração dum soldado por outro, quando os seus países guerrearam como adversários em ambas as guerras mundiais, tanto isso fala sobre ela, quanto o fazem as inúmeras condecorações com as quais o mundo mostrou o seu agradecimento a ela. Foi condecorada com as condecorações de guerra mais importantes, tanto sérvias quanto mundiais; foram lhe dadas duas Ordens Nacionais de Cavaleiro da Legião de Honra; é a única mulher na história da humanidade que recebeu Croix de Guerre com a palma dourada. Infinitivamente corajosa, cavaleira e patriota, era o modelo para seus contemporâneos, e

para os descendentes o mestre, que com sua vida mostra como se ama e como se defende sua pátria.”³³

Ao patriarca produzir o seu pronunciamento, notamos que ele traz um discurso calcado nos valores religiosos, ao mesmo tempo trazendo repetições de certos enunciados presentes na fala do presidente.

O pronunciamento do patriarca:

Texto em original:

"Ovo sveto delo (prenos Milunkinog tela u Aleju velikana) ne bi bilo završeno ni savršeno ako bi se samo na ovome poštovanju prema njoj završilo. To ne bi bilo dovoljno ako ne bi ušlo u školske udžbenike i istoriju kao primer koji svetli u ovom vremenu konfuznom, tragičnom i nesretnom. Ova srpska herona je jedinstvena ne samo u našem svetu i vremenu, nego i antičkom zbog hrabrosti i rodoljublja koje je pokazala, ali to se moglo i očekivati od Milunke, rođene na tlu Nemanjića. Niko nije tako shvatio ili malo je onih koji su tako shvatili odnos prema otačestvu, veri i svemu onome što se srpski zove. U trenutku kada je videla da se sve diglo na Srbiju, uzela je pušku da ratuje, ali ne zbog rata i ubijanja, već radi odbrane. Posle velikog napora uspela je da uđe u sastav srpske vojske i pokazala je čudno herojstvo svojstveno najvećim herojima naše istorije. Poslata je u bombaško odeljenje gde život visi o koncu, ali ona nije mislila na svoj život, već na svoju otadžbinu i srpski narod kojeg je trebalo braniti po cenu života. Tako je slavna Milunka žrtvovala sebe bez ostatka, doživela i snosila sve teškoće rata i stradanja i dočekala ono za šta se i borila - slobodu srpskog naroda. Srpski vojnik je sačuvao slobodu svog naroda da mu se svet divio, a šta ga je gonilo? Ljubav prema otadžbini, prema svetinjama našim, svetom tlu našem, koje je godinama i vekovima zalivano krvlju, počev od Kosova do dnanašnjih dana. Od toga nema veće žrtve, ali ni veće vrednosti, a tako je Milunka zadivila ne smao naše vojskovođe i vojnike, već i ceo svet. I posle rata činila je velika dela, pa je tako, pored jedne svoje kćerke, usvojila još tri, a veliki broj dece je prošao kroz njenu kuću koje je školovala. Sahranjena je bez pompe, ali prave vrednosti kad

³³ O texto apresentado é a transcrição da fala do presidente disponível no final da reportagem intitulada *Milunka Savić: nepobediva kao Srbija* (Milunka Savić: invencível como a Sérvia, tradução livre nossa), publicada no dia 10 de novembro de 2013, na versão eletrônica e um jornal sérvio. Disponível em: <http://www.novosti.rs/vesti/naslovna/drustvo/aktuelno.290.html:463025-Milunka-Savic-Nepobediva-kao-Srbija>.

tad prosijaju. Neka je večna slava Milunki.”

Tradução livre nossa:

“Este ato santo (a transferência do corpo de Milunka para a Ala dos grandes) não será feito nem perfeito se tudo terminasse com este gesto de mero respeito a ela. Não será o suficiente se não fosse colocado nos manuais da história e nos currículos escolares, se não entrasse na história como o exemplo que brilha nestes tempos confusos, trágicos e desgraçados. Trata-se da heroína sérvia que não só é singular no nosso mundo e tempo, mas também no da Antiguidade, devido à sua coragem e ao seu amor pela pátria que mostrou, o que dá para esperar de Milunka, que nasceu no país dos Nemanjić. Ninguém ou poucos entenderam como ela entendeu a relação com a pátria, a fé e tudo aquilo que leva o nome sérvio. No momento em que tudo se levantou para atacar a Sérvia, pegou as armas para guerrear, mas não pela guerra e pela morte, se não pela defesa. Depois de um grande esforço, conseguiu entrar no exército sérvio, mostrando o heroísmo próprio aos maiores heróis da nossa história. Foi mandada à divisão dos granadeiros onde a morte constantemente ameaça a vida, mas ela não pensava na sua vida, mas sim na sua pátria e no povo sérvio que precisava ser protegido, mesmo se isso signifique sua morte. Assim a famosa Milunka sacrificou completamente sua própria vida, viveu e sofreu todas as dificuldades da guerra e testemunhou tudo aquilo pelo que lutava – a liberdade do povo sérvio. O soldado sérvio protegeu a liberdade do seu povo, pelo que o mundo o admirava. Mas que o motivou prosseguir? O amor pela pátria, pelos nossos princípios, pela nossa terra santa, irrigada pelo sangue por anos e séculos, desde a batalha de Kosovo até hoje. Não há maior sacrifício do que isso e nada tem maior valor, e foi assim que Milunka fascinou não só os nossos líderes militares, mas o mundo inteiro. Depois da guerra fazia coisas da mesma grandeza. Teve uma filha, mas adotou mais três, e um grande número de crianças que ela educou passou pela sua casa. Foi enterrada sem grandes cerimônias, mas o tempo permite, embora tarde, que as verdadeiras qualidades brilhem. Eterna glória a Milunka Savić.”³⁴

Nem todos são heróis.

O que significa, hoje na Sérvia, ser heroína, se analisarmos o discurso (do) político? Heroína é aquela mulher que não só merece respeito do próprio país, mas da toda

³⁴ Disponível em: <http://www.novimagazin.rs/vesti/nikolic-milunka-savi---heroína-koja-licí-na-svoju-zemlju>

humanidade; aquela mulher que participa da guerra como soldado, igual aos demais ou ainda melhor do que a maioria dos demais, cuja coragem condecorada persiste apesar de ser ferida e ver morte a cada passo. Porém, heroína também é a mulher que abnegadamente ajuda outros – feridos nas batalhas, crianças órfãs e pobres, seu amado irmão.

Heroína é uma mulher singular, uma mulher-mulher e uma mulher-homem ao mesmo tempo, enfim, uma mulher viril. É preciso estacar o mais importante: sendo que as guerras nas quais Milunka guerreou foram uma resposta de caráter libertário quando *tudo se levantou para atacar a Sérvia*, ela mereceu ser chamada de heroína porque priorizou a liberdade do seu país amado, arriscando a sua própria liberdade e a sua própria vida.

Olhamos para os pronunciamentos apresentados como acontecimentos que irrompem em determinado momento sócio-histórico na Sérvia, e que, como tais, trazem rupturas e/ou repetições. Analisar discurso como acontecimento significa olhá-lo através do prisma da história e buscar, na materialidade dos seus enunciados, enunciados outros, isto é, a memória que os viabiliza.

3.3.1.1. *Milunka entre mitos e lendas*

Para avançarmos em nossas análises a propósito da produção discursiva que fabrica(ou) o sujeito Milunka Savić, notadamente porque elegemos como trajeto de nossas reflexões arquegenealógicas o acontecimento que produziu uma heroína sérvia, importa, agora, aproximarmos os aportes teóricos da Análise do Discurso dos estudos mitológicos cujo autor fundamental é Joseph Campbell.

Para esse estudioso, “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar” (CAMPBELL, 1995, p.9). Os modelos mitológicos que acompanhamos nas suas jornadas são nos apresentados por meio de uma linguagem simbólica; os personagens também são simbólicos e universais. Embora o mito seja alternado pelo filtro das diferentes culturas, ele sempre simboliza a dinâmica da psique, tendo nas dificuldades e nas superações narradas em suas diversas versões, as respostas válidas para a humanidade como um todo. O mito – universal e atemporal, por um lado, e irreal/surreal, por outro – é o lugar da memória – o discurso outro –, das concepções que perpetuam a vida e afrontam a morte e o esquecimento; é, em suma, o lugar da fuga da realidade para o imaginário. Nessa linha de raciocínio, os mitos estruturam e sustentam nosso pensamento e toda a linguagem que produzimos.

O mito, enquanto discurso, revela-se como efeito de discurso-fundador, isto é, fonte dos textos. Por isso, entende-se que todas as histórias que produzimos (re)atualizam, nas diferentes formas de se dizer e de mostrar, ou seja, nas diferentes materialidades, o que já foi enunciado, dito anteriormente, em outro lugar. Entendemos, portanto, que há traços míticos em nosso corpus que vêm, por exemplo, de textos midiáticos ou literários. Encontramos esses traços ora de forma constitutiva dos enunciados, ora de forma explícita, ou nos termos de Authier-Revuz (1982), de forma mostrada.

Veremos isso focalizando o primeiro capítulo do livro *Mulheres de Tessalônica falam* cujo título é *O trajeto de Milunka em direção da lenda*. Sem perder de vista o fato de que Milunka – mulher guerreira com fidelidade incondicional à sua pátria – é considerada o modelo do sujeito herói não apenas no tempo presente mas também, e sobretudo, no tempo passado, especialmente na Antiguidade, fascinando líderes militares e cidadãos do mundo inteiro, mostraremos, inicialmente, exemplos da interdiscursividade que justifica o nosso exercício analítico que inscreve o mito na AD.

Num primeiro olhar, as *feridas amargas* (enunciado do presidente sérvio) e *nasceu no país dos Nemanjić* (enunciado do patriarca), parecem não ter importância neste gesto analítico. Seriam apenas dizeres coerentes com as condições de produção de pronunciamentos políticos e religiosos em um momento de reconhecimento da mulher guerreira que (i) lutou bravamente por ser país, tanto nas Guerras dos Balcãs quanto na Primeira Grande Guerra Mundial; (ii) foi ferida nove vezes em combate ao longo de sua vida militar; (iii) ingressa na História como a mulher mais condecorada na história das guerras.

No entanto, um olhar arqueológico para os discursos subterrâneos (FOUCAULT, 2008) desses enunciados, ou seja, para as tramas narrativas mitológicas cujos fios, segundo Campbell (1995) tecem as histórias do presente, deparamo-nos com os discursos formatando o campo de memória (re)produzindo o efeito de heroísmo da mulher Milunka; esta que, segundo os pronunciamentos, merece ter uma entrada grandiosa na Ala dos grandes no cemitério de Belgrado e uma entrada abençoada no reino de deus (*eterna glória a Milunka*).

Os discursos que irrompem nessa espécie de “panteonização” do corpo de Milunka ancoram-se em mitos enraizados na nossa história e cultura. Retomemos, por exemplo, as “feridas amargas” de Nossa Senhora que, no âmbito da cultura ocidental, aponta para o mito da mulher co-redentora, a Virgem imaculada a quem os católicos apostólicos romanos devem adoração e devoção. Obviamente, Virgem Maria e Milunka Savić estão distanciadas em vários aspectos, mas aproximadas pela materialidade repetível do enunciado feridas amargas (sete para a mãe de Cristo e nove para a heroína sérvia), cujas imagens de ambas rapidamente

identificam modelos exemplares de coragem e de conduta, “aperfeiçoados” pela privação e pelo sofrimento. Isso porque, segundo Campbell (1990, p.9), essas feridas provocam a “única e verdadeira sabedoria [...] porque abrem o entendimento para tudo o mais que se esconde”.

A propósito do enunciado *nasceu no país dos Nemanjić*, é preciso considerar a tradição épica dos poemas sérvios. Nessas narrativas, produzem-se miticamente os exemplos dos heróis da nação. Estudar a poesia épica sérvia significaria dedicar dissertações de mestrado e teses de doutorado sem dizer tudo que é dizível sobre ela. Para os fins deste item analítico, estacamos apenas umas observações.

Primeiramente, diferenciam-se a poesia lírica, que tematiza emoções e a épica, que narra sobre os acontecimentos históricos desde o século XII até o século XIX, aproximadamente. Essa poesia é um grande arquivo da história e da literatura sérvia. Vuk Karadžić, responsável também para o alfabeto cirílico sérvio, foi quem juntou, normatizou e classificou os poemas em sete ciclos: (i) sobre os acontecimentos antes da batalha de Kosovo, (ii) sobre a batalha de Kosovo, (iii) sobre o herói Marko Kraljević, (iv) sobre os acontecimentos depois da batalha de Kosovo, (v) sobre os *hajduci*³⁵, (vi) sobre os *uskoci*³⁶ e (vii) sobre a liberação da Sérvia e do Montenegro. Chamou-a de poesia heróica. Esses poemas sobre os heróis são tradicionalmente cantados e acompanhados por instrumento musical chamado *gusle*³⁷.

Ao enunciar que a bravura e o patriotismo de Milunka *é o que dá para esperar de Milunka, que nasceu no país dos Nemanjić*, o patriarca sustenta a (re)construção do modelo do herói/heroína nacional na memória da *Antiguidade sérvia*.

Sobre os atos elogiáveis dos monarcas dessa dinastia lemos no primeiro ciclo da poesia épica sérvia onde

os heróis são corajosos nas batalhas, sábios na paz, sagazes com os ladrões, bons com os honestos, irreconciliáveis com os tiranos, gloriosos na vitória e na derrota. Como a tradição pede que seja, eles são a personificação da humanidade e do

³⁵ Os primeiros *hajduci* (no singular *hajduk*) aparecem na Idade Média no território do Império Otomano. A palavra tem a origem turca e denomina os indivíduos que eram fora da lei ou mesmo os bandidos. As razões para se tornar *hajduk* eram vários, logo, existiam vários tipos dos *hajduci*. No entanto, com o tempo, o tipo sobre o qual mais se falou era o do movimento libertrário, inicialmente dos turcos, depois de qualquer inimigo. Esses *hajduci*, voluntariamente, iam viver nos bosques, de abril a novembro, combatendo os inimigos. São esses que entraram na poesia épica sérvia. Milunka se refere àqueles grupos libertários que combateram o inimigo nas duas Guerras dos Balcãs.

³⁶ Similarmente com os *hajduci*, *uskoci* (no singular *uskok*, a palavra composta do prefixo *u-*, significando ‘em/dentro de’, e do substantivo *skok*, que significa ‘salto’), eram os sérvios que fugiram do território ocupado pelos turcos. Mantendo-se perto das fronteiras, os *uskoci* ‘saltavam em’ territórios ocupados, atacando os turcos a fim de liberar o seu país.

³⁷ *Gusle* é um instrumento de corda, vinculado ao folclore e não se imagina sem o acompanhamento da recitação dos poemas épicos.

heroísmo, para eles a palavra é tudo e sempre cumprem suas promessas, mesmo se lhes custe a vida.³⁸

Esse resgate da memória enunciativa determina a discursividade da fala do patriarca e viabiliza que se encontrem juntos, interdiscursivamente e simultaneamente, o sujeito Milunka e os *Nemanjić*.³⁹ Nesse ponto, o seu discurso constitui uma ruptura na memória sobre o modelo do herói, na medida em que permite emergirem e coexistirem enunciados que constituem o modelo tradicional viril masculino e os que constituem o sujeito Milunka, uma mulher (guerreira).

Um jovem sérvio, o Marko Šćepanović, cantou um poema dedicado a heroína, tocando *gusle*, no seu concerto na cidade de Kragujevac, em 2015⁴⁰. O Marko teve a iniciativa, depois de ter lido sobre a corajosa heroína, de escrever um poema épico sobre ela e, nesse propósito, foi ajudado pelo escritor Ljubiša Jakšić.

Essa aproximação de Milunka com os heróis da poesia épica sérvia nos permitiram entrar, junto com ela, no mundo mitológico e acompanhá-la na jornada da heroína.

A partir da ideia de Campbell sobre as histórias que se repetem, Christopher Vogler (1997) elabora, passo por passo, a jornada do herói que, embora modificável, constitui o esquema fundante de todas as narrativas. No que segue apresentaremos a trajetória proposta por Vogler e colocaremos, usando como depoimento o capítulo *O trajeto de Milunka em direção da lenda*, as respectivas etapas na jornada de Milunka. Nesse caminho, olhando para a estrutura da ‘lenda’ sobre Milunka, ocasionalmente fazemos uso dos enunciados da fala do presidente e do patriarca, pretendendo enxergá-la como acontecimento, como propus Pêcheux (2006).

PRIMEIRO ATO – APRESENTAÇÃO	
MUNDO COMUM	Conhecemos o herói em seu mundo cotidiano e ordinário, uma pessoa comum.
CHAMADO À AVENTURA	Algo impele o nosso “Herói” na direção de uma BUSCA, uma JORNADA, uma AVENTURA.
RECUSA DO CHAMADO	O Herói reluta em empreender a jornada.
ENCONTRO COM O MENTOR	O Herói recebe um concelho, item ou ajuda de um “MENTOR”.

³⁸ Oni su junaci koji su hrabri u boju, mudri u miru, lukavi s lažljivcima, dobri sa pravednicima, nepomirljivi sa tiranima, a veličanstveni u pobedi i u porazu. Kao što to tradicija od njih traži, oličenje su čojstva i junaštva, za njih je njihova reč svetinja i nikada je ne bi pogazili, čak ni po cenu cenu gubitka sopetvenog života. Disponível em: http://www.boske.rs/stranice/epske_narodne_pesme.html.

³⁹ É oportuno mencionar que não é por acaso que o nome da dinastia aparece na fala do patriarca sérvio, uma vez que o rei Stefan Nemanjić foi quem fortaleceu a igreja cristã ortodoxa.

⁴⁰ A reportagem sobre o evento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWbdSTrPUkk>.

TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMAR	O Herói diante do “PONTO SEM RETORNO”, o portal que leva ao mundo oculto. O Herói atravessa o portal, cai, é arrebatado, transportado ou transformado. O herói deixa o seu mundo e se aventura no mundo desconhecido.
SEGUNDO ATO – CONFLITO	
TESTES, ALIADOS E INIMIGOS	O Herói tem de enfrentar “TESTES” que vão “QUALIFICÁ-LO” como digno de vencer.
APROXIMAÇÃO DA CAVERNA OCULTA	De posse da “ARMA MÁGICA”, o Herói se aproxima do COVIL DO INIMIGO
PROVAÇÃO SUPREMA	O embate com o ANTAGONISTA.
RECOMPENSA	O Herói conquista sua vitória e o “PRÊMIO”.
TERCEIRO ATO – RESOLUÇÃO	
CAMINHO DE VOLTA	O Herói inicia a jornada de volta para casa.
RESSUREIÇÃO	O Herói é revivido por poderes sobrenaturais.
RETORNO COM O ELIXIR	O Herói emerge do mundo inferior com a “SOLUÇÃO MÁGICA”.

Tabela 1: Esquema da jornada do herói por Christopher Vogler

Fonte: Artigo *A Jornada do Herói Mitológico*, Luiz Eduardo Ricón

Quaisquer que sejam as possíveis modificações, cada herói passa por três principais etapas. Primeiro, ele sai do mundo conhecido para um mundo estranho e perigoso; aqui, ele luta contra os inimigos e as dificuldades para alcançar o seu objetivo e, finalmente, volta para casa vitorioso mas transformado, para passar seus conhecimentos que a experiência no estrangeiro lhe ensinou. Na jornada da heroína Milunka, *como acontece na vida de todas as meninas na Sérvia, tudo começou do amor e da preocupação duma irmã para seu irmão*. Vemos no livro *Mulheres de Tessalônica falam* que, para uma mulher, o mundo normal e conhecido, o mundo onde ela se sente protegida é a casa. Neste mundo comum, o futuro herói é uma pessoa comum, e antes de merecer ser chamada de heroína, Milunka era uma mulher que, ao contentamento da família e dos vizinhos, tinha pretendentes, fazia tarefas domésticas e se importava com as suas aparências.

O que matou sua feminilidade, tornando-a excepcional, foi a irrupção da guerra. Depois de conhecermos o herói no seu cotidiano, acontece, nas histórias, o chamado à aventura. O que chamou uma menina de aproximadamente 18 anos ir à guerra foi o amor abnegado que Milunka sentia por seu irmão e, mais geralmente, a família. É oportuno observar que Milunka foi se alistar como voluntário no lugar do seu irmão, o filho único da família. Esse ato de sacrifício revela o poder patriarcal, onde a vida do filho (e muito mais se

for o único), que dá a continuidade do sobrenome da família, é mais valioso do que a de uma mulher.

O dispositivo da virilidade agrupou e favoreceu subjetividades requeridas pelo estado da guerra. Sendo um dispositivo – que surge como resposta à uma urgência histórica para, estrategicamente, criar subjetividades que correspondem às novas condições de existência (FOUCAULT, 1999b) – a virilidade militar era uma prioridade da Sérvia na guerra. Uma vez que o país enfrentou a questão da ‘vida ou morte’ no mapa mundial, era crucial a virilização no nível nacional. No estado de guerra, Milunka se desconstruiu como sujeito privado, o sujeito mulher na guerra que fica em casa chorando e esperando pelo pai, irmão e noivo voltarem e se reconheceu como um sujeito público, como um cidadão cujo dever é defender seu país do inimigo.

Ao longo da jornada, o futuro herói cruza o caminho com um ou vários mentores que, via conselhos ou ítems, ajudam o protagonista a seguir pela frente e conquistar aquilo pelo que luta. No caminho de Milunka, aparecem os militares envolvidos no processo de alistamento dos voluntários que ajudaram uma mulher, entregando-lhe arma, a combater e ganhar a liberdade da sua terra e dos seus conterrâneos. Os mentores de Milunka, porém, constituem as primeiras muralhas da interdição ao mundo viril, ao mesmo tempo que lhe ajudam conhecê-lo. O enunciado *seja enfermeira* mostra que *ajudar* uma mulher significa proteger-lhe a vida, a passo que *ajudar* um soldado, um homem na guerra, significa mandá-lo enfrentar sua possível morte gloriosa. O que aconteceu no ato de Milunka ser ajudada pelos homens viris e guerreiros foi algo excepcional – a masculinização da mulher, uma autorização do corpo duplo.

Entrando na guerra como mulher-homem, Milun(ka) atinge o ‘ponto sem retorno’ na sua jornada. Transformado, o herói definitivamente abandona o mundo conhecido e entra no mundo inexplorado e hostil. Debaixo dessa travessia da mulher para a guerra, visível na estrutura do capítulo *O trajeto de Milunka em direção da lenda*, encontramos, no nível do acontecimento discursivo a transformação do corpo, na sua travessia do corpo feminino para a virilidade.

Olhar para o corpo da mulher como um acontecimento significa olhar para aquilo que a história escondia, por ter se dedicado as grandes continuidades e aos longos períodos. Significa, também, capturá-lo no jogo do seu (re)aparecimento singular nos discursos que falam sobre o sujeito Milunka Savić, onde o novo em relação a esse corpo “não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2001a, p.26). O corpo da mulher que se liga, ao longo dos séculos, ao imaginário do corpo mais fraco, e os papéis sociais inferiores

e subjugados, volta, no episódio pouco conhecido do corpo ‘duplo’ da mulher-homem Milunka, trazendo deslocamentos e transformações. Essa ruptura desconstrói a história sobre o corpo que se perpetua e transforma os efeitos de sentidos que esse corpo produz, no seu (re)acontecimento na atualidade. Como consequência, emergiram brechas no modelo viril.

Nesse momento, o herói começa a segunda grande etapa, a dos conflitos. Aqui, ele é testado e provado em cada passo (essas são as lutas tanto internas, quanto externas), enfrenta inimigos e encontra aliados para, finalmente, obter o seu prêmio. Como o líder dos granadeiros, o soldado nas primeiras linhas de combate, a vida de Milun(ka) estava em perigo perpétuo, mas ela não só sobreviveu, mas se destacou entre os homens por sua coragem. Paralelamente, ouvimos as batalhas internas da heroína; os medos de ser ferida nos peitos para não ser descoberta a sua verdadeira identidade; o desejo de melhorar quanto mais rapidamente possível, para que saísse do hospital e voltasse ao campo da batalha; a recusa de morrer como/para pouca coisa. Mas *a morte não quis Milunka*, e sobrevivendo todas essas dificuldades na sua aventura, ela se mostra digna, como acontece com todos os heróis, de sair do mundo da aventura como vencedora, premiada. Os prêmios que Milunka ganha são as condecorações, o respeito e a admiração dos homens, o reconhecimento mundial da sua singularidade e a aceitação dela enquanto mulher guerreira e, finalmente, a liberdade da Sérvia.

A terceira e última etapa é a resolução dos conflitos e o retorno à casa. O herói, segundo Campbell (1995) “é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (p.13). Ao retornar à Sérvia, a vida de Milunka continuou sendo aquilo que era antes da guerra – ela voltou a ser mulher *par excellence*, usando a roupa feminina, casando e tendo uma filha.

Porém, o que parece construí-la como heroína hoje, não é só o fato de ela ter entrado no mundo da virilidade na guerra, mas também, o fato de ela ter feito *coisas da mesma grandeza* na época da paz, continuando a colocar a Sérvia no primeiro lugar. Lemos que ela adotou mais três filhas e que pagou a educação de entre 20 e 30 outras crianças; as entrevistas com os seus netos revelam que a França a convidou a morar lá, oferecendo-lhe todas as recompensas para as condecorações francesas que obteve, incluindo uma casa, um emprego, e dinheiro, mas ela recusou dizendo que não ia sair da Sérvia, se quando era mais difícil ela lutou para defendê-la. O fato de escolher a sua pátria, que lhe ofereceu nada mais do que o emprego da limpeza num banco (sendo que Milunka não teve a escolarização por ter ido à guerra com 18 anos), e recusar viver como francesa e Cavaleiro da Legião de Honra, aumenta o seu sacrifício e, logo, seu heroísmo.

Milunka *sacrificou completamente sua própria vida, viveu e sofreu todas as dificuldades da guerra e testemunhou tudo aquilo pelo que lutava – a liberdade do povo sérvio*. Foi o sacrifício – a bravura na guerra e o altruísmo na paz – que levaram Milunka à lenda. Evidenciamos, portanto, na fala do patriarca, a manutenção da verdade que o sacrifício é o sinônimo da bondade, a verdade tão cara no discurso religioso.

O herói volta como modelo para o mundo comum e para a humanidade inteira, trazendo-lhe um elixir, benéfico para o próprio herói e para a sua comunidade. Enquanto outros heróis de outros tempos e países podem voltar premiados pelo amor da sua vida ou pelo achado de um grande tesouro, a heroína sérvia da Primeira Guerra Mundial volta com um conhecimento útil. *Infinitivamente corajosa, cavaleira e patriota, (Milunka) era o modelo para seus contemporâneos, e para os descendentes o mestre, que com sua vida mostra como se ama e como se defende sua pátria*.

No acontecimento da sua volta, depois de ter sido esquecida, Milunka se tornou heroína nacional. É o discurso que vemos ganhando corpo nas palavras, na ritualização do evento e no arranjo dos elementos das fotografias, que se cria esse novo sujeito. O sujeito Milunka foi transformado, de um sujeito esquecido, o imaginário tradicional sobre a feminilidade e a virilidade pesando sobre o sujeito Milunka mulher, para o sujeito Milunka heroína e o símbolo da Primeira Guerra Mundial. Os discursos, por sua parte, produzem novos sentidos assim criando o novo sujeito, e sendo ritualizados – pela cerimônia ou pela mídia – dão importância aos acontecimentos discursivos em torno do sujeito, garantindo assim a entrada de Milunka na memória coletiva dos sérvios e na memória discursiva, lugar onde ela se junta as outras mulheres-homens guerreiras.

3.3.2. Jogos de verdade em torno da Joana d’Arc sérvia

Quem somos nós hoje é a pergunta que Foucault (1995) faz no seu texto *O sujeito e o poder*, a partir da qual propõe pensar o sujeito como processo de diferentes modos de subjetivação, considerando que a historicidade constitui a sua atualidade.

Já descartamos as *aeternae veritates*. Não somos sempre os mesmos, a história nos fabrica. Ao falar sobre a verdade universal, Foucault a denomina de “verdade-demonstração” (FOUCAULT, 2006a), aquela sobre a qual possa se afirmar que “está sempre presente em toda coisa ou sob toda coisa” e que “a propósito de tudo e de qualquer coisa pode-se colocar a questão de verdade” (FOUCAULT, 2006a, p.302). Ela existe de um modo contínuo no tempo e no espaço. A vontade da verdade está mais próxima da segunda concepção segundo a qual a

verdade tem uma “geografia” e um “calendário” (FOUCAULT, 2006a, p.303). Trata-se da verdade que está dispersa, descontínua, interrompida e, portanto, não é descoberta ao se usarem os instrumentos adequados, mas se manifesta caso for provocada pelas estratégias nas relações de poder.

Se pensarmos essas duas verdades por meio de metáforas, a verdade-demonstração, que é onipresente, seria a “verdade-céu”, enquanto a verdade-acontecimento seria a “verdade-raio” (FOUCAULT, 2006a, p.304) – a primeira existe e a segunda acontece; a primeira é constatada, a segunda é perseguida, a primeira se descobre por métodos, a segunda é captada por estratégias⁴¹; a primeira é uma relação de conhecimento, a segunda é uma relação de choque, de caça, de dominação e de vitória, enfim, de poder.

Em suma, Foucault entende por verdade “o conjunto dos procedimentos que permitem pronunciar a cada instante e a cada um, enunciados que serão considerados como verdadeiros. Não há, absolutamente, uma instância suprema” (FOUCAULT, 2006b, p.233). Falando sobre a política da verdade, Foucault nos faz entender que ela muda conforme as organizações político-econômicas das sociedades. Sendo assim, as nossas verdades refletem vontades dos sistemas.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2007, p. 12).

Quando falamos sobre a verdade na AD foucaultiana, não pensamos no verdadeiro e falso das diferentes posições sujeito dentro de uma FD, mesmo porque o enunciado, já que é diferente da proposição, não pode possuir um *status* de verdade. Antes, trata-se de entender a verdade como uma “relativização-recorte” histórico-social. Isto implica entender que o jogo de verdade é definido como um “conjunto de regras de produção da verdade [...], que conduzem a um determinado resultado” (CASTRO, 2009, p.423), sendo considerado no seu contexto das relações de poder, isto é, no contexto político-econômico no qual os sujeitos estão imersos.

Dentre a inúmeras produções históricas das verdades – tanto acontecimento quanto demonstração – a propósito do sujeito mulher guerreira, retomemos Joana d’Arc que

⁴¹ O conceito de estratégia no vocabulário foucaultiano tem três significações: i) racionalidade empregada para atingirmos um objetivo, ii) a maneira pela qual tentamos ter uma vantagem sobre o outro e iii) os meios destinados a obter vitória (FOUCAULT, 1995, p.247-248).

ingressou na memória coletiva (universalmente?) como um ícone, um exemplo e uma grande orgulho para o povo francês. As verdades sobre essa donzela de *Orléans*, notadamente em relação a seus atos heróicos e glorificados, encontram-se enunciados que nos incitam a pensar nos efeitos de legitimação das novas verdades sobre Milunka Savić.

Uma vez seguindo os rastros que definiram a trajetória da heroína, no item anterior, vale agora recuperarmos a memória em que ela se inscreve historicamente, em outras materialidades, como uma Joana d’Arc sérvia. A capa do livro *Žena-ratnik: Milunka Savić* (*Mulher guerreira: Milunka Savić*, tradução livre nossa), escrita por Randel Raša Anđelković, em 2014, por exemplo, traz enunciados que transbordam o sujeito Milunka para outras posições de sujeito, todas entrecruzadas pelo efeitos de bravura e de patriotismo caros aos homens e destemidamente imputados a certas mulheres.



Figura 13: Capa do livro *Mulher guerreira: Milunka Savić*

Fonte: <http://www.heroesofserbia.com/2014/03/06-03-2014-march-6-2014.html>

Olhando para o verso da capa do livro da Figura 13 e indo da coluna do lado esquerdo, lemos: *moça heroína, a guerreira da luz, granadeiro, a mãe (dos órfãos da guerra)*; na direita: *a heroína da Grande guerra e moça guerreira*. No lugar do título, lemos o enunciado *Joana d’Arc sérvia*.

Se, sob a ótica da Análise do Discurso, o sujeito não é fonte do sentido, pois o sentido se forma na história através do trabalho da memória, isto é, através da incessante retomada do já-dito, parte-se do princípio de que a memória discursiva é a condição necessária para a existência de qualquer discurso. Com efeito, a história e a memória condicionam as verdades

sobre quem somos; a legitimidade dessas verdades está em correlação com as relações de poder, conforme a “política de verdade” de Foucault (2007). Assim, é possível falar, hoje na Sérvia, sobre Milunka como uma Joana d’Arc.

Trata-se, pois, de uma verdade sobre o sujeito mulher guerreira que se encontra dispersa, descontínua e interrompida na/pela lacuna temporal e espacial entre as irrupções das duas heroínas. Hoje, entretanto, o discurso sobre esse sujeito encontra sua ‘unidade’, resultando na atualização dos seus sujeitos.

Nos parágrafos que seguem, damos relevo ao interdiscurso que aproxima as duas heroínas, mostrando a coerência do discurso sobre elas, unindo-as. Focamo-nos nas repetições enunciativas no livro *Problema e Mistério de Joana d’Arc*, escrito por Jean Guitton (1963), e no que foi dito sobre Milunka nos itens anteriores.

Joana d’Arc (1412-1431), segundo as verdades que se instalaram na memória e nas narrativas repassadas de geração a geração, é definida como a personificação da coragem de uma mulher (menina, pois enfrentou os inimigos quando tinha apenas 16 anos) guerreira particular, na medida em que é “ a união da piedade típica da mulher com a agressividade que parece apanágio do homem” (GUITTON, 1963, p.150). Joana d’Arc, diferentemente dos guerreiros viris que pegaram em armas para defender a França na Guerra dos Cem Anos, tinha horror de sangue e evitava matar, mesmo quando necessário. Nessa mesma linha de raciocínio, temos no livro *Mulheres de Tessalônica falam* a Lenka – já apresentada no capítulo 3 desta dissertação – que assim como Milunka, lutou na Primeira Guerra Mundial. Essa combatente era a única mulher na tropa e a ela foi imposta a decisão sobre a vida ou morte dos soldados adversários capturados. Lenka revela:

Deus, me ajude a ser justa. Não deixe que o ódio decida. Que a justiça vença. [...] O que é justiça? Soltar os assassinos do seu povo! Aqueles que roubam e matam! Que enforcam as pessoas! [...] Como eles torturavam o meu pai Jevrem! Eles expulsaram o nosso exército para longe da pátria. [...] Lembrei-me do Ilija, o menino de doze anos que me mostrou o caminho para o bosque, quando abandonei a casa. O que será que aconteceu com ele? Será que os alemães o torturaram? [...] Deixar eles livres? E se, naquela noite, estupraram e humilharam uma pobre mulher? E se a deixaram sangrando? Como deixar pessoas tão maliciosas? [...] É permitido fazer isso? [...] No final, quis desistir da decisão. [...] Entretanto, em vez de desistir, falei alto: Os desamarre!⁴² (ĐURIĆ, 2004, p. 145).

⁴² Texto em original: Bože, pomoz mi da budem pravedna. Ne dozvoli da presudi mržnja. Da pobedi pravda. [...] Šta je pravda? Pustiti ubice svoga naroda! One koji pljačkaju i ubijaju! Koji vešaju ljude! [...] Kako su mučili moga oca Jevrema! Oni su oterali našu vojsku daleko od otadžbine. [...] Setih se Ilije, dvanaestogodišnjaka koji mi je pokazao put do planine, kad sam otišla od kuće. Šta li je s njim? Da li su ga Švabe mučile? [...] Da ih pustim? Ako su one noći silovali i osramotili neku nesrećnicu? Ako su je u krvi ostavili? Zar da pustim takve zlikovce? [...] Smem li to da učinim? [...] Htela sam, na kraju, da se povučem. [...] Ali, umesto toga, rekoh glasno: Odvežite ih!

Essa particularidade da mulher guerreira parece ser contida na palavra coração (GUITTON, 1963, p.150), nota Auguste Comte, que, em francês, tem referência ao amor e à coragem. Desse modo, poderíamos afirmar que a característica das mulheres guerreiras é um *magno corde*, em ambos os sentidos da palavra.

Por ser menos esperada, a coragem da mulher guerreira parece maior do que a dos homens, e, nas histórias das heroínas desta dissertação reaparece o *leitmotif* de que, ao tentarem ser iguais aos homens, elas se classificam entre os melhores soldados, isto é, mostram-se como melhores soldados do que a maioria dos homens. Joana d'Arc conquistou a confiança dos seus camaradas e mereceu o papel do líder de uma unidade militar. O mesmo fez Milunka, e foram os seus peitos, e não de um soldado homem, que mereceram a condecoração do *Karadžorđe*, e o título de sargento, como lemos no capítulo *O trajeto de Milunka em direção da lenda*. No caso dessas duas mulheres e nas situações mostradas, sabia-se o seu verdadeiro sexo.

Além das regularidades, é importante tratar da singularidade dos sujeitos. No caso da heroína francesa, existem as forças misteriosas que a envolvem. Sabe-se que, ainda menina, Joana d'Arc ouvia uma voz, que ela reconhecia como sendo um recado de Deus, que lhe orientava, dizendo o que ela deveria, ou não, fazer. A mesma voz lhe instruiu a ir à guerra nos seguintes termos: fale com o futuro rei para lhe pedir soldados a serem guiados por você. Em apenas alguns dias, Joana d'Arc, uma mulher e uma criança, guiada pela voz, conseguiu liberar *Orleans*, o que soldados franceses tentavam fazer sem sucesso durante meses antes dela, implicando um sem número de mortos naquela guerra.

No jogo tenso dos poderes da Idade Média, notadamente pelos efeitos das verdades demonstração que definiram a moralidade e a austeridade cristãs da época, a donzela de *Orléans* foi considerada herege e assassina. Somado a isso, ela foi reconhecida como sendo uma bruxa, porque ouvia vozes; reconhecida, igualmente, como uma ameaça, um perigo e uma ofensa à moralidade, porque, dentre outros agravantes, vestia trajes masculinos. A exemplo de muitas mulheres daquela época – principalmente as feiticeiras que afrontavam o poder pastoral e poder soberano (FOUCAULT, 1999a), Por tudo isso, foi condenada à morte, foi queimada viva na grande fogueira que dizimou milhares de pessoas na Europa dos Séculos XV, XVI e XII.

Na Idade Média, a época fortemente marcada pela religiosidade, houve muitos casos dos indivíduos afirmando que ouviam vozes de Deus, portanto, não foi isso o que a fez o sujeito marginal. Ela sendo uma mulher, afirmando ouvir a voz que lhe dava instruções e a

aconselhava sobre a esfera política e sobre a guerra, duvidava-se se a voz que ela ouvia vinha de deus ou do próprio diabo. Sob o olhar da Análise do Discurso foucaultiana, o interessante é decifrar a subjetividade da mulher heroína que, porque viveu na Idade Média, foi e ainda é explicada precisamente na/pela ligação com o místico, o que a diferencia das outras mulheres guerreiras que irrompem em outras condições sócio-históricas.

Assim, entrecruzando os sentidos da “memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50), temos de um lado a heroína francesa cujos acontecimentos, porque memorizados, entraram na história perdurando até hoje e, seguramente, por muito tempo futuro. O mesmo aguarda Milunka? Se, hoje, se fala de Joana D’Arc mais em termos de um princípio do que de uma pessoa; ela é como o Povo ou a Pátria (GUITTON, 1963). Poderíamos dizer o mesmo sobre Milunka, em sendo ela uma Joana d’Arc sérvia?

Mais do que respostas, importa pensar na aproximação das duas em termos de heroísmo. E as heroínas não são mais apenas corpos – enigmáticos e misteriosos – mas fenômenos, enigmáticos e misteriosos. Relembremos, nessa linha, as palavras introdutórias da fala do presidente: *não nos colocamos de pé apenas na frente de Milunka Savić, mas na frente de tudo aquilo que essa mulher maravilhosa, esse fenômeno singular representa [...]*. O seu corpo era duplo e problemático, mas (ou por isso) o seu papel é simbólico, universal, atemporal e identitário.

Como vimos nas fotos da cerimônia, Milunka deixou atrás de si as condecorações; a coragem e espírito guerreiro simbólicos são o que lhe tece subjetividade. O seu caixão coberto pela bandeira da Sérvia. O herói é o coração do seu povo e da sua pátria. Milunka é o povo sérvio; ela é a Sérvia.

Se o estado de guerra é o estereótipo e o preconceito que se tem sobre os países nos Balcãs, houve, com a irrupção do corpo duplo heróico de Milunka, uma transformação da identidade do país. Um país pequeno como o é a Sérvia, em reencontrar Milunka na sua história de guerra, aproxima-se da grandiosa França, por ter também uma ‘verdadeira’ Joana d’Arc. Aproxima-se, ainda, de muitos outros países que têm como símbolo da guerra (liberdade, resistência) uma mulher viril.

Somente se soube da existência e das “verdades” – demonstração e acontecimento – referentes a Joana d’Arc depois de séculos de esquecimento. Ela irrompe com heroína francesa quando Jules Quicherat (1814-1882) – historiador e arqueólogo francês – publica documentos sobre a donzela guerreira no século XIX. Aproximadamente cinco séculos depois da sua morte, Joana d’Arc foi canonizada como santa pela igreja católica. Novamente,

Milunka se aproxima da heroína francesa, na medida que também passou um longo período silenciada/apagada, para irromper como heroína nacional, 40 anos depois da sua morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi o fenômeno da guerra que instigou a escrita desta dissertação. A guerra que, desde que há humanidade, constitui uma presença de enormes sofrimentos e atrocidades quase que necessárias nas relações nacionais e internacionais. Trata-se de um fenômeno que transforma os sistemas políticos, econômicos e sociais, moldando a nossa história e redesenhando o mapa mundial. Mais do que interessados pela guerra em si, fomos incitados a analisar a produção discursiva em torno da mulher que contribuiu na “história do gênio humano aplicado à destruição” (MAGNOLI, 2006, p.16).

Hoje em dia, não estranharíamos a existência das mulheres nas guerras, isso porque elas foram permitidas nos exércitos, como vimos acontecer desde a Segunda Guerra Mundial. Uma mulher não mais se tornaria uma heroína apenas por ser do sexo feminino, na medida em que ela não seria, como Milunka foi, um exemplo excepcional no seu tempo. Por ela ter sido uma provocação do pensamento comum na realidade da Sérvia, durante a Primeira Guerra Mundial, hoje, ela reaparece nos discursos nacionais como uma grande mulher que mudou a história do mundo, como propõe Magnoli (2006), e como uma heroína, igual aos heróis mitológicos, virando modelo do guerreiro para a humanidade.

Foi, então, sua irrupção inesperada, porque impensável, que nos levou a buscar, mediante a teoria e a metodologia da arqueogenealogia formulada por Michel Foucault, o que se diz e o que se mostra sobre Milunka Savić – a mulher guerreira que se virilizou; vestiu-se de (e foi) homem.

Para esse fim, olhamos para as não evidências do livro *Mulheres de Tessalônica falam*, onde os enunciados produzidos pela mãe de Milunka apontam para os fios das tradicionais divisões do feminino e do masculino. Nessas discursividades, enquanto a voz e especialmente o comportamento de Milunka aparecem como uma resistência ao poder (FOUCAULT, 1995) patriarcal de sua época; resistência, vale repetir, às verdades que definiram os papéis de ambos os sexos e sexualizaram os espaços. Assim, foi possível observar o corpo duplo imerso na história, irrigado pelo campo de memória sobre quem é e quem pode ser uma mulher e identificar os lugares onde essa história arruína seu corpo. Nas condições sócio-históricas em que tudo apontava para a docilidade, a submissão, a conformação e a obediência das mulheres, Milunka decidiu ‘ser homem’ para defender a Sérvia com uma espingarda.

Num segundo momento analítico, demos relevo aos discursos político e religioso que circulam hoje nas redes midiáticas sérvias, resgatando Milunka do esquecimento/ anonimato,

mediante a (re)atualização e um campo de memória sobre sua atuação na Guerra dos Balcãs em depois, na Primeira Guerra Mundial. Destacam-se entre outros, os enunciados como *Milunka, digna de gusle* (o instrumento tradicional), *Joana d’Arc sérvia, heroína da Grande guerra, a mulher mais condecorada na história da guerra*, que a constituem, presentemente, como uma heroína nacional. Demos visibilidade aos modos de heroinização de Milunka, apoiando-nos nos espaços interdiscursivos constitutivos dos pronunciamentos do presidente e do patriarca sérvios feitos, no acontecimento de transladação do corpo de Milunka para a *Ala dos grandes* no cemitério de Belgrado. Notamos que os discursos sustentando as duas falas se cruzam com os da poesia épica, situando Milunka no campo da memória dos mitos, onde ela se junta com os grandes heróis.

Fechamos os exercícios analíticos mostrando as contínuas retomadas dos já-ditos que, nos discursos que se tecem em volta de Milunka, indica-se a possibilidade de atar a heroína sérvia com a francesa Joana d’Arc. Se os resultados das análises anteriores a essa afirmaram que Milunka é uma verdadeira heroína, agora, foi possível afirmar que ela é uma verdadeira Joana d’Arc. Desse modo, abriu-se o olhar para um quebra-cabeça (nunca completo) do sujeito mulher-guerreira.

Esta dissertação, obviamente, não pretende uma completude. Milunka está numa rede, associada a inúmeros outros sujeitos mulheres cuja existência se deu porque eram mulheres, mas “foram homens”. Além da própria Joana d’Arc, a heroína da Guerra dos Cem Anos, encontramos nessa rede a Diadorim do *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa e a Mulan, a guerreira da lenda chinesa do século VI, cuja história foi adaptada por Disney em um desenho animado – todas mortas/esquecidas por causa do seu ato glorioso e glorificadas *post mortem*⁴³. Essas, e tantas outras grandes guerreiras, ficaram reclamando a sua menção nesta dissertação. Portanto, seguem breves considerações sobre a Mulan e Diadorim, porque todas são, a seu modo, um modo de existência hermafrodita metafórica e interdiscursivamente associadas à heroína sérvia que motivou este trabalho.

João Guimarães Rosa escreve *Grande Sertão: Veredas* em 1956, uma obra brasileira traduzida para alemão, inglês, francês, italiano e muitas outras línguas. Sempre presente na sua cultura nacional, a história da Mulan ganhou sua visibilidade no mundo ocidental apenas no século XX. Os primeiros escritos sobre a heroína chinesa são a coletânea das músicas e

⁴³ Se não foram mesmo glorificadas como, relembramos, foi o caso com Joana d’Arc, que foi declarada santa, séculos depois da sua morte na fogueira (por ter lutado vestida de homem, entre outras coisas), as mulheres guerreiras foram, pelo menos, honradas – a Milunka no mencionado livro (note-se que foi publicado 100 anos após a Primeira Guerra Mundial); Diadorim, personagem fictícia, porém reconhecida como cânone, como eterna, junto com a obra; a Mulan, a menina soldado, eternizada na lenda; etc.

baladas chinesas antigas, juntados em um poema, *A balada de Mulan*,⁴⁴ escrito durante a dominação dos invasores nômades no norte da China, entre os séculos IV e VI. Aos poucos, o poema foi transformado em um livro e depois em uma peça de teatro, na China, para depois inspirar livros e filmes durante o século XX no exterior, um deles sendo o filme animado da Disney, de 1998. Relembramos que as canonizações de Joana d’Arc e de Milunka aconteceram em 1920 e 2013, respectivamente. Eis a primeira regularidade – o século XX é o momento histórico em que se começa a falar, e com aceitação, sobre as grandes mulheres na história da guerra.

Retomando o que foi dito sobre o *magno corde* das mulheres guerreiras, reencontramo-lo em Mulan. A exemplo de Milunka que saiu de casa para substituir seu irmão no exército, Mulan decidiu ir à guerra no lugar de seu pai, idoso e fraco demais para lutar – seu irmão tampouco podia guerrear, pois não era ainda maduro o suficiente para carregar uma arma e fazer parte do exército. Como, na época, cada casa era obrigada a mandar um homem, pai ou filho, para o exército, Mulan não teve outra opção a não ser se transvestir e guerrear, atendendo o ideal da lealdade à sua família e da servitude à sua pátria. Conduta que mostrava o grande amor e a grande coragem do seu coração.

Mais do que isso, deduzimos, lendo a lenda chinesa que, embora a única mulher no exército, a protagonista mostrou maior competência guerreira do que a maioria dos ‘verdadeiros’ homens. Mulan, Milunka, Joana d’Arc – nenhuma delas morreu pelas mãos ou pelas armas dos soldados adversários. Mulan sobrevive 10 anos na guerra dizimou muitos soldados, como nos mostra o poema já referido, *A balada de Mulan: Generais morreram em uma centena de batalhas/ os soldados mais fortes retornaram após dez anos*.

Do mesmo modo, por serem únicas mulheres entre os homens – e se uma mulher pode mostrar tanta paixão e tanta coragem na batalha, então eu (um homem guerreiro) também posso – diz-se que Milunka e Joana d’Arc, por exemplo, davam força espiritual para as unidades militares das quais faziam parte, não raramente, liderando-as.

Relembramos mais um fato. Depois da guerra, Milunka recusou as ofertas da França, voltando para casa e colocando, como se a guerra nunca tivesse acontecido, a sua roupa e identidade femininas. Mulan também volta para a casa, recusando as remunerações que o imperador lhe ofereceu por sua coragem excepcional. Ela o faz para cuidar de seu pai, retomando o tradicional papel da mulher. Lemos na Balada:

⁴⁴ Disponível em: https://www.epochtimes.com.br/hua-mulan-a-lendaria-e-corajosa-guerreira/#.V56Tg_krLIU.

*[...] Eles retornaram para encontrar o imperador,
o Filho do Céu sentado no palácio imperial.*

*Ele recordou seus méritos em doze pergaminhos,
e concedeu centenas de milhares de recompensas.*

*O Khan pergunta a Mulan o que ela deseja,
um título de grande ministro não tem utilidade para Mulan.*

*Ela pede uma montaria rápida para levá-la a milhares de milhas,
e trazer a filha de volta para casa.*

Quando se fala da Mulan – talvez por se tratar do exemplo mais antigo do que os outros – duvida-se se a heroína era uma mulher real, uma personagem histórica ou apenas uma personagem imaginada, legendária. Se é difícil acreditar na rapidez com que Joana d’Arc resolveu o futuro da França, no caso da Mulan, o que nos deixa em suspenso são os 10 anos que ela guerreou disfarçada, sem ninguém descobrir o seu corpo duplo. Passando a guerra e ela voltando a ser mulher-mulher, revela-se a verdadeira identidade da Mulan para os seus camaradas que vinham a visitar:

*“Abram a porta de meu quarto ao leste, eu sento no sofá de meu quarto ao oeste.
Removo meu uniforme de guerra, e visto minhas roupas dos velhos tempos.”*

*De frente para a janela, ela prende seus cabelos macios como nuvem,
no espelho, ela põe flores amarelas.*

*No portão, ela encontra seus camaradas,
eles ficaram todos surpresos.*

*Lutando juntos por doze anos,
eles jamais suspeitaram que Mulan fosse mulher.*

O que é ainda mais singular em Mulan está materializado na pergunta que destroi a ‘verdade demonstração’ (FOUCAULT, 2006a) sobre as diferenças entre os gêneros. Isso a

aproxima de Herculine e a sua pergunta revolucionária: Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo? Vejamos:

*Lebres macho gostam de chutar e pisar,
lebres fêmeas têm olhos enevoados e acetinados.*

*Mas se as lebres correm lado a lado,
quem pode dizer qual é ele ou ela?*

Por ser homem ‘até o final’, Mulan se aproxima de Diadorim. Das quatro guerreiras juntadas nestas considerações, apenas Diadorim – personagem ficcional – morre combatendo. Entretanto, o fato de ela perder sua vida em um duelo não a diminui, contrariamente, a magnifica, pois foi no momento da sua morte, gloriosa e viril, que se descobriu o corpo da mulher no lugar daquilo que se acreditava, durante a obra inteira, que fosse o de um homem, porque não costumava ter medo de nada e ninguém, nunca (ROSA, 2006). A mulher Diadorim está, portanto, morta ao longo de todo o *Grande Sertão: Veredas*. Ela somente nasce como mulher quando morre como homem, isto é, a verdadeira Diadorim nunca chegou a existir. Isso confirma o argumento exposto no capítulo 3, ou seja, para ser guerreira, o feminino/a mulher tem que morrer.

Diante das mulheres que foram homens, resgatadas na esteira dos “mesmos” processos de subjetivação de Milunka, perguntamo-nos: em que medida, hoje, ainda é necessário que uma mulher seja homem para ter um papel na vida social ou política? É utilizada hoje, e com que efeitos de sentidos, roupa masculina ou mais viril pelas mulheres? Enfim, sob quais máscaras (FOUCAULT, 2007) a atualidade do sujeito mulher ainda mantém o seu rastro histórico?

Lembremo-nos, nessa linha de raciocínio, do movimento social *crossdressing*. Usa-se esse termo para se referir ao “ato ou à prática de usar roupa feita para o sexo oposto”⁴⁵. Ao apresentarmos os motivos para tratar, nesta dissertação, do sujeito mulher viril travestida, apontamos que se fala mais (ou seja, que há mais estudos) sobre os homens travestidos do que sobre as mulheres travestidas. Nossas leituras sobre o *crossdressing* indicam que homens e mulheres igualmente participam dessa prática, no entanto, a voz feminina não é tanto ouvida

⁴⁵ Definição tirada do dicionário *Merriam-Webster* da língua inglesa. Em original: *the act or practice of wearing clothes made for the opposite sex*. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/cross%E2%80%93dressing>

quanto a masculina, como também há diferenças quanto aos motivos para usar a roupa do sexo oposto.

Ao pesquisar a palavra *crossdressers* na *internet*, aparecem como resultados blogues e páginas similares (que têm um tom mais pessoal) que tratam, exclusivamente, dos ‘homens de vestido’. Para saber se essa prática e o seu termo subentendem também as mulheres travestidas, foi preciso perguntar ao Google, separadamente: “*Are there women who crossdress?*”. Os resultados esclareceram muitas coisas.

Nem hoje, no mundo que está aprendendo sobre a plasticidade do gênero e da sexualidade (estamos presenciando cada vez mais os movimentos LGBT), a nossa historicidade nos abandona – ser homem *crossdresser* e ser mulher *crossdresser* não é a mesma coisa. Isto é, os discursos que circulam sobre esses dois⁴⁶ são baseados nos saberes que nos subjetivam há séculos.

O que parece ser a regra entre os homens *crossdressers* é que se identificam como heterossexuais e que, não raramente, têm esposas e filhos. Explicando quem são, dizem que as primeiras experiências de vestir roupa feminina são as da infância, quando se olhavam no espelho, imaginando-se como meninas, vestidos de roupa da mãe ou da irmã. Afirmam que se sentem plenamente ‘em casa’ em sua própria pele de homem, mas que a prática de se transvestir é uma necessidade. Uns motivos são recorrentes: necessidade compulsiva da expressão e da validação do lado feminino da sua identidade, alívio do estresse, diversão.

O ato de se vestir de mulheres: (i) parece facilitar aos homens *crossdressers* a expressão das emoções⁴⁷, (ii) constitui uma escapatória criativa e divertida da pressão e das expectativas que a sociedade cria em relação com o sujeito homem, na medida em que, depois de se travestir de mulher, o homem “se sente mais calmo e mais apto de enfrentar seu papel”⁴⁸ e, finalmente, (iii) é a maneira de ser “sincero consigo mesmo”⁴⁹ sobre quem ele realmente é.

⁴⁶ O número se refere aos dois gêneros normativos na nossa sociedade, mas cabe aqui mencionar que *crossdressers* são também associados com os *transgender* (pessoas que não só usam roupa do sexo oposto, mas também mudaram a anatomia do seu corpo para o corpo do sexo oposto, com cirurgias e/ou terapias hormonais), na medida em que são muitas vezes considerados uma fase na direção de se tornar o outro sexo totalmente, virando *transgender*. Essencialmente, no entanto, *crossdressing* (to cross = ultrapassar, atravessar; to dress = vestir(-se)), não pressupõe que a pessoa seja *transgender*, como também não implica homoafetividade.

⁴⁷ “Eu tenho um problema com o meu pai agora queria muito abraçá-lo e dizer-lhe que o amo mas estou com medo porque sei que ele ia estranhar isso, eu sei que ele tem dificuldades em expressar suas emoções. Tudo que eu posso dizer é graças a deus que tenho o lado feminino!”, em original: “*I have a problem with my father at the moment I would really like to hug him and say I love him but I am afraid to because I know it would make him feel awkward, I know he has problems expressing his emotions. All I can say is thank goodness I have a feminine side.*” Disponível em: <http://www.dailystrength.org/groups/cross-dressing/discussions/messages/8427836>, 13/06/2016.

⁴⁸ Disponível em: http://www.lauras-playground.com/legacy/cd_why_faq.htm. 13/06/2016.

⁴⁹ Disponível em: <http://iamtransgendered.com/InsightToACrossdresser.aspx>. 13/06/2016.

Do lado feminino de *crossdressing*, as páginas da *internet* trazem exemplos como Joana d'Arc, ou talentoso James Eliot (pseudônimo para Mary Ann Evans, escritora inglesa do século XIX), James Barry (que vivia como homem para poder ser aceite na universidade e seguir a carreira de cirurgião, na Inglaterra no século XVIII), Billy Tipton (nasceu como menina, Dorothy Lucille Tipton, viveu como homem, músico de jazz americano do século XX) etc.⁵⁰ Aqui encontramos que são mais raras aquelas que se transvestem por prazer. Nesta linha de pensamento, Milunka se encaixa perfeitamente na população das mulheres *crossdressers*.

Grosso modo, vestir-se de homem não é, para as mulheres, um ato de satisfação do desejo *pessoal*, mas é a oportunidade de exercer o papel *social* masculino. O *MtF* (*male to female*) *crossdresser* não ganha um *status* mais vantajoso quando assume papel feminino, e embora esse modo de expressar sua identidade causa estranhamento e gere preconceitos, ele não é considerado um *invasor* do espaço feminino. A posição sujeito mulher não é marcado pelo poder (social ou político), logo, não há força em ocupá-la, não há invasão do seu lugar. Vimos até agora que isso não é o caso com as *FtM* (*female to male*) *crossdressers*. Daí se conclui que o mesmo movimento diferencia os dois gêneros.

Vemos que hoje, ser 'o outro' é muito mais fácil, tanto para as mulheres quanto para os homens. As divisões rígidas e claras entre os papéis e espaços femininos e masculinos da antiguidade, hoje são líquidas, como nos ensina Bauman (2005). Em outras palavras, as nossas identidades são como "manto leve e pronto a ser despido a qualquer momento" (BAUMAN, 2005, p.37).

Contudo, seria errado negar que, independente do gênero, o ato de se travestir é uma travessia, uma fuga para 'o outro', uma luta e uma resistência dos sujeitos. Práticas como *crossdressing* – onde vemos que o homem às vezes prefere não ser homem, a mulher às vezes não quer ser mulher – são os sintomas provocados pela força do poder que nos normaliza enquanto sujeitos. Dito de outro modo, *crossdressing* é igualmente uma prática de resistência contra o poder que diferencia, regula e normaliza os dois gêneros, tão como foram os exemplos excepcionais das mulheres-homens transvestidas. Essas práticas escondem, na sua essência, a mesma pergunta – Porque eu não poderia ser 'o outro'?

Por mais controlado e escondido que seja o fenômeno, assim como acontece com alguns homens, algumas mulheres também encontraram o seu caminho para as lendas e os mitos. São chamados eles de heróis e elas de heroínas, por mostrarem as mesmas qualidades nas mesmas

⁵⁰ Fonte: <http://bluestockingblue.blogspot.com.br/2012/10/women-who-crossdress.html>. 13/06/2016.

situações, personificando, *post mortem*, os mesmos grandes modelos e ideais universais. As heroínas mostram, assim, que as mesmas práticas que mantêm em cheque as relações de poder, geram as resistências, bem como que a humanidade, cujo pensamento é estruturado por mitos, pode e, de fato, aprende dos modelos femininos, tanto quanto dos masculinos. Sendo assim, afirmamos, e desta vez sem o sarcasmo de Perrot (2007), que o destino do mundo, na guerra ou na paz, deve muito às cabeças, ou ainda, aos grandes corações das mulheres guerreiras.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas – as não-coincidências do dizer*. Campinas: EDUNICAMP, 1998.

BADINTER, E.. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Paris: LAMMARION. 1985.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1760 p. 2012.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 140-155, 2003.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. - São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

CHAMBRE, M, C, *L'art de connoistre les homes*. Paris: P. Rocolet, 1659.

CORBIN, A., COURTINE, J.J., VIGARELLO, G. *História do Corpo 2: Da Revolução à Grande guerra*. Tradução de Lúcia M.E. Orth: revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

_____. *História da Virilidade 1 – A Invenção da Virilidade: Da Antiguidade às Luzes*. Tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

_____. *História da Virilidade 2 – O triunfo da virilidade: O século XIX*. Tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

_____. *História da Virilidade 3 – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013c.

COURTINE, J.J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad.: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAVALLON, J. *A imagem uma Arte de Memória*. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

DELEUZE, G. *Um retrato de Foucault*. In: *Conversações 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, p.127-147, 1992.

DELEUZE, G. *O que é um dispositivo?* In: *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega/Passagens, p. 83-96, 1996.

FOUCAULT, M. *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ... um caso de parricídio do século XIX, apresentado por Michel Foucault; tradução de Denize Lezan de Almeida*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

_____. *M. Dits et écrit II*. Paris, Gallimard, 1736 p. 1994.

_____. *M. Dits et écrits III*. Paris: Gallimard, 1994.

_____. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13.a Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1999c.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2001a.

_____. *Sur les façons décrire l'histoire* [entrevista com Raymond Bellour]. Les Lettres françaises, n. 1. 157, 15-21/06/1967, p. 6-9. In: *Dits et écrits*. Vol. I. Paris: Gallimard, 2001b.

_____. *Retornar à História*. In: *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Motta; tradução: Elisa Monteiro – 2.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. *Poder e Saber*. In: MOTTA, M.B. (Org.). *Ditos e Escritos IV*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.223-240, 2006b.

_____. *M. Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *M. Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GHIRALDELLI JR., P. *Foucault: corpo, poder e fim do humanismo*. In: _____. *O corpo: filosofia e educação*. São Paulo: Ática, 2007. p. 99-104.

GREGOLIN, M. R. *Michel Foucault: o discurso nas tramas da história*. In: FERNANDES, Cleudemar; SANTOS, João Bosco Cabral (Org.). *Análise do Discurso. Unidade e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, p.19-42, 2004.

_____. *Identidade: objeto ainda não identificado?* Estudos da Linguagem. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

_____. *O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades*. Revista Moara – Edição 43. Estudos Linguísticos. ISSN: 0104-0944 – jan - jun 2015.

GUITTON, J. *Problema e Mistério de Joana d'Arc*. Tradução de M.C. Queiroz de Moraes Pinto. Dominus Editora S. A. São Paulo, 1963.

LOPUŠINA, M. *Milunka Savić: Heroína, pa čistačica*. Večernje novosti online, 2011. Disponível em: <http://www.novosti.rs/vesti/naslovna/reportaze/aktuelno.293.html:322641-Milunka-Savic-Heroína-pa-cistacica>. Acesso em: 19. jul. 2016.

LESTER, P. *The Third Sex* [vídeo]. Taboo National Geographic. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YXdB5I4a8Ck>. Acesso em: 27, mar. 2016.

LUCIA, *Hermafrodito e os opostos da vida*. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/11/hermafrodito-e-os-opostos-da-vida.html>. Acesso em: 25. abr. 2016.

MAGNOLI, D. *História das guerras*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Milunka Savić konačno u Aleji velikana. Vesti online, 2013. Disponível em: <http://www.vesti-online.com/Vesti/Srbija/358776/Milunka-Savic-konacno-u-Aleji-velikana>. Acesso em: 19. jul. 2016.

Milunka Savić: Nepobediva kao Srbija. Večernje novosti online, 2013. Disponível em: <http://www.novosti.rs/vesti/naslovna/drustvo/aktuelno.290.html:463025-Milunka-Savic-Nepobediva-kao-Srbija>. Acesso em: 19. jul. 2016.

Od ratnog heroja do čistačice. Vesti online, 2013. Disponível em: <http://www.vesti-online.com/Vesti/Srbija/348301/Od-ratnog-heroja-do-cistacice>. Acesso em: 19. jul. 2016.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. *Análise automática do discurso (ADD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997. p.61-161.

_____. M. *Papel da Memória*. In: ACHARD, P.et al. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*; tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *As mulheres, o poder, a história*. In: Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PORTER, R. *História do corpo*. In: BURKE, P.(Org.). A Escrita da História: perspectivas. São Paulo: EdUSP, 1992.

REBIĆ, Aleksandra. *Heroes of Serbia - Memory Eternal*. Chicago, 5 mar. 2014. Disponível em: <http://www.heroesofserbia.com/2014/03/06-03-2014-march-6-2014.html>. Acesso em: 19 jul. 2016.

RIAL, C. S. M. e TONELI, M. J. F. *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

II Simpósio RPG & Educação, 2004, Centro Cultural São Paulo, RICON, L. E. *A Jornada do Herói Mitológico*. 4 p. 2004.

ROSA, J.G. *Grande Sertão: Veredas*, ed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.

SUBAŠIĆ, B. *Znamenite srpkinje: Milunka Savić - Od ratnog heroja do čistačice*. Večernje novosti online, 2014. Disponível em: http://www.novosti.rs/vesti/zivot_+303.html:483041-Znamenite-srpkinje-Milunka-Savic---Od-ratnog-heroja-do-cistacice. Acesso em: 19. jul. 2016.

V. M. Nikolić: *Milunka Savić - heroína koja liči na svoju zemlju*. Novi magazin, 2013. Disponível em: <http://www.novimagazin.rs/vesti/nikolic-milunka-savi---heroina-koja-lici-na-svoju-zemlju>. Acesso em: 19. jul. 2016.

WITZEL, D. *Práticas discursivas, redes de memória e identidades do feminino: entre princesas, bruxas e lobos no universo publicitário*. Araraquara, 2011. 215 p. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, São Paulo, 2011.

WU, D. *Hua Mulan, a lendária e corajosa guerreira*. Epoch Times, 2013. Disponível em: https://www.epochtimes.com.br/hua-mulan-a-lendaria-e-corajosa-guerreira/#.V56Tg_krLIU. Acesso em: 19. jul. 2016.

YALOM, M. *A história da esposa: da Virgem Maria a Madonna – o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ĐURIĆ, A. *Žene solunci govore*. EvroGiunti, 2004.

ĐURIŠIĆ, Mitar. *Srbija u ratu 1914*. Beograd: Čigoja štampa, 2008.

ANEXOS

Milunka Savić

O TRAJETO DE MILUNKA EM DIREÇÃO DA LENDA

Por anos a mãe esperou que a sua filha voltasse.

Às noites, sentava-se à porta da casa velha na cidade natal, Koprivnica, estralando os dedos ansiosamente, atenta às notícias, olhando para o caminho estreito que leva à cidade de *Jošanička Banja*, com esperança de ver a sua filha Milunka aparecer inesperadamente.

Depois entrava na casa, acendia incenso, ajoelhava na frente da imagem do santo na parede, pedindo misericórdia a Deus para com sua filha e com seu filho naquela maldita guerra.

Com o marido Radenko, raramente falava sobre o assunto. Mesmo quando falava, era sempre a mesma pergunta:

- Será que a mãe vai vê-los de novo?

Radenko somente suspirava nas mãos calejadas, tentando evitar olhares de Danica, cheios de repreensão.

Durante o dia, alguns desconhecidos apareceriam, só para ver se tinha algumas novidades sobre o frente, se sabiam algo sobre os meninos que foram para a batalha. Eles comentavam surpreendidos: O que deu nessa menina para ela também ir? Tinha tantos pretendentes, os meninos olhavam para ela nas feiras, suspiravam para tê-la, a queriam muito, e ela, em vez de fundar sua família e seu lar, optou pela trincheira e espingarda...

Essas opiniões agudas, ditas em vos alta só aumentavam a miséria de Danica.

[...]

Eu as olhava nas batalhas, com espingardas e bombas na mão, e nos hospitais, onde colocavam os soldados feridos no seu peito, como mães ou irmãs, e retirando-se pelas ravinas intransitáveis na Albânia, onde, das emboscadas, tiravam nas costas dos frágeis e quebrados da dor, e onde multidões morriam de fome e frio... Eu as olhava e as admirava! Sem medo, sem hesitar, sem lágrimas, ou suspiros! Não tinha o sacrifício que elas não poderiam fazer para sua pátria. Eram elas audaciosas filhas da Sérvia, mães e irmãs dos heróis de Cer e

Kolubara⁵¹, dos meus camaradas da guerra; para elas a pátria era mais importante do que a vida, e que, escolhendo entre a humilhação e a morte – escolheram a morte... – Anri Ogust Barbie, literário francês

As filhas mais novas de Danica, Miona de catorze anos e Slavka de quase doze, ajudavam a mãe com todas as tarefas domésticas, substituindo Milunka.

De noite, as amigas de Milunka, que já eram casadas e com filhos, se encontravam na frente da casa de Milunka e, com elas, Danica se lamentava:

- Tudo bem, sei por que Milan se foi. Ele é homem. E quando tem guerra – os homens têm que ir nos exércitos... Mas por que Milunka se foi? O que que ela está fazendo nesta maldita guerra? E por que não volta para casa de uma vez?

[...]

A nora Kata, a esposa de Milan, apenas entrou em casa e já tentou consolar Danica:

- Ela volta, mãe, eu digo para você. Você sabe como é Milunka! Esperta e ligeira... Se jogada dos céus de cabeça, primeiro ela se aterraria de pé. Se lembra quando, uma vez, se foi para a cidade de Kraljevo, comprou algodão, pegou o tear, e numa só noite teceu a saia para a feira? Somente ela teve uma saia tão linda!

- Sim – sorria Danica. – O tear é para mulher, o tear, e não espingarda! Será que a mãe aguentará até que a ver...

De alguma maneira, no meio da guerra, Milunka entrou na lenda...

Sua glória não vai passar.

Milunka Savić!

A lenda sobre a coragem dessa mulher persiste até hoje. E persistirá, com certeza, enquanto houver sérvios.

Nos campos de batalha, chamava a atenção dos repórteres de guerra. Tiravam fotos dela, e essas fotos eram publicadas nas capas de grandes revistas europeias.

Passou muito tempo desde que nos encontramos pela primeira vez. Faz uns bons quinze anos.

Velha casa no bairro Voždovac (Belgrado). Rua oito, casa número vinte e cinco.

⁵¹ A montanha Cer e o rio Kolubara, na Sérvia, são frentes onde aconteceram duas batalhas entre a Sérvia e a Áustria-Hungria, em agosto e dezembro de 1914, respectivamente.

A casa de Milunka Savić. Dentro, uma mulher idosa. Sozinha. Seu esposo faleceu faz tempo. A filha Milena, no hospital. Três filhas adotadas: Zorka, Višnja e Milka – todas têm suas famílias e casas, já por muito tempo.

A mulher idosa sozinha. Com sua história sobre a guerra onde cada palavra pode entrar na história.

Simplesmente, quis gerrear. Mas como? Sabia que não iria ser facilmente aceita. Teve uma ideia: cortou seus cabelos, colocou *šajkača*⁵², calça e *koporan*⁵³, e foi direto a Belgrado. Colocou-se na frente do sargento barbudo que alistava os voluntários. Estava na dúvida em relação com o nome: Milun ou Milutin? Ah, isso não importa, o que importa foi ser aceita.

- Quero uma espingarda! Disse com a voz rouca.

Lhe deram a espingarda.

Isso foi em 1912.

[...]

Subiu para o ranque de cabo e ganhou a primeira condecoração pela coragem. No entanto, descobriram seu segredo.

No último dia da batalha, liderando seu grupo de combate para o ataque, Milunka foi ferida. Tiraram-na do campo e levaram-na para hospital. Quando desabotoaram o *koporan* para tratar da ferida, entenderam a fraude: uma mulher...

Sua lembrança:

Aconteceu precisamente aquilo que temia mais. Só não quero que me firam, pensava. Bem, se for o caso, que seja na perna, ou no braço. Na cabeça também pode ser, acho. Que não seja no peito. Descobririam que sou mulher. A bala atingiu exatamente o peito. Quando despertei estava no hospital. Meu Deus, me lembro: o médico, homem idoso, tirou o meu corpete rapidamente para ver onde estava a ferida. Deu um passo atrás, assustado. Começou a pedir ajuda. Tudo perdido, pensei. Não posso mais me esconder. Não sou Milun, sou Milunka. Quiseram mandá-la logo para casa, mas ela ameaçou que ia se juntar com os *hajduci*.

Permitiram que ficasse. Não se brincava com ela.

Não se escondia mais: todos sabiam que era Milunka Savić. Tinham grande respeito por ela e a amavam.

⁵² *Šajkača* é uma toca tipicamente sérvia. Inicialmente era usada pelos militares, mas tem o seu uso na vida cotidiana também. Em ambos os casos, a toca é tradicionalmente usada pelos homens.

⁵³ Similarmente, o *koporan* era usado pelos homens. É um tipo de jaqueta tradicional.

Um dia, em 1914, chegou a notícia de que a poderosa monarquia preta e amarela declarou guerra à Sérvia.

Esperava ser chamada para combater.

Não a chamaram, mas ela não hesitou. Sabia que essa guerra não ia ser como aquela contra os turcos e os búlgaros, mas, mesmo assim, não tinha medo.

Não sabe explicar como foi que se deparou na frente do general Stepa Stepanović. Só sabe que ele nem quis ouvi-la.

- Para casa! – disse ele.

Não chegou a dizer que não queria ir para casa, que é cabo, que teve o encontro sangrento com os búlgaros, uma medalha para coragem...

Foi para a cidade de Kragujevac, falar pessoalmente com o chefe do comando supremo, o duque Radomir Putnik.

- Sou cabo do exército sérvio e quero minha posição nesta guerra, senhor duque! – disse ela resolutamente e de uma vez.

Sendo um guerreiro experiente, o duque percebeu que tinha à sua frente uma mulher jovem, mas determinada, e lhe disse suavemente:

- Bom, seja enfermeira! Seria uma pena morrer tão jovem.

- Não quero ser enfermeira! Quero uma espingarda!

- Então venha amanhã, e veremos! – disse o velho duque, pensando que a jovem iria mudar de opinião e voltar para casa.

- Ficarei aqui esperando sua resposta! – disse ela irreconciliavelmente.

No conselho da guerra no mesmo dia, o duque Putnik falou que uma moça insistiu em entrar no combate. O duque não falou o nome da moça.

O desejo de Milunka provocou risos dos comandantes mais velhos, risos esses que, sem dúvida, iam estragar tudo, se não fosse o major Voja Tankosić dizer:

- Se essa moça é Milunka Savić, deveríamos colocá-la numa das formações voluntárias. Ela já se destacou na guerra contra os búlgaros. É destemida, ligeira, ágil, engenhosa, sagaz...

No dia seguinte ela foi se encontrar com o duque Putnik de novo. O olhar dela dizia mais do que qualquer palavra.

- Bem, moça, se você quer combater, fala com o major Tankosić. Acharemos uma espingarda para você também...

De novo se lembra:

- Quando ele disse isso, quis beijar sua mão ou roupa, mas ele resistia. Quis mostrar, de uma forma, meu agradecimento infinito...

A partir desse momento passou mais do que quatro anos vestida de homem e com a espingarda nas mãos. Sobre os peitos carregava duas bandoleiras e mais uma em volta da cintura. Sem bombas não entrava em combate. E sabia jogá-las diretamente na trincheira alemã, esperando, contentemente, o som da explosão. Brevemente se tornou comandante da divisão da infantaria dos granadeiros.

Ganhou a primeira Estrela de *Karadorđe* no campo de batalha no rio Drina.

O campo de batalha fervendo... Os soldados, parecia, tinham asas: atravessaram o rio Drina, perseguindo os alemães. O sol estava ardendo, as baionetas refletindo a luz do sol... Os alemães viraram as costas – começaram se retirar, deixando para trás os seus mortos e feridos...

Milunka se descolou do seu grupo por um momento, subiu a pequena subida e jogou duas bombas... Explosão. A terra estremeceu...

Nesse momento apareceu aí um grupo de austríacos.

Se rendam! - Milunka gritou. - Se rendam!

Jogaram as suas espingardas no chão sem palavras, erguendo os braços.

Milunka os levou para o comandante do regimento e reportou:

- Senhor coronel, vinte alemães capturados!

[...]

Montando o cavalo, o comandante do regimento Dimitrije Mitić chegou na frente dos soldados, desceu do cavalo e se colocou em pé na frente deles, fez a saudação como sempre e perguntou:

-Soldados, quais peitos merecem levar a Estrela de *Karadorđe* com espadas?

O regimento gritou logo:

- O cabo Milunka Savić!

- Milunka Savić, três passos para frente! – foi o comando.

- Mal se mexeu. Pela primeira vez na sua vida sentiu um medo estranho.

Colocaram sobre seus peitos a Estrela de *Karadorđe* com espadas.

Ganhou a segunda como lance sargento depois da batalha de *Gorničevo* no frente de Tessalônica em 1916.

Sobreviveu nove feridas amargas.

-Guerra! Maldita guerra! Mata o corpo, tortura-o, esmaga-o, mas esmaga a alma também. E esse esmagamento da alma é pior do que o esmagamento do corpo. Minha alma

está cheia de cicatrizes. Levo-as desde aquele cruel outono e ainda mais cruel inverno, quando nos retirávamos pelas montanhas da Albânia, quando tinha morte a cada passo... Aí a minha alma doeu e essa dor nunca se foi... Centenas das pessoas dormiram para nunca mais acordarem. Em silêncio, sem uma palavra, sem oração, sem velas, com os últimos pensamentos dedicados à pátria, a mãe, a irmã, aos filhos que vão esperar por eles em vão...

Passo ao lado deles e sussurro: aí, Sérvia miserável, quem desejava ver-te crucificada – agora está te olhando, quem desejava ver-te queimando no fogo – que encha seus olhos agora... Você sabe, Sérvia, o que você está dando? Para quem? Por quê? Para salvar o país, para não sermos escravos! Mas por que devem morrer esses meninos que acabaram de amadurecer, e por que devem encarar esta morte tão cruel?

Mas olhe! Este povo não se rende ele corre para frente, metro por metro. [...] Para trás, morte! Para trás! Tenha piedade do futuro da Sérvia, deixe essas crianças crescerem e se lembrarem deste mal, deste inverno e desta fome, destes dedos congelados que saem dos *opanci*⁵⁴ e das meias rasgadas, destas mãos desgraçadas que andam de mão dada com um, e carregam outro filho...

[...]

Novas batalhas lhe trouxeram duas condecorações francesas, duas Ordens Nacionais da Legião de Honra e a *Croix de Guerre* com a palma dourada.

Trouxeram também nova ferida. Séria. Mandaram-na de novo para a cidade de Bizerta. Os regimentos sérvios e dos aliados, que corriam para a escravizada pátria Sérvia, pediam a Deus que lhe dê saúde...

A lembrança vem à toa:

-Veio um dia o comandante francês, o almirante Geprat, seus cabelos de cor cinza, sentou-se ao lado da minha cama, e com o carinho de pai me disse:

“Filha, melhore rápido, a França está te pedindo... “

Queria muito viver e combater. Tinha medo: os nossos íam derrubar o frente, íam voltar para a Sérvia, venceriam os regimentos alemães e búlgaros, os destruirão, e eu não estarei com eles, não verei a nossa vitória, não verei a nossa glória... Tomava remédios, pedia que tratassem frequentemente da minha ferida, engolia a comida para que ficasse de pé quanto antes possível. Mas aqui também, longe, na África, os soldados morriam, são cada vez menos

⁵⁴ *Opanak* (no plural *opanci*) é calçado tradicional sérvio e o símbolo nacional. O uso dos *opanci* é relacionado com o campo, mas hoje em dia é visto cada vez mais apenas como elemento do traje nacional folclórico. É usado igualmente pelos homens e pelas mulheres.

aqui, no hospital, e cada vez mais no cemitério, aqui perto. Até aqui a desgraçada Sérvia deixa os ossos dos seus filhos...

Chegou a hora de irmos para o frente de novo. Embarcamos no navio.

[...]

O navio navegava tranquilamente e a gente conversava quando, de repente, sentimos um golpe assustador. [...] Não havia dúvida nenhuma – estávamos afundando...

Deus, pensava, será possível que vou terminar assim no fundo do mar Mediterrâneo, servindo de comida para os peixes... Não, não, preciso me salvar, quero viver, quero ir ao frente... Grito, mas ninguém me ouve, porque os soldados pulavam nos barcos e desapareciam... Alguns pulavam no mar, nadando em direção à costa invisível, desaparecendo...

Eu vi quando o navio afundou. Pareceu que o mar se abriu, engolindo-o... Nunca soube quantos soldados morreram, quantos meninos, desejando o combate, ficaram no fundo do mar. A morte não me quis.

[...]

Lembra-se também:

As bandeiras, a liberdade, o canto, o *kolo*⁵⁵, a música... Os expulsos voltaram. Mas o mais doloroso ainda estava por vir: como dizer para essas mães e pais, para essas crianças em farrapos cujas casas foram feitas ruínas, para essas moças jovens alegres que carregam o pão com sal e meias de lã para nos dar as boas-vindas; como dizer para esse povo que está nos abraçando e nos beijando, colocando flores nos nossos cavalos; como responder à pergunta: Onde estão os nossos mais queridos?

[...]

Amarga vitória!

Depois de seis anos de guerra, voltei para o campo. Os meus estavam todos com vida e saúde. O irmão voltou também. Sem ferida nenhuma.

⁵⁵ *Kolo* é dança folclórica característica dos eslavos do sul. O nome deriva da formação circular em que a dança é performada. *Kolo* é dançado em vários tipos de cerimônias de celebração, como nos casamentos, eventos sociais e culturais.

Milunka viveu oitenta e quatro anos. Com sua vida, suas feridas e suas condecorações, é testemunha da perseverança do povo sérvio nos seus anos mais fatídicos. Foi enterrada no dia 7 de outubro de 1973, no Novo cemitério, em Belgrado.

LÁ LONGE TAMO DALEKO

Lá longe, Tamo daleko,
 Longe, longe do mar, Daleko od mora,
 Lá fica aldeia minha, Tamo je selo moje,
 lá fica Sérvia. Tamo je Srbiја.

(refrão) (рефрен)

Ah, porque chegou a noite O, зар је морала доћ`,
 A noite triste e má Та тужна, несрећна ноћ,
 Quando, querido meu, Када си, драгане мој,
 Você foi batalhar? Отиш`о у крвав бој?

Lá longe, Tamo daleko,
 Onde amarelo floresce limão, Где цвета лимун жут,
 Para o exército sérvio Tamo je српској војсци
 Essa foi a única opção Једини био пут.

Lá longe, Tamo daleko,
 Onde florece o branco lírio Где цвета бели крин,
 Lá juntos morreram Tamo су животе дали
 O pai com o seu filho. Заједно отац и син.

Na ilha do Corfu, Без отаџбине
 Eu vivi sem pátria, На Крфу живех ја,
 Mas sempre cantei alegre Али сам увек клиц`о
 “Viva a Sérvia!”⁵⁶ Живела Србија!

⁵⁶ Tradução livre nossa.